

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - CAMPUS DE BAURU
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do
Desenvolvimento e Aprendizagem

BÁRBARA CRISTINA RODRIGUES FONSECA

**PRÁTICAS EDUCATIVAS DE GENITORES E PROFESSORAS E
REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: ESTUDOS DE CASO**

BAURU
2012

BÁRBARA CRISTINA RODRIGUES FONSECA

**PRÁTICAS EDUCATIVAS DE GENITORES E PROFESSORAS E
REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: ESTUDOS DE CASO**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do Título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Lígia Ebner Melchiori e co-orientação da Prof^a. Dr^a. Alessandra Turini Bolsoni Silva.

Bauru
2012

Fonseca, Bárbara Cristina Rodrigues Fonseca.

Práticas educativas de genitores e professoras e repertório comportamental e crianças do ensino fundamental : estudos de caso / Bárbara Cristina Rodrigues Fonseca, 2012.
226 f.

Orientador: Lígia Ebner Melchiori

Coorientador: Alessandra Turini Bolsoni Silva

Dissertação (Mestrado) –Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2012.

1. Habilidades sociais educativas. 2. Habilidades sociais infantis. 3. Problemas de comportamento. 4. Desempenho acadêmico. 5. Crianças.
I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE BARBARA CRISTINA RODRIGUES FONSECA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.

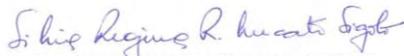
Aos 31 dias do mês de agosto do ano de 2012, às 10:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-graduação / FC, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. LIGIA EBNER MELCHIORI do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. EDNA MARIA MARTURANO do(a) Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia Médica / Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Usp, Profa. Dra. SILVIA REGINA RICCO L SIGOLO do(a) Departamento de Psicologia Da Educação / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de BARBARA CRISTINA RODRIGUES FONSECA, intitulada "PRÁTICAS EDUCATIVAS DE GENITORES E PROFESSORAS E REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTUDOS DE CASO". Após a exposição, a discente foi argüida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. LIGIA EBNER MELCHIORI



Profa. Dra. EDNA MARIA MARTURANO



Profa. Dra. SILVIA REGINA RICCO L SIGOLO

AGRADECIMENTOS

À Deus...por estar presente em todos os momentos...

À minha mãe, que sempre me encorajou a lutar e a buscar os meus sonhos.

Ao Eduardo, por me acompanhar e incentivar nessa trajetória de buscas e conquistas. Obrigada pela compreensão nos muitos momentos em que eu precisei me ausentar.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e estiveram comigo nesta jornada, que entenderam muitas ausências em momentos familiares.

Meus agradecimentos especiais à Prof^a Dr^a Lígia Ebner Melchiori, por seus preciosos ensinamentos e potencializar os meus recursos, fazendo com que eu me superasse e não desistisse diante de muitas condições adversas. Seus incentivos, respeito e votos de confiança foram presentes durante toda a minha caminhada.

À Prof^a Dr^a Alessandra Turini Bolsoni Silva pelo acolhimento inicial e as valiosas contribuições em toda a minha trajetória acadêmica.

À Prof^a. Dra. Edna Maria Marturano e Prof^a Dr^a Sílvia Regina Ricco Lucato Sigolo, que aceitaram o convite para compor as bancas de qualificação e defesa e pela competência nas sugestões e valiosas contribuições.

Agradecimentos aos docentes do Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem e aos funcionários da Faculdade de Ciências.

Agradeço à equipe da escola participante da pesquisa: direção, coordenação, professores, pais e alunos. Vocês colaboraram imensamente para a concretização deste trabalho! Obrigada por abrirem os seus lares e os seus corações.

Muito obrigada...

FONSECA, B. C. R. Práticas Educativas de genitores e professoras e repertório comportamental de crianças do ensino fundamental: estudos de caso. 2012. 226.f. Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem)- UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2012.

RESUMO

Vários estudiosos têm constatado a importância das Habilidades Sociais Educativas (HSE) de genitores e professores e sua relação com a prevenção do surgimento de problemas de comportamento em crianças. Por outro lado, seu déficit ou a utilização de práticas educativas negativas podem aumentar a probabilidade de desenvolvimento e/ou manutenção de problemas de comportamento infantis. Este estudo teve como objetivo descrever as habilidades sociais educativas (HSE) e práticas negativas das professoras e genitores de crianças, com e sem problemas de comportamento, e também as habilidades sociais (HS), desempenho acadêmico e problemas de comportamento infantis. Participaram quatro crianças de séries iniciais do ensino fundamental de uma escola do interior paulista, duas julgadas sem problemas de comportamento e duas com problemas, segundo a visão das professoras. Os dados foram coletados na escola e na família e são apresentados como quatro estudos de caso. Com as professoras foram utilizados o TRF (Teacher`s Report Form - Lista de Verificação Comportamental para Professores) e o Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas para Professores (RE-HSE-PR). Com as mães, foi utilizado o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar e; em ambos os genitores foram aplicados o CBCL (Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência para pré-escolares e escolares de 4 a 18 anos) e o Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P). Além desses instrumentos, também foi realizada a observação de uma situação estruturada de brincadeira entre pai-criança e mãe-criança com a finalidade de descrever os comportamentos dos genitores e das crianças. Descreve-se aqui os principais resultados obtidos. Em relação aos problemas de comportamento e desempenho acadêmico os resultados encontrados apontam que: (a) as mães foram mais severas ao avaliarem seus filhos sem problemas de comportamento do que as professoras; (b) a professora das crianças com problemas de comportamento identificou mais comportamentos problemáticos nos alunos do que seus genitores; (c) as mães tenderam a pontuar mais comportamentos problemáticos nos filhos do que os pais e; (d) as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram mais comportamentos problemáticos do que as sem essa dificuldade. Os resultados referentes às HSE, práticas negativas e HS infantis indicam que: (a) todas as crianças apresentaram HS; (b) as mães atribuíram aos filhos mais comportamentos de HS do que os pais; (c) os pais das quatro crianças apresentaram repertório pobre em HSE, mas pelo menos um dos genitores apresentou uma variedade de contextos positiva; (d) todos os genitores relataram usar práticas educativas negativas para educar os seus filhos, porém os das crianças com problemas de comportamento faziam maior uso dessas práticas; (e) as professoras apresentaram HSE não clínicas em relação às crianças e também em relação à qualidade de contextos, apesar de utilizarem práticas negativas; (f) as professoras apresentaram maior frequência de comportamentos de HSE na categoria “comunicação e negociação” do que na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento”; (g) as professoras exercem práticas diferenciadas entre os alunos, ou seja, foram mais habilidosas com as crianças não clínicas e mais punitivas com as que apresentavam problemas de comportamento. Comparando os resultados obtidos nos relatos orais e nas observações destaca-se que: (a) na situação de observação ocorreu maior emissão de comportamentos socialmente habilidosos nas diádes

mães-crianças sem problemas de comportamento, e nas díades pais-crianças de crianças com problemas de comportamento; (b) nas situações de

brincadeira, foi possível verificar, nas díades mães-crianças avaliadas como sem problemas de comportamento, uma maior frequência de comportamentos nas categorias de HSE; nas díades que envolveram as crianças com problemas de comportamento, ocorreu o contrário, os pais apresentaram uma quantidade maior de HSE; (c) as crianças apresentaram uma maior frequência de HS na categoria de “expressão de sentimento e enfrentamento”; (d) e seus genitores apresentaram mais HSE na categoria “comunicação e negociação”; (e) em relação às HSE dos genitores observou-se uma maior variedade de comportamentos obtidos na situação de brincadeira do que no relato oral; (f) foi verificada uma complementaridade entre os dados obtidos através do relato oral e da observação entre genitores e filhos. Considerando a escassez de literatura brasileira que descreve o repertório comportamental infantil relatado por diferentes interlocutores como professores, pais e mães e em ambientes distintos, e a utilização de vários instrumentos de coleta de dados aliados à situação de observação, esse estudo pode contribuir para uma melhor compreensão desses aspectos e indicar necessidades de pesquisas futuras.

Palavras-chave: Habilidades Sociais Educativas. Habilidades Sociais infantis. Problemas de comportamento. Desempenho Acadêmico. Crianças.

ABSTRACT

Many scholars have noted the importance of Social Educational Abilities (SEA) of parents and teachers and its relation with the prevention of the appearing of behavior problems in children. On the other hand, its deficit or the use of negative educational practices can increase the probability of development and / or maintenance of the child behavioral problems. This study had to objective to describe the social educacional abilities and negative practices of the teachers and parents of children with and without behavior problems, and also social abilities (SA), academic performance and behavior problems in children. Four children of the class begginers of elementary school of the a school participated, two judged without behavior problems and two with problems, according to the view of the teachers, their parents and two teachers. Data were collected at school and in the family and are presented as four case studies. With the teachers were utilized TRF (Teacher `s Report Form - Behavior Checklist for Teachers) and Interview Script Social Abilities for Teachers Education (RE-HSE-PR). With the mothers, we used the Questionnaire and Family Characteristics, in both parents were administered the CBCL (Behaviors With Inventory for Children and Adolescents for preschoolers and schoolchildren aged 4 to 18 years) and the Guide Interview Parental Social Educational Abilities (RE-HSE-P). Besides these instruments, it was also the observation of a structured situation of play between father-child and mother-child with the purpose of the describing the behavior of parents and children. Describes here the main results. In relation to behavior problems and academic performance the results show that: (a) mothers were more severe in assessing their children without behavior problems than teachers, (b) teacher of children with behavioral problems identified more behaviors problematic in students than their parents, (c) mothers pointed more behavior problems in their children than fathers, and (d) children with learning difficulties had more behavior problems than those without this difficulty. The results for the SEA, negative practices and infant SA indicate that: (a) all children had SA, (b) mothers attributed their children behaviors more SA than fathers, (c) the fathers of four children showed repertory SEA poor, but one parent had a variety of positive contexts, (d) all parents reported using negative educational practices to educate their children, but the children with behavior problems were greater use of these practices; (e) teachers showed no clinical SEA in relation to children and also about the quality of contexts, in spite of using negative practices, (f) the teachers had a higher frequency of behaviors SEA in category "communication and negotiation" than in Class " expression of feeling and coping ", (g) the teachers exert different practices among students, in other words, were more skilled with no clinical children and more punitive to those who had behavior problems. Comparing the results obtained in oral reports and observations highlight that: (a) the situation of observation occurred biggest issue of social abilities behaviors in mother-child dyads without behavior problems, and father-child dyads in children with problems behavior, (b) in situations of play, it was verified, in dyads mother-evaluated as children without behavior problems, a higher frequency of behaviors in the categories of SEA, in dyads involving children with behavior problems, the opposite occurred fathers showed a greater amount of SEA, (c) children had a higher frequency of SA in the category of "expression of feeling and coping", (d) and their parents showed more SEA in category "communication and negotiation"; (e) in relation to SEA fathers observed a greater variety of behaviors obtained in the play situation than in the oral report, (f) was observed complementarity between data obtained through observation and oral accounts between parents and children. Considering the scarcity of Brazilian literature that describes the behavioral repertoire child reported by different interlocutors as teachers, parents and in different environments, and the use of various data collection tools coupled

with the observation situation, this study may contribute to a better understanding these aspects and indicate future research needs.

Keywords: Social Educational Abilities. Children's Social Abilities. Behavior problems. Academic Performance. Children.

Lista de Tabelas

Tabela 1- Classificação do TRF para as crianças avaliadas pela professora do 1º ano.....	56
Tabela 2- Classificação do TRF para as crianças avaliadas pela professora do 2º ano	58
Tabela 3- Resultado da avaliação do comportamento do André segundo os diferentes avaliadores	72
Tabela 4- Análise (por itens) dos comportamentos problemáticos apresentados por André conforme percepção dos genitores (CBCL) e professora (TRF).....	72
Tabela 5- Habilidades sociais educativas e práticas negativas dos genitores e da professora, variedade de contextos e habilidades sociais e problemas de comportamento do André (RE-HSE-P e RE-HSE-PR)	74
Tabela 6- Habilidades sociais educativas da professora e habilidades sociais do André, avaliadas através de relato oral da docente.....	76
Tabela 7- Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora avaliadas através de relato oral da docente	78
Tabela 8- Práticas educativas negativas da professora e problemas de comportamento do André, avaliados através de relato oral da docente	79
Tabela 9- Habilidades Sociais Educativas dos genitores e habilidades sociais do André, avaliados através de relato oral.....	81
Tabela 10- Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores, avaliadas através de relato oral	82
Tabela 11- Práticas educativas negativas dos genitores e problemas de comportamento do André, avaliados através de relato oral.....	83
Tabela 12- Habilidades sociais educativas e habilidades sociais infantis nas díades pai- André e mãe- André em situação de observação	85
Tabela 13- Habilidades sociais educativas dos genitores do André, avaliadas através de relato oral e da observação.....	88
Tabela 14- Habilidades sociais do André avaliadas através de relato oral dos genitores e observação	89
Tabela 15- Problemas de comportamento do André, avaliados através de relato oral dos genitores e da observação	90

Tabela 16- Resultado da avaliação do comportamento da Beatriz segundo os diferentes avaliadores	93
Tabela 17- Análise (por itens) dos comportamentos problemáticos apresentados por Beatriz conforme percepção dos genitores (CBCL) e professora (TRF)	93
Tabela 18- Habilidades sociais educativas e práticas negativas dos genitores e da professora, variedade de contextos e habilidades sociais e problemas de comportamento da Beatriz (RE-HSE-P e RE-HSE-PR).....	95
Tabela 19- Habilidades sociais educativas da professora e habilidades sociais da Beatriz, avaliadas através de relato oral da docente	97
Tabela 20- Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora, avaliadas através de relato oral da docente.....	99
Tabela 21- Práticas educativas negativas da professora e problemas de comportamento da Beatriz, avaliados através de relato oral da docente	100
Tabela 22- Habilidades sociais educativas dos genitores e habilidades sociais da Beatriz, avaliados através de relato oral	101
Tabela 23- Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores, avaliadas através de relato oral	103
Tabela 24- Práticas educativas negativas dos genitores e problemas de comportamento da Beatriz, avaliados através de relato oral	104
Tabela 25- Habilidades sociais educativas e habilidades sociais infantis nas díades pai-Beatriz e mãe- Beatriz em situação de observação	106
Tabela 26- Habilidades sociais educativas dos genitores avaliadas através de relato oral e da observação.....	108
Tabela 27- Habilidades sociais da Beatriz avaliadas através de relato oral e observação..	109
Tabela 28- Resultado da avaliação do comportamento do Caio segundo os diferentes avaliadores	124
Tabela 29- Análise (por itens) dos comportamentos apresentados por Caio conforme percepção dos genitores (CBCL) e professora (TRF).....	125
Tabela 30- Habilidades sociais educativas e práticas negativas dos genitores e da professora, variedade de contextos e habilidades sociais e problemas de comportamento do Caio (RE-HSE-P e RE-HSE-PR)	127

Tabela 31- Habilidades sociais educativas da professora e habilidades sociais do Caio, avaliadas através de relato oral da docente	129
Tabela 32- Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora, avaliados através de relato oral da docente	131
Tabela 33- Práticas educativas negativas da professora e problemas de comportamento do Caio, avaliados através de relato oral da docente	133
Tabela 34- Habilidades sociais educativas dos genitores e habilidades sociais do Caio avaliados através de relato oral	134
Tabela 35- Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores do Caio, avaliados através de relato oral	136
Tabela 36- Práticas educativas negativas dos genitores e problemas de comportamento do Caio avaliados através de relato oral	137
Tabela 37- Habilidades sociais educativas e habilidades sociais infantis nas díades pai-Caio e mãe- Caio em situação de observação.....	139
Tabela 38- Habilidades sociais educativas dos genitores avaliadas através de relato oral e observação	141
Tabela 39- Habilidades sociais do Caio avaliadas através de relato oral e observação	142
Tabela 40- Problemas de comportamento do Caio avaliados através de relato oral e da observação	143
Tabela 41- Resultados da avaliação do comportamento da Daiane segundo os diferentes avaliadores	146
Tabela 42- Análise (por itens) dos comportamentos apresentados por Daiane conforme percepção dos genitores (CBCL) e professora (TRF).....	147
Tabela 43- Habilidades sociais educativas e práticas negativas dos genitores e da professora, variedade de contextos e habilidades sociais e problemas de comportamento da Daiane (RE-HSE-P e RE-HSE-PR).....	150
Tabela 44- Habilidades sociais educativas da professora e habilidades sociais da Daiane, avaliadas através de relato oral da docente	152
Tabela 45- Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora da Daiane avaliadas através de relato oral da docente	154

Tabela 46- Práticas educativas negativas da professora e problemas de comportamento da Daiane avaliados através de relato oral da docente	155
Tabela 47- Habilidades sociais educativas dos genitores e habilidades sociais da Daiane avaliadas através de relato oral.....	157
Tabela 48- Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores da Daiane, avaliadas através de relato oral.....	158
Tabela 49- Práticas educativas negativas dos genitores e problemas de comportamento da Daiane avaliados através de relato oral.....	159
Tabela 50- Habilidades sociais educativas e habilidades sociais infantis nas díades pai- Daiane e mãe- Daiane em situação de observação.....	161
Tabela 51- Habilidades sociais educativas dos genitores avaliadas através do relato oral e da situação de observação.....	162
Tabela 52- Habilidades sociais infantis da Daiane avaliadas através do relato oral dos genitores e das situações de observação	164
Tabela 53- Problemas de comportamento da Daiane avaliados através do relato oral dos genitores e da observação	165

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO	20
Fatores de risco e proteção para o desenvolvimento infantil.....	20
Habilidades Sociais, Práticas Educativas e Problemas de Comportamento	28
Delineamentos para estudos com famílias e crianças.....	45
Objetivos.....	52
MÉTODO	54
Locais de realização da pesquisa	54
Participantes	54
Percurso amostral	55
Instrumentos utilizados	59
Com as professoras	60
Com os genitores	61
A observação	63
Procedimentos para a coleta dos dados	64
Procedimentos de tratamento e análise de dados.....	66
RESULTADOS	68
Crianças avaliadas como sem problemas de comportamento	69
André: família e escola	70
Caracterização do Sistema Familiar	70
Avaliação dos comportamentos do André na família e na escola	71
Avaliação dos comportamentos do André, na família e na escola, e de seus genitores e professora	73
Comportamentos das díades no relato oral e na observação	75

Avaliação segundo a professora	75
Avaliação segundo os genitores	80
Descrição dos dados coletados no relato oral e na situação de observação	87
Beatriz: família e escola	91
Caracterização do Sistema Familiar	91
Avaliação dos comportamentos da Beatriz na família e na escola.....	92
Avaliação dos comportamentos da Beatriz, na família e na escola, e de seus genitores e professora	94
Comportamentos nas díades no relato oral e na situação de observação	96
Avaliação segundo a professora	96
Avaliação segundo os genitores	101
Descrição dos dados coletados no relato oral e na situação de observação	108
Síntese dos resultados (crianças avaliadas como sem problemas de comportamento)	111
Crianças avaliadas como com problemas de comportamento	121
Caio: família e escola	122
Caracterização do Sistema Familiar	122
Avaliação dos comportamentos do Caio na família e na escola.....	123
Avaliação dos comportamentos do Caio, na família e na escola, e de seus genitores e professora	126
Comportamentos das díades no relato oral e na observação	128
Avaliação segundo a professora	128
Avaliação segundo os genitores	134
Descrição dos dados coletados no relato oral e na situação de observação	140
Daiane: família e escola	144
Caracterização do Sistema Familiar	144
Avaliação dos comportamentos da Daiane na família e na escola	145

Avaliação dos comportamentos da Daiane, na família e na escola, e de seus genitores e professora	149
Comportamentos das díades no relato oral e na observação	151
Avaliação segundo a professora	151
Avaliação segundo os genitores	156
Descrição dos dados coletados no relato oral e na situação de observação	162
Síntese dos resultados (crianças avaliadas como com problemas de comportamento).....	166
DISCUSSÃO	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
REFERÊNCIAS	198
APÊNDICES	216
ANEXOS	225

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho surgiu da minha experiência pessoal como professora do ensino fundamental e psicóloga clínica onde pude verificar a grande quantidade de crianças com problemas de comportamento em diferentes contextos, como familiar e escolar, e muitos adultos com baixo repertório de habilidades sociais. O aprendizado das habilidades sociais ocorre desde a infância, como consequência da interação da criança com seus pais, colegas, professores e demais adultos. A literatura existente sobre Habilidades Sociais em crianças, principalmente em artigos científicos publicados no Brasil nos últimos dez anos (BOLSONI-SILVA; BOLSONI-SILVA, 2003; BOLSONI-SILVA; BARBOSA, 2009; BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2007, 2008; BOLSONI-SILVA; OISHI, 2003; DEL PRETTE, 2002; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005) concluíram que, as habilidades sociais e práticas educativas dos pais e professores ao interagirem e educarem as crianças parecem ser fundamentais para a promoção de comportamentos considerados socialmente desejados. Esses autores também concordam quanto à eficácia das intervenções junto à cuidadores em diversos casos de problemas de comportamento infantis. Porém, para uma efetiva intervenção torna-se importante descrever os repertórios comportamentais de pais e filhos. Assim, os dados obtidos em pesquisas podem auxiliar tanto na prevenção do surgimento dos problemas de comportamentos, quanto na elaboração de programas interventivos para a redução dessas dificuldades.

A reflexão pessoal que se seguiu, permitiu-me inicialmente a realização de um levantamento bibliográfico, onde pude constatar que, apesar da importância de se caracterizar os comportamentos de pais e filhos para a elaboração de estratégias interventivas condizentes com a nossa população, existem algumas lacunas no que se refere a caracterizar repertórios de pais e crianças a partir de diferentes informantes e contextos, pois são escassos no Brasil

estudos nessa direção (BOLSONI-SILVA *et al.*, 2006; BOLSONI-SILVA, PAIVA E BARBOSA, 2009). Além do mais, estudos realizados nos últimos cinco anos (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2007; 2008; BOLSONI-SILVA; PAIVA; BARBOSA, 2009) apontaram para o grande número de pesquisas efetuadas apenas com dados obtidos a partir do relato verbal de pais e professores e que não correspondiam, necessariamente, com o que realmente faziam na prática. Neste caso, acrescenta-se a possibilidade dos relatos realizados por meio de questionários, entrevistas e inventários serem influenciados pela desejabilidade social, apresentando-se como uma variável passível de interferência nos resultados obtidos. Desta forma, foram encontrados estudos (BOLSONI-SILVA *et al.*, 2006; BOLSONI-SILVA *et al.*, 2009; BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2007) que sugeriram que novas pesquisas fossem conduzidas de forma a utilizar outros instrumentos de avaliação. Partindo dessas sugestões, esta pesquisa, utilizou, além dos relatos dos pais, a metodologia observacional por meio de vídeo-filmagem, tendo sido esta muito útil para acrescentar dados em pesquisas já realizadas. A imagem oferece à prática de observação e descrição, um maior grau de exatidão na coleta de informações, pois, ao se examinar e interpretar os dados repetidas vezes o pesquisador descobre um novo olhar.

No entanto, apesar das vantagens obtidas com o uso dos recursos tecnológicos, os instrumentos que se baseiam em relatos, isto é, no comportamento verbal, também foram utilizados porque ajudam a entender o comportamento presente, uma vez que auxiliam na descrição de situações da história passada do indivíduo e permitem trabalhar, de uma única vez, com um conjunto de variáveis que podem ajudar na delimitação de comportamentos que poderão, então, serem observados e manipulados experimentalmente (CARRARA; BOLSONI-SILVA, 2007).

Este estudo, ao utilizar instrumentos como questionários e entrevistas e, adicionalmente, a estratégia da observação por meio de vídeo-filmagem, contribuirá para a

caracterização das habilidades sociais, práticas educativas negativas de professores e genitores e repertório comportamental de escolares. A presente pesquisa propõe ainda contribuir para que, a partir dos resultados alcançados, psicólogos e pedagogos, promovam efetivas intervenções para a promoção de habilidades sociais em crianças junto a pais, mães e professores.

INTRODUÇÃO

Na primeira seção são apresentados alguns fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento infantil. Um dos fatores considerados de proteção são as Habilidades Sociais Educativas (HSE), utilizadas por genitores e professores nas interações com seus filhos ou alunos, que podem, segundo alguns pesquisadores (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001; GOMIDE, 2003; SILVA, 2000; PATTERSON; REID; DISHION, 1992, 2002, entre outros), prevenir o surgimento de problemas de comportamento. Por outro lado, segundo esses mesmos autores, a falta de HSE ou o uso de práticas educativas negativas podem aumentar a chance do desenvolvimento e ou a manutenção dos problemas de comportamento das crianças. Na segunda seção apresenta-se resumidamente o que a literatura traz a respeito das HSE e práticas educativas negativas dos professores e genitores e também sobre os problemas de comportamento infantis. A seguir, na terceira seção apresentam-se delineamentos de pesquisas que vêm sendo utilizados em estudos com famílias e crianças. Verifica-se que a metodologia adotada pelos pesquisadores nesses estudos é muito ampla, uma vez que são utilizados diferentes instrumentos, escolhidos a partir dos objetivos e objetos de pesquisa: lista de verificações, questionários, entrevistas, etc. Além dos instrumentos citados, alguns estudos utilizam ainda a observação como uma maneira muito fidedigna para se coletar dados. Para finalizar a introdução apresentam-se os objetivos desta pesquisa.

Fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento infantil

Cada período do ciclo da vida, de acordo com Masten e Coatsworth (1998), traz para a criança novas tarefas a serem cumpridas, que são acompanhadas tanto de fatores potenciais de risco biopsicossocial como de oportunidades para o crescimento. Segundo esses

autores, o desempenho acadêmico, o ajustamento ao ambiente escolar, a capacidade de formar laços de amizade e a adesão às regras da sociedade para comportamento moral e conduta pró-social têm sido considerados como tarefas de desenvolvimento da meninice, compreendida entre seis e doze anos de idade.

A meninice é considerada um período de consolidação das conquistas cognitivas e sócio-emocionais alcançadas no final dos anos pré-escolares. É uma fase crucial devido ao acúmulo de novas demandas, acadêmicas e interpessoais, com que a criança se defronta a partir do ingresso no ensino fundamental (D'AVILA-BACARJI; MARTURANO; ELIAS, 2005). A importância da experiência escolar nos processos de ajustamento, durante essa etapa do ciclo da vida, pode ser apreciada à luz do conceito de tarefa de desenvolvimento. A noção implica em um conjunto de critérios, alguns universais e outros específicos de determinada cultura ou momento histórico, através dos quais se avalia a competência da criança no enfrentamento dos desafios psicossociais típicos de cada etapa (MASTEN; COATSWORTH, 1998).

O conceito de tarefa de desenvolvimento, segundo D'Avila-Bacarji *et al.* (2005), é uma ferramenta útil em vários aspectos e pode ser empregado não só como critério de competência, mas também para definir fatores de risco e proteção nas diversas etapas do desenvolvimento.

A definição de fator de risco é um consenso entre os pesquisadores, ou seja, é uma variável ambiental ou contextual que aumenta a probabilidade da ocorrência de algum efeito indesejável no desenvolvimento (EISENSTEIN; SOUZA, 1993; MASTEN; COATSWORTH, 1995). Para Gamerzy (1985), os fatores de risco aumentam a chance de a criança desenvolver uma desordem emocional ou comportamental. Tais fatores podem incluir atributos biológicos e genéticos da criança e ou da família, bem como fatores da comunidade que influenciam tanto o ambiente da criança quanto o de sua família. A exposição a fatores de risco pode

afetar negativamente o desenvolvimento da criança trazendo problemas, principalmente, de comportamento (FERREIRA; MARTURANO, 2002; HOROWITZ, 1992; CONGER, GE, ELDER, LORENZ; MELO, 1999; SIMONS, 1994). Ainda, os riscos psicossociais, quando combinados a outros, tendem a modelar “o repertório infantil tanto no desenvolvimento de problemas comportamentais e emocionais quanto na aquisição de comportamentos adequados” (MELO, 1999, p. 4).

Ferreira e Marturano (2002) pesquisaram associações entre contextos de risco e problemas de comportamento em 141 crianças com baixo desempenho escolar. As informações sobre as adversidades foram fornecidas pelas mães. As crianças foram divididas em dois grupos: um de crianças com problemas de comportamento e outro de crianças sem queixas de problemas de comportamento. As autoras constataram que as crianças do grupo com problemas de comportamento possuíam menos recursos e maior número de adversidades, que envolviam principalmente o ambiente familiar. Eram frequentes nesse grupo: problemas nos relacionamentos interpessoais, falhas parentais quanto à supervisão/monitoramento e suporte, menor investimento dos pais no desenvolvimento da criança, práticas punitivas e modelos adultos agressivos.

O impacto negativo do nível socioeconômico sobre a saúde mental da criança tem sido comumente relatado na literatura. Alguns estudos realizados em amostras brasileiras constataram uma relação significativa entre o nível socioeconômico e a ocorrência de problemas de comportamentos das crianças (BANDEIRA *et al.*, 2006; COSTELLO *et al.*, 2003). Segundo Borsa e Bandeira (2011), a renda familiar é uma variável que apresenta forte relação com a classificação "clínica" para problemas de comportamento. A diferença foi encontrada, principalmente, entre pais e mães com renda menor que dois salários mínimos; verificou-se ainda que as crianças da classe mais baixa apresentaram probabilidade 8,2 vezes maior de desenvolver problemas de comportamento.

Ainda dentro da noção de risco, alguns fatores podem afetar o desenvolvimento da criança, destacando-se: experiências intergeracionais aprendidas sobre habilidades parentais, (GURALNICK, 1998); pais portadores de deficiência mental (AIELLO; BUONADIO, 2003; TURBULL; TURBULL, 1990; WILLIAMS, 2003; SANTOS, 2001), baixa escolaridade dos pais, famílias numerosas, ausência de um dos pais, depressão materna, abuso de drogas (BARNETT, 1997; GURALNICK, 1998; FOX; BENSON, 2003); baixo nível educacional dos pais; habitação superlotada; pais com doença psiquiátrica; história de delinquência dos pais; problemas conjugais (conflitos frequentes, separação, distância emocional); maternidade/paternidade precoces; rejeição da gravidez; falta de apoio e integração social (falta de amigos e de ajuda no cuidado da criança); dificuldades severas crônicas (desemprego/doença) e falta de capacidade de lidar com problemas (RUTTER, 1987; SROUFE, 2000). Cabe lembrar ainda que, habitar casa pequena para o número de moradores é uma ameaça ao bem-estar da família e, portanto, uma condição adversa para o desenvolvimento (GALLO; WILLIAMS, 2008; VELTMAN; BROWNE, 2001).

Outro fator de risco a ser considerado é o uso ou abuso do álcool pelos genitores de crianças. Segundo Hill *et al* (1999) parece haver interligação entre o abuso de álcool, maiores índices de problemas de comportamento e desordens afetivas e baixo rendimento escolar. Resultados semelhantes foram encontrados em meninos, entre 6 e 12 anos, filhos de pais que abusam do álcool, quando examinadas a associação entre alcoolismo parental e estabilidade de problemas de comportamento em crianças (CARBONNEAU *et al.*, 1998). Esses meninos apresentaram mais agressão física, oposicionismo, hiperatividade e ansiedade do que filhos de não alcoolistas. Carbonneau *et al* (1998) ainda destacaram que problemas de comportamento em filhos de alcoolistas surgem em idade mais precoce e tendem a persistir por mais tempo, tanto para meninas quanto para meninos. No entanto, há crianças resistentes a esse fator de estresse familiar, o que foi verificado por Vitaro *et al.* (1996) que encontraram

tanto filhos de alcoolistas sem problemas de comportamento como filhos de não-alcoolistas, com bom desempenho escolar e menos problemas como abuso de substâncias, delinquência, e problemas escolares.

Por outro lado, os fatores de proteção podem ser definidos como aqueles que modificam ou alteram a resposta pessoal para algum risco ambiental que predispõe a resultado mal adaptativo, como por exemplo, o temperamento da criança e sua habilidade de resolução de problemas (RUTTER, 1985). Tais fatores são compreendidos ainda como condições ou variáveis que diminuem a probabilidade de o indivíduo desenvolver problemas de internalização ou externalização tais como a depressão, agressão, raiva, desordem de conduta, crueldade para com animais, entre outros (HOLDEN *et al.*, 1998).

Rae-Grant *et al.* (1989) identificaram como fatores de proteção da criança o temperamento positivo, a inteligência acima da média e a competência social (realização acadêmica, participação e competência em atividades, habilidade de se relacionar facilmente, alta autoestima e senso de eficácia). Como fatores familiares favoráveis, os autores destacaram o suporte dos pais, a proximidade da família e um ambiente de regras adequado. Finalmente, como fatores da comunidade, os autores enfatizaram os relacionamentos que a criança apresenta com seus pares, com outros adultos significativos e com instituições com as quais mantem contato.

Werner (1998) aponta também como fator de proteção o vínculo afetivo com um cuidador alternativo, tal como os avós ou irmãos, que podem se tornar um suporte importante nos momentos de estresse, promovendo, também, a competência, a autonomia e a confiança da criança. Werner destaca como fator de proteção as crenças religiosas (independentemente da religião) que oferecem à criança a convicção de que sua vida possui um sentido e um senso de enraizamento e de coerência.

Os amigos e a escola também são citados como fatores de proteção importantes, no sentido de fornecerem suporte emocional e, os professores em especial, podem vir a ser um modelo positivo de identificação pessoal para a criança (WERNER, 1998). Os suportes sociais recebidos pelos membros familiares são fundamentais para a manutenção da saúde física e mental, enfrentamento de situações estressantes e promoção de efeitos benéficos nos processos fisiológicos relacionados aos sistemas cardiovascular, endócrino e imunológico (BASIC BEHAVIORAL SCIENCE TASK FORCE OF THE NATIONAL ADVISORY MENTAL HEALTH COUNCIL, 1996; UCHINO *et al.*, 1996). Hashima e Amato (1994) analisaram os dados de 1.035 dos 13.000 respondentes do Levantamento Nacional de Famílias e Atividades Domésticas, realizado pelo Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Temple, no período de 1987-1988. Esses autores encontraram uma relação significativa entre suporte social percebido e renda familiar, isto é, o suporte percebido foi negativamente associado com relatos de comportamentos punitivos dos genitores em relação aos filhos, principalmente em famílias de baixa renda. Portanto, o suporte social diminui a probabilidade de ocorrência de comportamentos disfuncionais (punitivos e/ou não-apoiadores) em famílias de diferentes níveis sócio-econômicos, sendo particularmente benéfico para genitores provenientes de classes sociais menos favorecidas.

Há que considerar, ainda, os contextos onde a criança se desenvolve que também podem contribuir para a competência, em maior ou menor grau e, também, para a vulnerabilidade aos riscos, tanto aqueles inerentes a cada fase, como os decorrentes de circunstâncias de vida adversas ao desenvolvimento. Segundo D'avila et al. (2005) a família e a escola são os principais sistemas de suporte com que a criança conta para enfrentar os riscos de cada fase do ciclo vital ou decorrentes de circunstâncias de vida adversas ao desenvolvimento.

A família pode ser tanto um fator de proteção como de risco (HAWLEY; DeHANN, 1996). Esta aparente ambiguidade é justificada quando se considera a família como o grupo social básico da criança, cuja função e estrutura são determinantes em seu desenvolvimento. As relações entre pais e filhos, por exemplo, são caracterizadas por uma enorme complexidade, sendo, então, indispensável à promoção, por parte dos cuidadores, de um ambiente incentivador, protetor e seguro, no qual as pessoas possam aprender e se desenvolver. A família protetora proporciona o alicerce necessário para a socialização. Famílias que apresentam coesão, aconchego, continência e estabilidade, nas quais as relações são permeadas por afeto, equilíbrio de poder, cuidados adequados, senso de pertencimento e disciplina consistente são mais propensas a ter membros saudáveis emocionalmente. O apoio familiar, durante situações de estresse, pode ajudar as crianças a manter um senso de estabilidade e rotina frente a mudanças (HERMAN-STAHLE; PETERSEN, 1996; STEINBERG, 1999;), mesmo que o relacionamento positivo seja com apenas um dos pais (PTACEK, 1996).

A escola, por sua vez, é um contexto desenvolvimental que possui papel fundamental na socialização infantil; participa da regulação da atenção, emoções, aprendizagem e comportamentos (ECCLES; ROESER, 1999). Nesse contexto, as crianças experienciam inúmeras situações: relações entre pares, grupos, amizade, competição, rivalidade, aprendizagem e descoberta do novo, entre tantas outras. A escola pode funcionar como um fator de proteção infantil, uma vez que pode promover a auto-estima e auto-eficácia das crianças, capacitando-as em habilidades sociais, além de influenciar o relacionamento entre o grupo de iguais por meio de normas e regras da cultura da instituição (LISBOA, 2005). Crianças oriundas de famílias de nível socioeconômico muito baixo, de acordo com Rutter (1993), conseguem desenvolver projetos futuros de uma forma melhor quando vivenciam experiências positivas na escola.

A escola, para Marturano e Loureiro (2003, p. 262)

“funciona como um marco de inserção que reproduz e atualiza o contexto sociocultural mais amplo, explicitando papéis sociais e exigências formais de aprendizagem... colocando [as crianças] em contato com novas oportunidades e proporcionando-lhes uma ampliação do universo de interação com adultos e crianças”.

Entretanto, o contexto escolar pode representar, assim como a família e outras instituições, fator de risco para o desenvolvimento saudável. O âmbito escolar é um espaço de socialização e existem vários tipos de situações que podem ser considerados de risco, e, nesses casos, a escola deve atuar também na prevenção de problemas de comportamento e de outros transtornos (GOMIDE, 2003). Para Del Prette e Del Prette (2006), apesar das condições favoráveis que a escola tem na promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do aluno, esta não está totalmente isenta de receber um conjunto de influências de fatores de risco, relacionadas ao fracasso escolar e problemas sócio-emocionais. Segundo esses autores, os professores convivem com inúmeros problemas relacionados à sua prática e enfrentam outros ainda como comportamentos de esquivas, indisciplina e alto índice de comportamentos desafiantes.

A escola e a família, além de se constituírem como fatores de risco e proteção para as crianças, também funcionam como agentes de socialização. Para tanto, pais e professores utilizam diversas práticas educativas no sentido de orientar os comportamentos infantis.

Habilidades Sociais, Práticas Educativas e Problemas de Comportamento

Embora não haja consenso na literatura a respeito da definição da expressão *habilidades sociais* (HS), usualmente ela é empregada para designar um conjunto de

capacidades comportamentais aprendidas que envolvem interações sociais (CABALO, 1996; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999).

O campo das habilidades vem se desenvolvendo em torno de alguns conceitos importantes na avaliação e na promoção interpessoal, segundo Del Prette e Del Prette (2001; 2005): (1) *desempenho social*, (2) *habilidades sociais* e (3) *competência social*. O *desempenho social* relaciona-se à totalidade de comportamentos (habilidosos ou não habilidosos ativos e passivos, sendo que esses podem ser exemplos de comportamentos problemáticos) emitidos em interações sociais, enquanto que as *habilidades sociais* (HS) possuem um caráter descritivo e referem-se a classes de comportamentos sociais existentes no repertório de um indivíduo que contribuem para o seu desempenho social competente. Quanto ao conceito de *competência social*, esses mesmos autores destacam seu caráter avaliativo e o define como a capacidade do indivíduo de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas situacionais e culturais, o que pode trazer consequências favoráveis a ele próprio e à sua relação com os outros.

Ao se tratar especificadamente da infância, Del Prette e Del Prette (2005) propõem o agrupamento das principais habilidades sociais dessa fase em sete classes gerais que seriam: autocontrole e expressividade emocional; habilidades de civilidade; empatia; assertividade; solução de problemas interpessoais; fazer amizades e habilidades sociais acadêmicas. Silva (2000) apresenta outra expressão, *Habilidades Socialmente Educativas (HSE)*, e a classifica como o “conjunto de habilidades sociais dos pais ou educadores, aplicáveis à prática educativa das crianças”. Desta forma, as HS promovem o desenvolvimento e previnem o surgimento de problemas de comportamento à medida que possibilitam que as crianças interajam mais positivamente com colegas, professores e familiares, aumentando a chance de acesso a reforçamento social, como elogios e atenção.

As relações entre habilidades sociais de pais e ou o repertório de filhos e as práticas parentais têm sido mostradas por diversos autores (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2007, 2008; RICHMOND; STOCKER, 2008; TOWE-GOODMAN; TETI, 2008). Segundo Gomide (2006), as *práticas educativas positivas* incluem monitoria positiva (que envolve, por exemplo, o uso adequado da atenção e a distribuição de privilégios) e o comportamento moral (que implica, por exemplo, promover condições favoráveis ao desenvolvimento das virtudes, tais como empatia, senso de justiça, responsabilidade e trabalho). Patterson, Reid e Dishion (2002) afirmam que práticas parentais positivas podem evitar o surgimento e/ou a manutenção de dificuldades de interação estabelecida entre pais e filhos. Nesse sentido as HSE poderiam ser consideradas como parte das práticas educativas positivas. Por outro lado, as práticas educativas negativas podem aumentar a probabilidade de ocorrência de problemas de comportamento e envolvem a negligência, a ausência de atenção e de afeto e a disciplina relaxada, que compreende, entre outros aspectos, o relaxamento das regras estabelecidas e a punição inconsistente. A coerção, de acordo com Sidman (1986), é um comportamento aprendido e uma prática negativa comum, passada de geração a geração, que se encontra presente em todas as relações na família e escola, entre outros, em pequenos ou grandes grupos; não fazer uso desta prática negativa é muito difícil, mesmo que as consequências de sua aplicação sejam desastrosas, pois está profundamente inserida na sociedade.

As habilidades dos pais, ao interagirem e educarem seus filhos, segundo Bolsoni-Silva e Marturano (2007), parecem ser cruciais à promoção de comportamentos socialmente habilidosos ou de comportamentos considerados, pelos pais e/ou professores, como indicativos de problema. Del Prette e Del Prette (2001) propuseram as seguintes definições para formas de interagir socialmente: *reação habilidosa* (que demonstra assertividade, empatia, expressão de sentimentos positivos ou negativos de forma apropriada, civilidade

etc.), *reação não habilidosa passiva* (que demonstra esquivas ou fuga ao invés de enfrentamento da situação) e *reação não habilidosa ativa* (que demonstra agressividade, negativismo, ironia e autoritarismo). Nesse mesmo sentido, Bolsoni-Silva e Loureiro (2010) propõem a classificação das habilidades sociais educativas parentais (HSE-P) em categorias como: *comunicação* (conversar, perguntar); *expressão de sentimentos e enfrentamento* (expressar sentimentos positivos, negativos e opiniões, demonstrar carinho, brincar) e *estabelecimento de limites* (identificar e desencadear comportamentos socialmente habilidosos e não habilidosos, estabelecer regras, ter consistência, concordar com cônjuge, cumprir promessas, identificar erros e pedir desculpas).

As habilidades sociais educativas dos genitores (HSE-P) provavelmente influenciam positivamente a educação dos filhos. Em um estudo de Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) foi apontada a importância de habilidades sociais dos genitores tais como: expressar sentimentos positivos e opiniões, cumprir promessas, receber críticas, evitar o uso de punições, elogiar comportamentos habilidosos, haver concordância entre o casal e haver maior participação do pai. Nesse sentido, Bolsoni-Silva e Marturano (2006) encontraram que a qualidade de habilidades sociais educativas parentais, denominadas de Expressão de Sentimentos e Enfrentamento (expressão de sentimentos positivos, negativos, opiniões e demonstração de carinho), Comunicação (manter conversação e fazer perguntas) e Estabelecimento de limites (habilidades verbais e ou não verbais diante de comportamentos dos filhos passíveis de limites) foram mais frequentes para mães e pais de crianças consideradas, por seus professores, como sendo socialmente habilidosas. Esse achado corrobora com o encontrado por Del Prette e Del Prette (2001) onde constatou-se que as habilidades sociais educativas parentais e o repertório socialmente habilidoso dos filhos sugerem que práticas parentais efetivas para a promoção de habilidades sociais nos filhos se apoiam em um repertório elaborado de habilidades sociais educativas parentais.

Alguns pesquisadores (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005; GILES; HEYMAN, 2005; MARTURANO, 2004) indicam que os pais, ao interagirem com os filhos, apresentam condutas mais rígidas, culturalmente presentes no sexo masculino e, assim, inadvertidamente modelam comportamentos agressivos da criança ao brincar, jogar e em outras atividades recreativas. Soma-se ao fato de que há maior aceitação da agressividade por parte dos homens do que das mulheres e que, tais comportamentos, são transmitidos por gerações.

Em relação aos comportamentos infantis, diversos autores (ACHENBACH; HESTER, 1997; BONGERS *et al.*, 2004; CAMPBELL, 1995; EDELBROCK, 1979; KAISER; HINSHAW, 1992; OLSON *et al.*, 2000; PATTERSON; DEBARYSHE; RAMSEY, 1989; PATTERSON; REID; DISHION, 1992, 2002) se propuseram a caracterizar um conjunto específico de distúrbios comportamentais denominado de *problemas de comportamento*, bem como descrever fatores que poderiam influenciar seu surgimento e/ou sua manutenção. Analisando esses estudos, verifica-se que não há um consenso quanto à definição, classificação e diagnóstico dos problemas de comportamento, uma vez que são multideterminados por variáveis como práticas educativas parentais, condições socioeconômicas, conflito conjugal, etc. Neste trabalho, problemas de comportamento serão entendidos como:

[...] déficits e/ou excessos comportamentais que prejudicam a interação das crianças com pares e adultos [...] e que dificultam o acesso da criança a novas contingências de reforçamento, que por sua vez, facilitariam a aquisição de repertórios relevantes de aprendizagem. (Bolsoni-Silva, 2003, p. 10)

Uma classificação desenvolvida por Achenbach e Edelbrock (2001) classifica os problemas de comportamento em internalizantes – comportamentos privados e desajustados considerados problemáticos, mas que não ocorrem diretamente no ambiente – e problemas de comportamento externalizantes – comportamentos manifestos desajustados que ocorrem diretamente no ambiente. Ambos podem dificultar o desenvolvimento: os internalizantes

podem privar a criança de interagir com o ambiente, isto é, a criança pode evitar iniciar uma interação com pares ou adultos e, por outro lado, os externalizantes podem gerar conflitos e provocar rejeição de pais, professores e colegas (BOLSONI-SILVA; MARTURANO; MANFRINATO, 2005). Alguns autores destacam que os pais se preocupam mais com os problemas de comportamento externalizantes, por serem mais visíveis, do que os internalizantes (ATZABA-PORIA *et al.*, 2004; BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002; D'AVILA-BACARJI *et al.*, 2005; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005; HILL *et al.*, 2004).

Diversas pesquisas têm relatado associações entre práticas educativas parentais positivas e/ou HSE-P, habilidades sociais das crianças e presença/ausência de problemas de comportamento infantis (ALVARENGA; PICCININI, 2001; CIA *et al.*, 2005; MOTTA *et al.*, 2006; PAMPLIN; DEL PRETTE, 2006). As práticas educativas positivas (comunicação e expressão de sentimentos) têm sido associadas ao menor risco de problemas de comportamento infantis, sobretudo as que envolvem comunicação (MOTTA *et al.*, 2006; SALVO; SILVARES; TONI, 2005).

Em relação às práticas educativas envolvidas no estabelecimento de limites, diversos estudos (ALVARENGA; PICCININI, 2001; CECONELO; DE ANTONI; KOLLER, 2003; OLIVEIRA *et al.*, 2002; SALVO; SILVARES; TONI, 2005) têm relatado correlação com problemas de comportamento, sobretudo no que se refere a identificar e consequenciar comportamentos não apropriados, incluindo práticas negativas de educação. Ou seja, os pais podem priorizar, para controlar o comportamento dos filhos, práticas negativas (GOMIDE, 2003), aumentando a chance do desenvolvimento de problemas de comportamento (GOMIDE, 2003; PATTERSON; REID; DISHON, 1992, 2002).

Alguns pesquisadores acreditam que Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) podem prevenir o surgimento de problemas de comportamento (CABALLO, 1991; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999; SILVA, 2000

entre outros). Em contrapartida, é possível identificar variáveis que aumentam a probabilidade de surgimento e ou manutenção de problemas de comportamento (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2007; BRIOSO; SARRIÁ, 1995; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999; KAISER; HELTER, 1997; SIDMAN, 1993).

Um estudo realizado por Bolsoni-Silva e Loureiro (2011) comparou as práticas educativas parentais e os comportamentos de crianças com problema de comportamento (grupo clínico) com os comportamentos de crianças sem problemas (grupo não clínico), tendo como fonte de informação as mães. Os resultados foram concordantes com os de Patterson e cols. (2002) e de Gomide (2006), que apontam que problemas de comportamento ocorrem pela falta de monitoria, limites, consistência e consequências efetivas para comportamentos socialmente habilidosos e para respostas indicativas de problema. Segundo Edens, Cavell e Hughes (1999), as práticas parentais em famílias de crianças com problemas de comportamento são caracterizadas, em sua maioria, por coerção, disciplina inconsistente, hostilidade, indiferença, negatividade, restrição emocional, pouca afetividade e apoio, punição e abuso parental. O uso de punição como prática educativa, além de não resolver efetivamente os problemas de comportamento, em geral leva a ressentimentos e a dificuldades na interação entre genitores e filhos (WEBER, 2005). Segundo Bolsoni-Silva e Marturano (2002), muitas vezes, essa prática compromete o relacionamento de cooperação e amizade que deveria existir entre pais e filhos, favorecendo o surgimento de problemas na infância e na vida adulta.

Em um estudo com famílias de crianças com problemas de comportamento exteriorizado, Dessen e Szelbracikowski (2004) apontam o uso concomitante de práticas positivas e negativas, de acordo com a percepção dos genitores. Estes relataram que utilizavam, para os comportamentos inadequados das crianças, a punição verbal (como bronca, chamar a atenção) e a punição física (como surras, tapas, chineladas, puxões de orelha), embora o castigo (como colocar no quarto, ficar sentado na cadeira e impedir de

brincar) e o diálogo (como conselhos, conversa e orientação) fossem também empregados. Por outro lado, eles demonstravam contentamento e satisfação (elogios, beijos, abraços, alegria e incentivo) diante dos comportamentos adequados. Bolsoni-Silva e Marturano (2007; 2008) notaram, na mesma direção, que pais de crianças com e sem problemas de comportamento utilizam de punição verbal e física para estabelecer limites, no entanto, no grupo de crianças sem problemas, os pais são mais atenciosos, afetivos e comunicativos. As autoras concluíram que as crianças sem problemas de comportamento são pouco punidas porque emitem, estatisticamente, menos comportamentos que os pais desaprovam e, como fator de proteção, elas possuem a comunicação e o afeto como práticas mais frequentes.

Verificou-se também que pais de crianças com problemas de comportamento empregam mais estratégias agressivas ou punitivas frente aos comportamentos problema dos filhos, ou seja, utilizam com mais frequência Práticas Educativas Negativas Não-Habilidosas Ativas (tais como agredir de forma verbal ou fisicamente e fazer ameaças), contribuindo, por sua vez, com o surgimento e com a manutenção dos mesmos (ALVARENGA; PICCININI, 2001; BOLSONI-SILVA, 2003; BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE, 2002; BOLSONI-SILVA, DEL PRETTE; OISHI, 2003; FERREIRA; MARTURANO, 2002; MARTURANO, 1998; PARREIRA; SILVA, 2000; PATTERSON *et al.*, 2002). No entanto, verificaram que crianças indicadas como socialmente habilidosas também eram punidas pelos genitores, ainda que com menor frequência. Neste sentido, algumas pesquisas (ALVARENGA; PICCINII, 2001; BOLSONI-SILVA *et al.*, 2003; BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2002) sugerem que os efeitos da punição podem ser minimizados se esta for menos frequente e se existem outras habilidades sociais educativas parentais presentes, tais como expressão de sentimento, expressão de opiniões, comunicação positiva, reforço positivo e consistência nas práticas parentais; as quais parecem funcionar como fatores de proteção contra o surgimento e manutenção de problemas de comportamento. Algumas destas habilidades podem ser

utilizadas em momentos em que a criança emite comportamentos indicativos de problema como, por exemplo, estabelecer limites e expressar sentimentos de desagrado. Porém, outras habilidades como expressão de sentimentos positivos, expressão de opiniões, manter conversação, fazer perguntas, devem ser emitidas em diversas interações sociais (contextos), como refeições, lazer (brinquedos, parques, televisão), reuniões familiares, entre outras.

Muitas famílias interagem com as crianças apenas nos momentos de corrigir (Sidman, 1999 e Silva, 2000). Como consequência, as relações tornam-se aversivas durante a maior parte do tempo, para ambas as partes envolvidas – genitores e filhos – que passam apenas a interagir coercitivamente (Patterson, Reid & Dishion, 2002). Segundo Bolsoni-Silva e Marturano (2007), talvez esta seja uma diferença crucial entre famílias de crianças com e sem problemas de comportamento. As autoras ainda defendem a ideia de que, embora ambos os grupos de famílias façam uso da punição (mesmo que em menor grau), nas famílias com crianças consideradas socialmente habilidosas há diversos outros repertórios parentais que garantem a afetividade, o cuidado e os limites consistentes. O mesmo não acontece nas famílias de crianças com problemas de comportamento, pois parece haver pouca interação social positiva.

No entanto, o uso da punição e a eficácia em disciplinar não são os únicos fatores das relações parentais que podem influenciar o comportamento agressivo da criança; há outros, como a rejeição à criança, o baixo nível de interesse e o envolvimento negativo dos pais, a falta de habilidade em monitorar o paradeiro dos filhos e o nível de instabilidade e desorganização que os pais criam no ambiente familiar (SZELBRACIKOWSKI; DESSEN, 2005).

Segundo o relato de ambos os genitores, Silva (2000) constatou que as mães foram consideradas mais participativas na educação dos filhos que os pais; e, conforme os achados de Costa, Teixeira e Gomes (2000), elas parecem emitir mais comportamentos que

previnem o surgimento de problemas de comportamento. Esses resultados confirmam a visão em nossa cultura de que cabe à mãe o papel de principal responsável pela criação e educação dos filhos (RIBAS JR; BORNSTEIN, 2005). Tudge e cols. (2000), em um estudo transcultural com famílias (Estados Unidos, Coreia, Rússia, Estônia e Kênia), concluíram que: (a) pais foram ativamente envolvidos com seus filhos, mas menos frequentemente que as mães, isto porque eles ficavam menos tempo com as crianças; (b) pais brincavam (jogos e entretenimentos) mais com seus filhos do que suas mães; e (c) na presença das mães, os filhos envolviam-se em atividades diversas, tais como lição, conversação e trabalho. Tais dados reiteram a mãe com papel ativo na educação, especialmente no que se refere à supervisão e ao monitoramento. Já ao pai caberia mais o entretenimento, a interação social no lazer. Segundo Conte (1997) ambos os papéis comportamentais são importantes na prevenção de problemas de comportamento.

Na nossa sociedade ainda é atribuído à mulher os cuidados da casa e dos filhos (D'AFFONSECA, 2005; GUILLE, 2004; LAMB, 1997; WAGNER *et al.*, 2005). As mulheres trabalhadoras das camadas baixa e média, diante da tarefa de cuidar dos filhos, buscam vários suportes como avós, tias, babás, creches e escolas. Algumas, eventualmente, também podem contar com o auxílio do marido. Entretanto, como o trabalho é organizado por gênero na nossa sociedade, ainda não foi absorvida a participação masculina em atividades familiares domésticas (RIDENTI, 1998; ROCHA-COUTINHO, 2003).

Um estudo longitudinal, realizado por Hill *et al.* (2004) com 463 pais de pré-adolescentes mostrou que o envolvimento dos pais de alto nível de escolaridade, nas atividades acadêmicas dos filhos (contato com os professores, participação nas reuniões escolares, auxílio nas tarefas, acompanhamento do progresso escolar do filho), possuía correlação negativa com os problemas de comportamento (social, agressividade e déficit de atenção) e positiva com aspirações e desempenho acadêmico deles. Na mesma direção, um

estudo de Pamplin e Del Prette (2006) buscou comparar indicadores de envolvimento de pais com filhos e o repertório de habilidades sociais e de problemas de comportamento de 110 crianças, da 4ª série do Ensino Fundamental. Os resultados apontaram que as mães apresentaram, conforme a avaliação dos filhos, melhores indicadores de comunicação e participação que os pais; estes indicadores estiveram correlacionados positivamente com os escores de habilidades sociais e negativamente com os de comportamentos externalizantes das crianças.

Ao realizar uma pesquisa com 30 mães de crianças em idade escolar, com dificuldades de aprendizagem, Parreira e Marturano (1998) observaram que as situações mais relatadas por elas para os problemas de comportamento foram momentos de frustração, de relações interpessoais e de brincadeira/lazer. As autoras verificaram que diante dos comportamentos dos filhos, as mães relataram utilizar, com mais frequência, práticas negativas, mas também disseram apresentar, ainda que com menos frequência, suporte, e orientação, isto é, Habilidades Sociais Educativas, sugerindo, assim, algumas reservas comportamentais. De acordo com Kanfer e Saslow (1976) é possível verificar a existência de reservas comportamentais em pais e em crianças com indicativos de problemas de comportamento.

Bolsoni-Silva e Marturano (2004) destacaram, na relação entre pais e filhos, a importância de conversar e de orientar sobre o que é certo e errado, visto que ouvir suas opiniões e sentimentos possibilitou oferecer modelos de comportamento socialmente habilidosos para as crianças. As autoras afirmaram ainda que, na interação pais e filhos, é importante agir de forma que se desenvolva a relação de proximidade e de confiança, possibilitando enfrentar sentimentos, resolver conflitos, além de contribuir para o autoconhecimento. Com isso, os filhos aprendem quais comportamentos devem apresentar em determinadas situações e quais devem ser reforçados no contexto social, possibilitando o

aumento do referencial para outros contextos como, por exemplo, o contexto escolar. Um estudo de Leme (2008) investigou a interação entre mães e filhos e verificou que, de um lado, as mães dedicavam pouca atenção e elogios ao comportamento habilidoso das crianças com problemas de comportamento e, por outro, exerciam a punição, apresentando um empobrecido repertório nas práticas educativas positivas, que são práticas que podem estar sendo exercidas também no âmbito escolar. Crianças submetidas a essas práticas, nos dois contextos, têm menor probabilidade de terem sua autoestima e confiança elevadas, e grande probabilidade de apresentarem diversos problemas de comportamento.

Numa outra vertente, há que considerar as habilidades sociais de professores e alunos. Biasoli-Alves (1995) afirma que a escola, no entanto, pode ser um importante contexto de desenvolvimento das habilidades sociais dos alunos, dentre outros modelos na rede de relações da criança. A competência social e a participação em grupo estão intimamente relacionadas, como afirmam Freitas e Rocha (2003). Ao adquirir habilidades interpessoais e de relacionamento com outros, a criança aprende a colocar seus sentimentos em palavras, a compartilhar, a revezar, a esperar a sua vez, a respeitar, a formar e manter amizades. Além disso, melhora suas habilidades de observação de sentimentos e de comportamentos dos outros, o que, por sua vez, ajuda a melhorar seu autoconhecimento e seus relacionamentos.

Bolsoni-Silva e Marturano (2004), com relação à comunicação, apontam que manter conversação é um mecanismo muito importante para desenvolver a habilidade inicial de interação, sendo considerado um repertório para o desenvolvimento de outras habilidades. Assim, o trabalho com as habilidades sociais educativas na escola conduz o processo de ensino-aprendizagem; isto quer dizer que as HSE constituem uma classe de habilidades sociais utilizada na prática do professor e estão relacionadas à promoção do desenvolvimento

e da aprendizagem do aluno, o que exigirá do professor a mediação das interações e atuação no processo do ensinar e do aprender (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999).

Marturano e Loureiro (2003) concluem que as escolas também mantêm ou acentuam os comportamentos indesejáveis e *déficits* em habilidades sociais. Dentro desse contexto, os autores Del Prette e Del Prette (2006) afirmam que, na base dessas organizações, se houver uma subcultura de recompensas e punições, e estas não forem adequadas ao serem utilizadas, podem constituir fatores de problemas de comportamento. Segundo Del Prette e Del Prette (2006), observa-se a dificuldade dos professores em lidar com problemas de comportamento, principalmente com as crianças que apresentam alta frequência de comportamentos opostos. Para esses autores, as práticas educativas dos professores podem reforçar modelos inadequados ou não promoverem modelos para comportamentos adaptativos.

Em pesquisa com professoras e crianças, Castro e Bolsoni-Silva (2008) concluíram que as práticas e os relatos nas entrevistas apontaram *déficits* de habilidades sociais das educadoras com relação ao desenvolvimento interpessoal. No entanto, os resultados demonstraram que, apesar de as professoras relatarem algo diferente do que faziam em sala de aula em relação às suas estratégias coercitivas, ainda assim apresentavam também reservas comportamentais à medida que emitiam diversas habilidades sociais educativas que eram conseqüenciadas positivamente pelos alunos.

Para se promover as habilidades sociais infantis no contexto escolar, é fundamental a integração de esforços entre todos os profissionais que lidam com as crianças, inclusive a participação da família e ou cuidadores. A infância parece ser um período crucial para desenvolver habilidades sociais, e o professor pode incentivá-las ou enfraquecê-las (CASTRO; BOLSONI-SILVA, 2008). A partir de uma revisão de estudos (DEL PRETTE; TORRES; PONTES, 1998; VILA, 2005; DEL PRETTE; ZANOTTO, 2000) envolvendo a

identificação dos componentes de desempenho social ideal de um professor em sala de aula, foram identificados os seguintes comportamentos: (1) falar com os alunos; (2) ouvir os alunos; (3) ler o que os alunos escrevem; (4) olhar para os alunos; (5) relatar ao aluno o seu contentamento diante de um acerto; (6) apoiar o aluno apesar do seu erro; (7) encorajar o aluno a novas tentativas; (8) manter com o aluno um relacionamento amistoso e trivial; (9) demonstrar reciprocidade quando o aluno é afetuoso; (10) manter contato visual e aproximar-se do aluno; (11) dar *feedback* positivo aos alunos; (12) aceitar crítica e alterar o próprio comportamento; (13) iniciar e manter conversação com os alunos; (14) encorajar os alunos; (15) valorizar as interações estabelecidas entre os alunos; (16) expressar opinião; (17) elogiar e agradecer elogios; (18) expressar sentimentos positivos em relação à classe ou a alunos específicos, tocando-os, inclinando-se ou sorrindo para eles; (19) pronunciar corretamente as palavras, sem problemas de dicção ou de inteligibilidade; (20) explorar o humor e o lúdico; (21) supervisionar a participação dos alunos de modo a garantir oportunidade para todos; (22) ter fluidez e clareza na fala; (23) movimentar e usar o espaço da sala de aula de modo a manter proximidade com todos os alunos; (24) distribuir o contato visual para a classe e entre alunos; (25) dar *feedback* reconhecendo os aspectos positivos do desempenho do aluno; (26) levar os alunos a fazerem perguntas e darem *feedback*; (27) observar e ouvir o aluno; (28) prestar mais atenção ao aluno; (29) respeitar o ponto de vista do outro; (30) aproximar-se quando solicitado pelos alunos; (31) alternar aproximação e distanciamento dos alunos nos diferentes pontos da sala de aula; (32) alterar a entonação em alguns momentos de aula para enfatizar o conteúdo das suas verbalizações; (33) obter resposta à maioria das perguntas feitas à classe como um todo; (34) obter participação e envolvimento da maioria dos alunos na atividade proposta.

Segundo Bolsoni-Silva *et al.* (2006), investigações sobre o repertório de habilidades sociais e problemas de comportamento de crianças são baseadas frequentemente

no relato de mães e professores. Essa ênfase justifica-se, uma vez que, pais e professores são observadores privilegiados do comportamento da criança. Em um estudo realizado por Bolsoni-Silva *et al.* (2006) comparou-se as avaliações de mães e professoras, a respeito de habilidades sociais e problemas de comportamento de crianças, identificadas pelas professoras como apresentando problemas de comportamento. Os resultados indicaram que as mães avaliam as crianças com maior severidade do que as professoras, atribuindo-lhes níveis mais altos de problemas de comportamento além de reiterarem a maior severidade das mães apenas em relação às crianças consideradas socialmente competentes por suas professoras. Resultados semelhantes foram encontrados por Feitosa (2003) ao comparar avaliações de habilidades sociais de escolares com e sem dificuldade de aprendizagem, feitas por pais, mães e professoras. Os dados indicaram que os genitores fizeram avaliações menos favoráveis apenas em relação às crianças sem dificuldade de aprendizagem; em comparação com as professoras, eles avaliaram mais positivamente o comportamento das crianças com dificuldade.

Quando se compara o julgamento das mães com o dos professores, duas tendências são observadas. A primeira é que a concordância entre avaliações é significativa tanto em relação aos comportamentos considerados facilitadores do desenvolvimento, quanto em relação aos comportamentos considerados problemáticos (ACHENBACH; McCONAUGHY; HOWELL, 1987; KUMPULAINEN *et al.*, 1999; RUFFALLO; ELLIOTT, 1997). A segunda é que as mães são mais severas, fazendo avaliações menos favoráveis (GAGNON; VITARO; TREMBLAY, 1992; SATAKE *et al.*, 2003; TOULIATOS; LINDHOLM, 1981). Diversos estudos (ACHENBACH *et al.*, 1987; FEITOSA, 2003; GAGNON *et al.*, 1992; SATAKE *et al.*, 2003) apontam que, como mães e professoras mantêm relacionamentos diferentes com a criança, provavelmente as mães têm mais

oportunidades para observar seus filhos e as expectativas sobre o comportamento podem diferir, notadamente quando mãe e professora pertencem a grupos sociais diversos.

Há indícios de que as crianças socialmente habilidosas realmente discriminam os ambientes do lar e da escola, sendo mais contidas e cooperativas no contexto escolar (ACHENBACH *et al.*, 1987). No caso das crianças com problemas de comportamento, assim consideradas tanto pelas professoras como pelas mães, parecem ter, na escola, dificuldade para enfrentar situações interpessoais, mostrando, nesse contexto, menos habilidades para expressar sentimentos, direitos e desejos e, por outro lado, brigam mais e maltratam outras crianças, sendo menos queridas pelos colegas. Esse perfil comportamental está coerente com a previsão de que crianças com problemas de comportamento teriam dificuldades para lidar com os desafios interpessoais do ambiente escolar, mais complexo e exigente que o ambiente de suas casas. Como a criança também tem dificuldade em controlar a expressão das emoções negativas geradas nesse cenário, ela tende a externalizar essas emoções. Como consequência, seus problemas intensificam-se na escola, o que explica a avaliação aparentemente mais severa da professora em relação à mãe, nesses casos (BOLSONI-SILVA *et al.*, 2006).

De acordo com a hipótese de especificidade situacional (BOLSONI, *et al.*, 2006), o ambiente escolar, ao oferecer mais oportunidades de interação, também expõe mais a criança a situações de conflito. Ainda que as crianças com problemas de comportamento apresentem um repertório de habilidades sociais, identificadas pelas mães no lar, este acaba sendo insuficiente no contexto escolar. Outro dado importante é que as mães e as professoras discriminam e consequenciam diferentemente os comportamentos socialmente habilidosos das crianças, sendo possível, neste caso, que as professoras o façam menos frequentemente do que as mães. As crianças mais competentes na escola, segundo o julgamento das professoras, são as que conseguem discriminar melhor os dois contextos; pode-se supor que elas se comportam conforme o ambiente em relação às demandas e ao grau de permissividade ou

exigência de adesão a normas sociais. Por outro lado, de acordo com Bolsoni-Silva *et al.* (2006) as crianças com problemas são aquelas que mostram dificuldade de auto-regulação, tanto em casa como na escola e desorganizam-se frente às demandas do ambiente escolar. Ao conviverem diariamente com as crianças, as professoras dispõem de parâmetros restritivos que tendem a comparar cada criança avaliada, mesmo que não façam isso conscientemente. Assim, aumenta a probabilidade de a professora considerar como desviantes aquelas crianças cujo comportamento não se enquadra estritamente no padrão esperado (BOLSONI-SILVA *et al.*, 2006).

A inconsistência na prática educativa pode gerar padrões de birra e de desobediência (BOLSONI-SILVA, 2003). Um padrão de práticas educativas inconsistentes de professores foi demonstrado em um estudo de Mariano (2011) que objetivou descrever a prática educativa do professor em lidar com o repertório infantil de crianças com ou sem problemas de comportamento. Participaram da pesquisa 16 professoras que indicaram 16 alunos com problemas de comportamento e 16 sem esses problemas, que frequentavam o primeiro ano do Ensino Fundamental. Os resultados indicaram que: (a) as professoras parecem reforçar, sem querer, os comportamentos inadequados, mesmo que em suas práticas educativas apresentem comportamentos habilidosos, não havendo dessa forma, diminuição dos problemas de comportamento dos alunos; (b) as professoras exercem práticas diferenciadas entre os alunos que apresentam problemas de comportamento e os que não os apresentam; (c) no grupo clínico, os professores interagiram em menor número de situações, em comparação com o clínico; (d) as professoras apresentavam práticas inconsistentes de educação, ou seja, quando as crianças faziam o que era desaprovado, ora puniam, ora não. De todo modo, as práticas negativas e os comportamentos-problema foram mais frequentes no grupo clínico, embora as professoras possuíssem bons repertórios de habilidades sociais educativas (HSE), em lidar com os comportamentos inadequados. Nesse estudo, concluiu-se,

portanto, que as professoras foram mais habilidosas com as crianças não clínicas e mais punitivas com as que apresentavam problemas de comportamento, parecendo haver na escola algo semelhante ao que foi referido anteriormente em relação às famílias.

A relação entre a ocorrência de comportamentos problemáticos e o desempenho acadêmico dos estudantes também foi objeto de investigação de diversas pesquisas (DEL PRETTE, 2003; DEL PRETTE; D'ÁVILA-BACARJI; MEDEIROS; LOUREIRO; LINHARES; MARTURANO, 2000; FERREIRA; MARTURANO, 2002; KAZDIN; WEIZ, 2004; MARTURANO; ELIAS, 2005; MARTURANO; PARREIRA; BENZONI, 1997; MARTURANO; TOLLER; ELIAS, 2005;; MARINHO, 2003; MEDEIROS; LOUREIRO, 2004; NOVAK; PELÁEZ, 2003). Ao analisar os achados dessas pesquisas, conclui-se que existe uma tendência de as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentar mais comportamentos problemáticos e menor grau de adaptação social, em relação às crianças sem dificuldades de aprendizagem. Como exemplo, cita-se Medeiros et al. (2000), que comparou um grupo de crianças com dificuldade de aprendizagem com um grupo com bom desempenho acadêmico, constatando, a partir do relato de pais, haver maior ocorrência de problemas de comportamento no primeiro grupo.

As crianças com dificuldades de aprendizagem, segundo alguns autores (CAPIÃO, 2003; MARTURANO; PARREIRA; BENZONI, 1997; RORMARO et. al., 1993) geralmente são apresentadas com uma série de problemas comportamentais, tais como desobediência, irritabilidade, impaciência, agitação, ansiedade, oposição, esquiva, insegurança, timidez, dispersão, isolamento, preocupação, brigas e destruição de objetos. Um estudo de Marturano *et al.* (1997) buscou comparar, através da avaliação das mães, grupos de crianças com e sem problemas escolares. As crianças do grupo clínico (com problemas) apontaram mais características de impulsividade e humor depressivo do que as crianças do grupo de escolares com bom desempenho. Predominaram os problemas de comportamentos

agressivos (do tipo externalizante), seguidos pelos problemas de ansiedade/depressão e queixas somáticas (estes dois últimos do tipo internalizante). Esses achados corroboram o estudo de Fleitlich-Bilyk e Goodman (2004), o qual encontrou uma maior prevalência de crianças com problemas de conduta, seguidos pelos problemas de ansiedade e de hiperatividade e/ou déficit de atenção. Furniss, Beyer e Guggenmos (2006) também encontraram escores significativamente mais altos na escala ansiedade/depressão, isolamento/depressão, problemas sociais, de atenção e de comportamento agressivo.

A seguir descrevem-se algumas metodologias de pesquisas que vêm sendo utilizadas em estudos com famílias e crianças, destacando a diversidade de instrumentos utilizados e suas vantagens ou limitações.

Delineamentos para estudos realizados por pesquisadores com famílias e crianças

A avaliação tanto dos problemas de comportamentos como das habilidades sociais, dada às peculiaridades envolvidas, comporta o uso de diversos instrumentos (BOLSONI-SILVA *et al.*, 2011). Assim, a metodologia adotada pelos pesquisadores, na realização de estudos com famílias e crianças, torna-se muito ampla.

Segundo Andrade (2003) a escolha dos instrumentos para a coleta de dados está intimamente ligada com o problema a ser investigado, a natureza do fenômeno, os objetivos definidos e as características dos informantes. A literatura aponta que diversas pesquisas realizadas com famílias e crianças fizeram uso de questionários (AVANCI *et al.*, 2009; PESCE, 2009; BORSA; NUNES, 2008; DESSEN; BRAZ, 2000; HAROKOPIO, 2000); JAFFEE *et al.*, 2003; MELO; SILVARES, 2003; SALVO; MAZZAROTTO; LOHER, 2005; VITOLO *et al.*, 2005). O questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série de perguntas, a que os informantes devem responder, com ou sem a presença do

entrevistador (LAKATOS; MARCONI, 1991). Esses são os instrumentos mais utilizados em pesquisas por apresentar algumas vantagens que, de acordo com Lakatos e Marconi (1991, p. 202-203) são:

[...] economia de tempo; maior número de informantes; abrangência de uma área geográfica mais ampla; respostas mais rápidas e precisas; maior liberdade nas respostas em razão do anonimato; mais segurança pelo fato de as respostas não serem identificadas; menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador; há mais tempo para responder e em hora mais favorável; há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento e obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.

Uma pesquisa realizada por Weber, Viezzer e Brandenburg (2004) buscou identificar práticas disciplinares utilizadas por pais ou familiares e o modo como são aplicadas por meio do relato de estudantes. Participaram do estudo 472 crianças e adolescentes de ambos os sexos e com idade entre oito e 16 anos, que responderam a um questionário elaborado pelas próprias pesquisadoras com 61 questões (60 fechadas e uma aberta). Além disso, outras perguntas visaram investigar a opinião das crianças e dos adolescentes sobre o uso de punições corporais e de castigos (não corporais) em sua própria experiência e a maneira como agiriam com seus filhos. Os resultados demonstraram que a maioria dos participantes relatou que já recebera punições corporais (88%) e castigos (65%). A avaliação que os participantes fizeram sobre os métodos disciplinares revelou uma contradição: 75% concordou que, quando fazem coisas erradas, as crianças devem apanhar, mas somente 35% afirmou que utilizarão punições corporais em seus filhos, e 27% disse estar em dúvida.

Outro instrumento utilizado em alguns estudos foi a entrevista semi-estruturada (BOLSONI-SILVA, LOUREIRO, 2010; MELCHIORI *et al*, 2010; PAIANO *et al*, 2007). Silvares e Gongora (1998) e Sant'Anna (1994) afirmam que a entrevista não estruturada pode favorecer o relato livre, garantindo a qualidade da coleta de dados. Segundo Manzini (2003, p. 13) ao se elaborar um roteiro de perguntas semi-estruturadas, deve-se garantir a abrangência

total dos conceitos a se estudar. A entrevista, como técnica de coleta de dados, oferece várias vantagens que, baseando-se em Lakatos e Marconi (1991, p. 198), têm-se, entre elas:

[...] há maior flexibilidade, podendo o Entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente, especificar algum significado, como garantia de estar sendo compreendido; oferece maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo o Entrevistado ser observado naquilo que diz e como diz: registro de reações, gestos etc.; dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos; há possibilidade de conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias.

Lavine e Dione (1999, p. 187-8) também colocam algumas vantagens da entrevista em comparação ao questionário:

(...) os entrevistadores permitem-se, muitas vezes, explicitar algumas questões no curso da entrevista, reformulá-las para atender às necessidades do entrevistado. (...) Chegam até a acrescentar perguntas para fazer precisar uma resposta ou para fazê-la aprofundar: Por quê? Como? Você pode dar-me um exemplo? E outras tantas subperguntas que trarão frequentemente uma porção de informações significativas.

Verifica-se que, ao realizar estudos com famílias, alguns autores fizeram o uso concomitante de questionários, roteiros de entrevistas, inventários, testes e escalas (ALVARENGA; PICCININI, 2001; BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2011; COELHO; MURTA, 2007; TRIVELLATO-FERREIRA; MARTURANO, 2008; VILLAS BOAS; BOLSONI-SILVA, 2010). Villas Boas e Bolsoni-Silva (2010) realizaram um estudo com 43 mães e 43 crianças com idade entre quatro e seis anos com os objetivos de: (a) caracterizar mães e filhos, em famílias separadas, quanto às suas habilidades sociais; (b) investigar relações entre as habilidades sociais educativas das mães e o comportamento das crianças; e (c) comparar grupo clínico e não-clínico quanto ao repertório comportamental. Foram utilizados instrumentos distintos: um Questionário Sociodemográfico, um Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais, o questionário de Respostas Socialmente Habilidade, o *Child Behavior Checklist* – CBCL e a Escala Infantil A2 de Rutter. Os resultados mostraram que habilidades sociais educativas das mães estiveram

relacionadas a habilidades sociais das crianças, enquanto práticas negativas foram relacionadas a problemas de comportamento. Discutiu-se ainda como as habilidades sociais maternas podem influenciar o comportamento dos filhos em famílias separadas.

Uma das opções metodológicas nas pesquisas realizadas com famílias e crianças diz respeito ao método observacional (ALVES; KOLLER; SILVA; SANTOS; SILVA; REPPOLD; PRADE, 2002; GARCIA-SERPA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006). Nesses estudos, verificou-se que os autores, além da observação, fizeram o uso de questionários e roteiros de entrevistas.

O método da observação em pesquisas mostra-se relevante especialmente para entender o que os organismos fazem e sob quais circunstâncias (DANNA; MATOS, 2006) e, portanto, para os estudos que envolvem interações humanas, visto haver situações que dificilmente poderiam ser captadas ou apreendidas de outra forma (DESSEN; MURTA, 1997; KREPPNER, 2001). Na década de 1940, a observação era tida como uma técnica complementar à experimentação (ALVES, 1998), tendo sido considerada como de menor valor devido à interferência do observador no meio pesquisado, o que acarretaria a perda do rigor científico e da objetividade do estudo (DESSEN; MURTA, 1997; KREPPNER, 2001). Atualmente, com as modernas técnicas de preservação de observações em gravação, segundo Kreppner (2011), a questão de os observadores medirem objetivamente o que eles observam, bem como o grau em que diferentes observadores concordam ou discordam sobre o que eles observam, pode ser discutida sob uma perspectiva totalmente diferente. Todos os aspectos que poderiam ser relevantes, mas que são difíceis de detectar em uma primeira vista, permanecem presentes no vídeo. No caso de discordâncias de observadores, o material pode ser revisto muitas vezes e a existência de um evento e sua relevância pode ser posteriormente discutida. Dessa forma, pode-se decidir posteriormente sobre o registro ou o descarte dos eventos.

Na pesquisa observacional, segundo Kreppner (2011), o processo de escolha de categorias que devem representar os eventos, os comportamentos ou as interações observadas, é fundamental para a qualidade dos resultados, em termos de objetividade da informação obtida. As categorias selecionadas para descrever um objeto ou fenômeno devem ser representativas, significantes e justificadas pelos critérios de representação, próprios do fenômeno pesquisado. Havendo situações complexas de interação e comunicação gravadas em filme ou vídeo, os pesquisadores encontram-se em uma situação confortável, que é a de escolher, entre os diferentes enfoques, aquele que produzirá categorias apropriadas. A escolha de categorias pode ser moldada exatamente de acordo com as especificidades da situação observada. Ainda segundo esse autor, existem diferentes formas de se estudar a qualidade de uma representação da realidade em um estudo de observação. Uma observação somente pode ser objetiva quando é fidedigna, isto é, quando dois ou mais observadores concordam sobre o que eles observam. Este procedimento é necessário para garantir, pelo menos, um grau mínimo de acordo entre os observadores no que tange ao uso aceitável de um conjunto de categorias predefinidas.

Como exemplo de pesquisas que utilizaram a observação combinada com instrumentos de relato no estudo de família, pode-se mencionar o de Silva e Dessen (2003), realizado com seis famílias, que buscou descrever alguns aspectos do desenvolvimento e da vida familiar de crianças com síndrome de Down, segundo o relato dos genitores, e buscaram identificar os padrões de interação familiar, destacando os subsistemas genitores-criança. Foi utilizado um questionário sociodemográfico e realizadas entrevistas semi-estruturadas com os genitores. Também foram realizadas, na residência das famílias, dezoito sessões de observação do comportamento em atividades livres. Os resultados mostraram que as atividades foram desenvolvidas predominantemente de forma "conjunta" e que as interações familiares foram caracterizadas pela "sincronia", "supervisão", "liderança" e "amistosidade".

A apresentação de resultados de casos clínicos geralmente ocorre através de estudo de caso. Trata-se de uma interessante modalidade de pesquisa que visa à investigação de um ou mais casos específicos, bem delimitados, contextualizados em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações (BECKER, 1994; LÜDKE *et al.*, 1986; CHIZZOTTI, 2006; GIL, 1995; GOLDENBERG, 1997; GOODE *et al.*, 1979; YIN, 2001; STAKE, 2000). Para Ventura (2007) o que torna exemplar um estudo de caso é ser significativo, completo, considerar perspectivas alternativas, apresentar evidências suficientes e ser elaborado de uma maneira atraente. De acordo com Ventura (2007), o estudo de caso dá a oportunidade para que um aspecto de um problema seja estudado em profundidade dentro de um período de tempo limitado; parece ser apropriado para investigação de fenômenos quando há uma grande variedade de fatores e relacionamentos que podem ser diretamente observados e não existem leis básicas para determinar quais são importantes. Em algumas pesquisas com famílias e crianças a apresentação dos resultados deu-se por meio de um ou mais estudos de casos (ANDRADE, COSTA; ROSSETI-FERREIRA, 2006; DELFRATE *et al.*, 2006; FLECK; SILVA; BATISTA, 2007; FRANCO; MASSI, 2009; MAZORRA, 2007; SEI; SOUZA; ARRUDA, 2008; WAGNER, 2003). Dessa forma, evidenciam-se algumas vantagens dos estudos de caso: estimulam novas descobertas, em função da flexibilidade do seu planejamento; enfatizam a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo e apresentam simplicidade nos procedimentos, além de permitir uma análise em profundidade dos processos e das relações entre eles (VENTURA, 2007). Branco e Ferreira (2006) descreveram um caso clínico de uma criança com Déficit em Habilidades Sociais (DHS); o manejo terapêutico baseou-se fundamentalmente no relato de contingências, utilizando técnicas direcionadas ao Treinamento em Habilidades Sociais (TSH). Ao final de 20 sessões, progressos comportamentais significativos foram relatados, especialmente em relação ao ajustamento da criança em seu contexto ambiental.

Há que lembrar que, em pesquisas com famílias e crianças, se destaca a possibilidade do uso de brincadeiras como estratégia metodológica na coleta de dados nas interações genitor-criança (BICHARA, 1994; LABRELL, 1996; LINDSEY, MELLO; SPERB, 1997; MINE, 2000; ROOPNARINE *et al.*, 1990; SALUM, MORAIS; CARVALHO, 1994;), que examinam desde o desenvolvimento de brincadeiras e jogos dentro da família até a influência dessa atividade na interação social e na comunicação verbal de crianças com seus pais, mães e irmãos. O estudo sobre o valor da brincadeira no desenvolvimento infantil tem sido seriamente discutido em teorias clássicas como as de Piaget (1946) e Vygotsky (1994), como também por outros autores, que reconheceram a importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil (BRUNER, 1986; KISHIMOTO, 1996, 1997; ORTEGA, 1990).

Pesquisa realizada por Lindsey e Mize (2000) examinou conexões entre jogo de faz-de-conta de pai-criança e a competência social observada durante o jogo, sugerindo que a interação mútua da díade, durante essa atividade, poderia estar associada à competência social das crianças. Martins e Szymanski (2006) realizaram um estudo com o objetivo de compreender a utilização da brincadeira como prática educativa familiar em uma comunidade da periferia da cidade de São Paulo. Foram consideradas questões relativas à importância do brincar nas práticas educativas dessas famílias, os tipos de brincadeiras que fazem parte do cotidiano das crianças e as múltiplas relações entre educação não formal, criança e brincadeira. Os resultados apontam que o brincar entre adultos e crianças integra-se às práticas educativas das famílias, mostrando-se como um poderoso instrumento de socialização e de transmissão de valores e regras.

Há também algumas pesquisas realizadas em laboratórios para receber crianças e suas famílias em situação de jogo/brincadeira (DICKSON; WALTER; FOGEL, 1997; TERMINE; IZARD, 1988). Utilizaram os jogos e brincadeiras, muitas vezes como um método para coleta de dados sobre o desenvolvimento da criança ou interações entre pais,

crianças e irmãos. Há estudos laboratoriais, por exemplo, que verificaram o poder do sorriso ou de emoções de alegria ou tristeza dos pais quando estavam brincando com seus filhos, revelando várias relações significantes entre o comportamento de olhar de crianças, expressões de emoção e comportamento de jogar (DICKSON; WALKER; FOGEL, 1997; TERMINE; IZARD, 1988).

Como visto, muitos são os procedimentos utilizados com famílias e crianças, seja por meio de relato espontâneo, como o caso de entrevista, seja na forma de relato dirigido (escalas, inventários) ou por observação direta no contexto natural ou estruturado. Inúmeros estudos referendam a contribuição desses procedimentos para a identificação e avaliação das crianças, e considera-se que diferentes instrumentos ou mais de um informante fornecem informações complementares, que podem ampliar a compreensão sobre o comportamento infantil (BOLSONI-SILVA *et al.* (2011).

Objetivos

O objetivo geral deste estudo é o de apresentar quatro estudos de caso de crianças de 1ª e 2ª série do ensino fundamental, sendo duas avaliadas sem problemas de comportamento e duas com problemas, segundo a visão das professoras. Os objetivos específicos são:

- a) Descrever o repertório comportamental (habilidades sociais e problemas de comportamento) das crianças, com base na avaliação da professora, pais, mães e na observação;
- b) Descrever o desempenho acadêmico das crianças, com base na avaliação da professora;

- c) Descrever as habilidades sociais educativas das professoras, e suas práticas negativas, através do relato oral da mesma;
- d) Descrever as habilidades sociais educativas dos pais e das mães e suas práticas educativas negativas, através do relato oral dos próprios genitores e da observação.

MÉTODO

Nesta seção apresenta-se o local da realização da pesquisa e a descrição do procedimento de seleção dos participantes. Descreve-se ainda, os instrumentos utilizados e o procedimento para a coleta e análise dos dados.

Locais de realização da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental), de uma cidade do interior paulista com cerca de 50.000 habitantes e, em seguida, nas residências das famílias. Os critérios para a seleção da escola partiram do fácil acesso para a pesquisadora e da existência de professores efetivos nas séries iniciais.

Participantes

Participaram deste estudo duas professoras, sendo uma de 1º e outra do 2º ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, quatro escolares e seus genitores (quatro pais e quatro mães).

A professora do 1º ano tinha 47 anos, 25 anos de serviço e renda familiar de seis salários mínimos. A do 2º ano tinha 43 anos, 20 anos de profissão e renda familiar de quatro salários mínimos. Ambas tinham curso Superior Completo, com especialização em Psicopedagogia.

Em relação às crianças, duas eram do gênero masculino (André, sete anos e Caio, sete anos e cinco meses; ambos cursavam o 2º ano) e duas do feminino (Beatriz, seis anos e

oito meses, que cursava o 1º ano e Daiane, sete anos, que cursava o 2º ano¹). No momento da coleta de dados todos os genitores eram legalmente casados. Uma mãe tinha 29 anos, duas 30 e a outra 38, destas, apenas uma havia concluído o ensino médio completo, as outras haviam concluído o ensino fundamental e três trabalhavam fora como: montadora de componentes eletrônicos, cooperativista de reciclados e salgadeira industrial. Os pais tinham 29, 30, 32 e 35 anos e três deles haviam concluído o ensino fundamental, um o fez de forma incompleta. Os pais trabalhavam como pedreiro de obras, operador de injetora de fábrica de eletroeletrônicos, servente de pedreiro e balconista de panificadora.

Percurso amostral

Inicialmente foram convidadas duas professoras da EMEF, que lecionavam para os 1º e 2º ano, para participar da pesquisa e elas aceitaram o convite. Elas responderam ao instrumento Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência – Versão do professor. TRF- *Teacher's Report Form* (Achenbach & Rescorla, 2001), um para cada aluno, com o objetivo de caracterizar os comportamentos das crianças de sua sala. A Tabela 1 apresenta os resultados do instrumento TRF dos alunos do primeiro ano onde são verificados os alunos classificados como clínicos, limítrofes e não clínicos.

¹ Todos os nomes das crianças são fictícios.

A professora das crianças André, Caio e Daiane é a mesma (2º ano).

Tabela 1. Classificação do TRF para as crianças avaliadas pela professora do 1º ano.

TRF - 1º ANO A						
Alunos		Problemas		Score Total	Classificação	
		Internalizantes	Externalizantes			
1	PR 01	37	43	33	Não clínico	
2	PR 02	37	43	33	Não clínico	
3	PR 03	38	41	32	Não clínico	
4	PR 04	38	41	32	Não clínico	
5	PR 05	38	41	32	Não clínico	
6	PR 06	38	41	32	Não clínico	
7	PR 07	37	52	42	Não clínico	
8	PR 08	66-C	66-C	72-C	Clínico	
9	PR 09	69-C	77-C	72-C	Clínico	
10	PR 10	70-C	58	67-C	Clínico	
11	PR 11	48	65-C	62-B	Limítrofe	
12	PR 12	50	52	46	Não clínico	
13	PR 13	38	41	40	Não clínico	
14	PR 14	51	41	40	Não clínico	
15	PR 15	47	43	42	Não clínico	
16	PR 16	48	41	40	Não clínico	
17	PR 17	37	43	39	Não clínico	
18	PR 18	44	55	56	Não clínico	
19	PR 19	37	52	44	Não clínico	
20	PR 20	52	43	50	Não clínico	
21	PR 21	37	55	49	Não clínico	
22	PR 22	45	41	46	Não clínico	
23	PR 23	45	51	46	Não clínico	
24	PR 24	44	43	39	Não clínico	
25	PR 25	38	41	32	Não clínico	
26	PR 26	38	48	38	Não clínico	
27	PR 27	45	41	38	Não clínico	
28	PR 28	45	48	43	Não clínico	
Total de alunos - NÃO CLÍNICO					24	
Total de alunos – LIMÍTROFE					1	
Total de alunos – CLÍNICO					3	
Total de alunos AVALIADOS					28	

Dos 28 alunos, 24 foram avaliados como sem problemas de comportamento (classificação não clínica, total de escore abaixo de 60). Um aluno foi classificado como

limítrofe (total de escores entre 60 e 65) e três alunos foram avaliados como portadores de problemas de comportamento internalizante e/ou externalizante (total de escores acima de 65).

Na Tabela 2 encontram-se os resultados do instrumento TRF dos alunos do 2º ano. Dos 26 alunos avaliados, dezesseis foram classificados como não apresentando problemas de comportamento (classificação não clínica); dois alunos foram classificados como limítrofe e oito como alunos portadores de problemas de comportamento internalizantes e/ou externalizantes.

Tabela 2. Classificação do TRF para as crianças avaliadas pela professora do 2º ano.

TRF - 2º ANO A					
Alunos	Problemas		Score Total	Classificação	
	Internalizantes	Externalizantes			
1	PR29	60-B	63-B	58	Não clínico
2	PR 30	56	78-C	73-C	Clínico
3	PR 31	87-C	63-B	72-C	Clínico
4	PR 32	56	48	46	Não clínico
5	PR 33	37	52	42	Não clínico
6	PR 34	53	41	43	Não clínico
7	PR 35	68-C	69-C	71-C	Clínico
8	PR 36	51	41	40	Não clínico
9	PR 37	56	41	44	Não clínico
10	PR 38	69-C	67-C	70-C	Clínico
11	PR 39	75-C	63-B	67-C	Clínico
12	PR 40	71-C	69-C	72-C	Limítrofe
13	PR 41	38	55	51	Não clínico
14	PR 42	59	75-C	68-C	Clínico
15	PR 43	44	43	45	Não clínico
16	PR 44	37	43	44	Não clínico
17	PR 45	37	43	44	Não clínico
18	PR 46	38	41	32	Não clínico
19	PR 47	45	55	50	Não clínico
20	PR 48	38	41	32	Não clínico
21	PR 49	55	63-B	62-B	Limítrofe
22	PR 50	38	41	46	Não clínico
23	PR 51	51	41	47	Não clínico
24	PR 52	38	41	32	Não clínico
25	PR 53	66-C	84-C	78-C	Clínico
26	PR 54	70-C	88-C	86-C	Clínico
Total de alunos - NÃO CLÍNICO					16
Total de alunos – LIMÍTROFE					2
Total de alunos – CLÍNICO					8
Total de alunos AVALIADOS					26

Considerando as duas salas de crianças avaliadas, foram encontradas 40 crianças classificadas como não clínicas e 11 como clínicas. O passo seguinte foi encontrar, dentre essas crianças, as que atendiam os seguintes critérios: (a) ter seis ou sete anos de idade; (b) ter

frequentado regularmente a Educação Infantil, com a finalidade de garantir que todos os participantes tivessem oportunidades escolares similares e; (c) ambos os genitores aceitarem participar da pesquisa e conviverem maritalmente.

Em seguida, foram selecionadas as famílias participantes da pesquisa. Para essa seleção, a pesquisadora entrou em contato com os genitores das crianças avaliadas pelas professoras com indicador de problemas de comportamento, solicitando a participação dos mesmos na pesquisa. Na seleção das famílias com crianças avaliadas como tendo problemas de comportamento, houve várias dificuldades: (a) crianças abrigadas (ou seja, que não moravam com a família); (b) crianças que moravam apenas com a avó; (c) genitores que não concordaram na participação; (d) genitores separados ou divorciados, e (e) genitores que moravam em cidades distintas. Todas as 11 famílias das crianças classificadas como “clínicas” foram consultadas. Apenas duas famílias preencheram os requisitos.

Na seleção das famílias de crianças sem problemas de comportamento a aceitação foi imediata, ou seja, os dois primeiros casais consultados já concordaram em participar. Como o objetivo inicial era ter o mesmo número de famílias de crianças com e sem problemas de comportamento, as famílias ficaram reduzidas a quatro, o que precisou de uma revisão na metodologia, adotando-se o formato de estudo de caso.

Instrumentos utilizados

Com as professoras foram utilizados dois instrumentos, o TRF, que permitiu a seleção dos participantes (já descrita anteriormente) e o RE-HSE-PR, após a seleção das crianças. Com os genitores foram utilizados três instrumentos, um Questionário de Caracterização do Sistema Familiar, o CBCL e o RE-HSE-P. A seguir, são descritos os instrumentos utilizados.

Com as professoras:

Teacher's Report Form (Lista de Verificação Comportamental para Professores)- TRF – Achenbach e Rescorla (2001). Este instrumento foi utilizado na seleção das crianças participantes nesta pesquisa. Trata-se de uma caracterização, na percepção dos professores, do repertório comportamental de crianças e adolescentes. É composto por duas partes. Na primeira encontram-se questões sobre a identificação da criança e seu desempenho escolar e, a segunda é constituída por 113 itens relativos à avaliação da presença ou ausência de problemas de comportamento. Cada um desses itens é classificado pelo professor de acordo com uma escala que varia de zero (0) a dois (2) pontos: recebem zero (0) aqueles itens considerados falsos, um (1) aqueles relativamente verdadeiros e dois (2) os verdadeiros. Uma versão eletrônica para a análise dos pontos do TRF possibilita a conversão dos pontos e indica a necessidade, ou não, de atendimento clínico da criança avaliada. Na avaliação dos problemas de comportamento, T Escore acima de 40 pontos é classificado como **não clínico**; entre 37 e 40 é classificado como **limítrofe** e pontuações abaixo de 37 são consideradas **clínicas**. Na análise do desempenho acadêmico do aluno, escore abaixo de 40 é considerado clínico.

Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas para Professores - RE-HSE-PR

(Adaptação de Bolsoni-Silva; Loureiro; Marturano, 2011). Trata-se de um Roteiro de Entrevista que visa descrever as interações estabelecidas entre professor e aluno. Este instrumento também possibilita investigar o nível sócio-econômico e educacional do professor. É composto por 12 perguntas-guias pertencentes a três grandes categorias: “Comunicação” (conversa, faz perguntas, faz perguntas sobre sexualidade); “Expressão de Sentimentos e Enfrentamento” (expressa sentimentos positivos, negativos, opiniões) e “Estabelecimento de Limites” (identifica comportamento apropriado e

inapropriado, estabelece limites, cumpre promessa, admite erros). Em cada categoria ampla citada incluem-se comportamentos de professores, de seus alunos e variáveis de contexto. Para sumarizar os resultados, organiza-se em Total positivo somando-se Habilidades Sociais Educativas, Habilidades Sociais Infantis e Variáveis Contextuais. De forma análoga, o Total Negativo é resultado da soma das Práticas Negativas de educação e Problemas de Comportamento.

Com os genitores:

Questionário de Caracterização do Sistema Familiar - versão pais ou responsável (Dessen, 2009). Trata-se de um questionário composto por três partes: I- Identificação da criança focal e da família do estudo; II – Dados demográficos da família, incluindo informações sobre o tempo de escolaridade, ocupação, renda familiar, religião, condições de moradia e número de filhos; III- Dados relativos à caracterização do sistema familiar, incluindo informações sobre atividades de lazer, divisão de tarefas domésticas, rede social de apoio e informações a respeito das condições de saúde da família, além dos principais eventos ocorridos com a criança e sua família. A maioria dos itens é de questões fechadas, com conteúdo apropriado para projetos que envolvam famílias de crianças pré-escolares e escolares. Neste estudo, as mães forneceram as informações solicitadas.

CBCL - *Child Behavior Checklist* - Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência para pré-escolares e escolares de 4 a 18 anos (ACHENBACH; RESCORLA, 2001), que investiga, a partir do relato dos genitores, a frequência de respostas indicativas de problemas de comportamento, indicando ou não a classificação clínica, no caso de problemas externalizantes ou internalizantes. É composto por 138 itens. Destes, 20 são designados para a

avaliação de competência social e 118 para a avaliação de problemas de comportamento. O informante é então orientado a quantificar os comportamentos apresentados pela criança ou adolescente, nos últimos seis meses, numa escala de 0-1-2 pontos. Os resultados classificam a criança em limítrofe, clínica ou não clínica nos perfis Externalizante e Internalizante e em seu funcionamento Global (total do externalizante e internalizante) por meio de uma análise computadorizada (Software ADM - 2006). Os valores dos escores em Funcionamento Global são: **limítrofe** – escores entre 60 e 63; **clínico** – escores superiores a 64; **não clínico** – escores inferiores a 60. O pai e a mãe de cada criança responderam individualmente a este instrumento para que pudesse ser verificada a percepção de cada um deles em relação aos comportamentos de seus filhos.

Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais - RE-HSE-P (Bolsoni-Silva; Loureiro; Marturano, 2011). Entrevista semi-estruturada realizada com genitores, abordando temas como habilidades sociais educativas parentais e práticas educativas negativas dos genitores, habilidades sociais e problemas de comportamento infantis e variáveis de contexto. Esse roteiro busca descrever, a partir de relatos espontâneos, as interações estabelecidas entre pais e filhos a partir de 13 perguntas gerais que incluem perguntas fechadas que prevêm avaliação da frequência comportamental. Ou seja, nas perguntas que prevêm a frequência das categorias comportamentais de pais e filhos verifica-se se ocorre o comportamento; se sim, então se investiga a frequência com que ocorre. As respostas obtidas são codificadas e alocadas em cinco subcategorias: Habilidades sociais educativas parentais (práticas educativas parentais positivas); Práticas educativas negativas; Habilidades sociais da criança; Variáveis de contexto e Problemas de comportamento. Estas subcategorias são então organizadas em três grandes categorias: *Comunicação, Expressão de Sentimentos e Enfrentamento e estabelecimento de Limites*. Em cada uma destas amplas

categorias incluem-se comportamentos das mães ou pais, das crianças e as variáveis de contexto (Apêndice C). É possível ainda computar o Total Positivo e o Negativo dos comportamentos de todos os envolvidos. O Total Positivo é computado somando-se os escores de habilidades sociais educativas (HSE-P ou HSE-PR), o contexto e as habilidades sociais infantis; o Total Negativo é obtido pela soma dos escores de práticas educativas negativas e problemas de comportamento da criança. Ambos os genitores responderam individualmente a este instrumento.

Além desses instrumentos, também foi realizada uma observação da interação entre pai-criança e mãe-criança.

A observação

A observação também foi utilizada como estratégia de coleta de dados. Seu objetivo foi registrar a interação em situação estruturada de brincadeira entre mãe-criança e pai-criança com a finalidade de descrever os comportamentos dos genitores e das crianças. As observações ocorreram nas residências das famílias e cada episódio de gravação durou 15 minutos. A observação foi registrada por uma filmadora Steady Shot DSC-W320 da marca Sony, que foi localizada ao lado da superfície em que ocorriam os jogos, em posição fixa.

Em todos os episódios de gravação foram disponibilizados seis jogos de memória, sendo três deles de 36 peças e três de 72 peças. O jogo da memória foi escolhido por ser um jogo muito conhecido pela população e apropriado para a idade das crianças pesquisadas. Para jogar, os participantes sentavam-se próximos e normalmente jogavam do seguinte modo: a) colocavam as peças sobre uma mesa (ou superfície lisa) viradas para cima; b) visualizavam as peças por alguns segundos e, em seguida, viravam-nas rapidamente para baixo; c) cada um, na

sua vez, tentava encontrar as peças que formava par; d) quando conseguiam acertar, pegavam o par para si e jogavam novamente até que errassem e, então, passavam a vez; e) quando não acertavam, passavam a vez para o participante seguinte; f) ganhava o jogo quem tivesse mais pares ao final. Nesta pesquisa, a orientação dada aos participantes, no momento da observação, foi a de que deveriam jogar como desejassem. Esta orientação inicial permitiu que a pesquisadora observasse, inclusive, o estabelecimento das regras do jogo entre as díades.

A metodologia da observação, através da filmagem, foi inicialmente testada (estudo piloto), com uma família não participante da amostra que cumpria todos os critérios estabelecidos para seleção dos participantes, com o objetivo de verificar: (a) a posição da câmera; (b) a possibilidade da observação de ambos os participantes em cada filmagem; (c) a qualidade da imagem e do som e; (d) o tempo necessário para a análise da interação. Essa testagem possibilitou a troca do jogo Batalha Naval (GROW), inicialmente utilizado, para o jogo de memória. Batalha Naval é um jogo clássico de tabuleiro no qual os dois jogadores têm que adivinhar em que quadrados estão as embarcações do rival. O jogo foi julgado inadequado e, portanto, substituído, devido à sua complexidade e desconhecimento por parte dos participantes. O tradicional jogo da memória é simples e muito utilizado como forma de distração entre as crianças, gerando um longo período de divertimento e interação social.

Procedimentos de coleta de dados

O primeiro passo foi submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da UNESP, Campus de Bauru, tendo sido aprovado sob nº 2071/46/01/10 (Anexo A). Em um segundo momento foi solicitada à Secretária Municipal da Educação, permissão para a realização da pesquisa e entregue à mesma, para apreciação, uma

cópia do projeto. Após a aprovação, a pesquisadora procurou a EMEF escolhida e realizou uma reunião com a diretora, coordenadora pedagógica e as duas professoras das séries iniciais, com o intuito de esclarecer os objetivos do trabalho. A pesquisadora comprometeu-se a realizar com as mesmas uma reunião devolutiva dos resultados obtidos no final da pesquisa ou outro tema de interesse da escola, como por exemplo, como promover habilidades sociais em escolares. Nesse momento, foram coletadas as assinaturas das professoras participantes da pesquisa a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). O próximo passo foi identificar crianças com e sem problemas de comportamento, após as respostas das professoras ao TRF. As professoras também responderam ao RE-HSE-PR (adaptado de BOLSONI-SILVA; LOUREIRO; MARTURANO, 2011), um para cada aluno selecionado. A seleção das famílias já foi descrita na página 59.

Para as quatro famílias que aceitaram participaram da pesquisa, foram oferecidas explicações prévias acerca dos objetivos, procedimentos de coleta de dados, sigilo da participação, entre outras e, após a concordância dos genitores, foram coletadas as assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Foi então agendado o encontro para o prosseguimento da pesquisa.

A coleta de dados com as famílias ocorreu em suas residências e foi realizada em dois encontros, em períodos diurnos ou noturnos, conforme a disponibilidade dos participantes. No primeiro dia de coleta a mãe de cada criança respondeu ao Questionário de Caracterização do Sistema Familiar, sendo que a pesquisadora fazia as perguntas e registrava as respostas. Em seguida, os genitores foram entrevistados, individualmente, seguindo as orientações do RE-HSE-P (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO; MARTURANO, 2011). As entrevistas foram gravadas em áudio.

No segundo encontro foi realizada a observação da interação em situação de brincadeira estruturada, primeiramente entre mãe e criança, seguida da observação da

interação pai-criança. Como última etapa da coleta, a pesquisadora se reuniu com a mãe e depois com o pai e apresentou oralmente a lista de comportamentos do CBCL (ACHENBACH; RESCORLA; 2001), registrando as respostas obtidas.

Procedimentos de tratamento e análise de dados

Para a análise dos dados, as famílias foram identificadas por nomes fictícios das crianças: ANDRÉ e BEATRIZ para as famílias com crianças sem problemas de comportamento e, CAIO e DAIANE, para as famílias com crianças com problemas de comportamento. Os instrumentos respondidos pelas professoras (TRF e RE-HSE-PR) e pelos genitores (Questionário de Caracterização do Sistema Familiar, RE-HSE-P e CBCL) foram analisados de acordo com instruções dos autores. O instrumento TRF e CBCL foram analisados a partir do *Software Assessment Data Manager* (ADM 7.0), o qual forneceu um perfil de cada criança para os problemas de competência social, problemas internalizantes e externalizantes e escala total de problemas de comportamento. A partir dos escores padronizados (pontuação da criança comparada à pontuação da amostra normativa), as crianças foram classificadas como clínica, limítrofe e não clínica para cada escala do CBCL.

Quanto à análise das observações, descartaram-se os três minutos iniciais para adaptação dos participantes à tarefa e os dois finais de cada filmagem, considerando então 10 minutos de filmagem com a mãe e 10 com o pai, totalizando vinte minutos de filmagens analisadas em cada família.

Foi elaborado então um protocolo de observação em que foram alocadas as categorias de análise para verificar a forma como cada um dos genitores se relacionava com seu filho em situação de brincadeira estruturada e como a criança se comportava em relação a cada um deles. As categorias foram extraídas do instrumento RE-HSE-P (BOLSONI-SILVA;

LOUREIRO; MARTURANO, 2011) por serem previamente definidas e validadas para a população brasileira. Além disso, essas categorias foram utilizadas para facilitar a análise dos comportamentos dos genitores e das crianças obtidos pelas duas formas de coleta, relato oral e observação. Foram acrescentados os comportamentos “olhar para a criança” e “olhar para pai/mãe” nas categorias, com base em seu aparecimento nas observações das díades. Esse sistema de categorias encontra-se descrito no Apêndice C e alocado no protocolo de análise de vídeos (Apêndice D).

Ao se adotar um procedimento de análise semelhante para dados observacionais e de entrevistas, os objetivos foram o de complementar e confrontar, podendo posteriormente “evidenciar as inter-relações das duas estratégias de investigação, uma vez que há informações que só a Observação permite obter, enquanto que outras, a Entrevista, além de mais rápida, é a única capaz de trazer” (MELCHIORI, 1999, p.50).

Os comportamentos dos adultos e das crianças, ocorridos na observação, foram registrados minuto a minuto. Todas as observações foram analisadas e categorizadas por dois observadores independentes para uma maior confiabilidade, sendo uma a autora desta pesquisa e a outra, uma pedagoga familiarizada com o RE-HSE-P. Em seguida, foi feita a confrontação das categorizações realizadas e, em caso de não concordância, voltou-se às filmagens; as dúvidas foram discutidas e obteve-se um consenso, totalizando após esse procedimento 100% de acordo.

RESULTADOS

Nesta seção são apresentados quatro estudos de caso, sendo que os dois primeiros - André e Beatriz - são os das crianças que foram classificadas sem problemas de comportamento na avaliação de suas professoras, seguidos das crianças classificadas como apresentando problemas de comportamento, o Caio e a Daiane.

Em cada estudo de caso os resultados estão organizados em seis etapas, na seguinte sequência: (a) caracterização do sistema familiar; (b) avaliação dos comportamentos da criança na família e na escola; (c) avaliação do desempenho acadêmico da criança segundo a percepção da professora; (d) avaliação das habilidades sociais educativas e práticas negativas das professoras e genitores, variedade de contextos das interações e problemas de comportamento da criança; (e) descrição dos comportamentos das díades no relato oral e na situação de observação; (f) análise comparativa dos dados coletados a partir do relato oral e da situação de observação.

CRIANÇAS AVALIADAS COMO SEM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO



“Para a criança, toda caminhada é uma viagem de descoberta, todo tapete é um tapete mágico, todo animal é um monstro fabuloso, todo caminho é um caminho secreto...” (Maria Montessori)

ANDRÉ: FAMÍLIA E ESCOLA

Caracterização do Sistema Familiar

André, sexo masculino, tinha sete anos na época da coleta de dados e cursava o segundo ano do ensino fundamental de uma escola municipal. Viviam em uma família nuclear e tinha duas irmãs (16 e 17 anos). Seus genitores eram legalmente casados há 18 anos e quatro meses. Seu pai tinha 35 anos, não havia completado o ensino fundamental e trabalhava como pedreiro de obras. Sua mãe tinha 38 anos, concluiu o ensino fundamental e não exercia atividade remunerada. A **renda per capita** familiar era de meio salário mínimo. Todos os membros da família do André eram evangélicos e frequentavam a igreja semanalmente.

Essa família morava em condições satisfatórias e a casa possuía infra-estrutura básica como água e esgoto. A residência era própria, de alvenaria, com seis cômodos, sendo uma sala, uma cozinha, um banheiro e três quartos; era provida, ainda, de móveis e aparelhos domésticos e eletrônicos básicos.

Segundo o relato materno, quando não estava na escola André era cuidado exclusivamente na própria residência e era “olhado” principalmente pela mãe, seguido do pai e irmãs. As tarefas de **alimentação/dar banho, ir dormir, ir à escola e ler/contar histórias** eram realizadas pela própria criança, sendo monitoradas pela mãe.

Em relação às tarefas domésticas, a **limpeza da casa** era realizada principalmente pela mãe, e esporadicamente também eram realizadas em conjunto com a avó materna, que residia em residência próxima e/ou filhas mais velhas. A tarefa de **cozinhar** era realizada pela mãe e também pela avó materna; já a mãe era a única responsável por **lavar/passar roupa**, que compartilhava com o esposo a tarefa de **comprar alimentos**.

Levar a criança às atividades de lazer era realizada por ambos os genitores e algumas vezes pelas irmãs, tios e avós dos progenitores ou ainda pelos vizinhos, ocasionalmente. As principais **atividades de lazer** realizadas em casa pela família eram assistir TV e DVD, jogar vídeo-game, utilizar computador e ouvir música. Fora de casa, os membros da família costumavam visitar e conversar com parentes e amigos, fazer passeios no lago artificial da cidade e ir semanalmente à igreja. O pai, em alguns finais de semana, soltava pipa e jogava futebol com o filho.

Segundo a mãe os principais **problemas de saúde** apresentados pelos membros familiares (avós maternos) são os cardiovasculares. Quanto aos **eventos importantes ocorridos nos últimos seis meses** no âmbito dessa família destacou-se o uso/abuso de álcool pelo pai da criança e, às vezes, conflitos e brigas entre os genitores.

Em relação ao **apoio familiar**, as pessoas com quem a mãe podia contar em caso de necessidade eram as avós e as tias da criança, ou seja, figuras femininas. O principal apoio recebido dessas pessoas era o de cuidar da criança e dar apoio afetivo. Sobre a **rede de apoio extra-familiar** a mãe relatou contar, sempre que necessário, com o apoio afetivo dos amigos.

Avaliação dos comportamentos do André na família e na escola

Os comportamentos do André foram avaliados através do TRF, na escola, e pelo CBCL, na família, onde foi classificado como **não clínico** para problemas de comportamento por todos os avaliadores: professora, pai e mãe (ver Tabela 3).

Tabela 3. Resultado da avaliação do comportamento do André segundo os diferentes avaliadores.

ESCOLA - TRF (T escore)			FAMÍLIA – CBCL (T escore)					
PROFESSORA			PAI			MÃE		
PROBLEMAS			PROBLEMAS			PROBLEMAS		
Internalizantes	Externalizantes	Total	Internalizantes	Externalizantes	Total	Internalizantes	Externalizantes	Total
38	41	32	34	40	38	41	44	42
(NC)	(NC)	(NC)	(NC)	(NC)	(NC)	(NC)	(NC)	(NC)

Classificação: C- Clínico; L- limítrofe; NC - Não Clínico

Os instrumentos utilizados também tornaram possível verificar quais os comportamentos problemáticos apresentados por André segundo esses avaliadores, apesar de ele ter sido considerado não clínico. A Tabela 4 apresenta esses resultados.

Tabela 4. Análise (por ítems) dos comportamentos problemáticos apresentados por André conforme percepção dos genitores (CBCL) e professora (TRF).

COMPORTAMENTOS	CBCL		TRF
	PAI	MÃE	PROFESSORA
Não consegue parar sentado	X		
É irrequieto ou hiperativo	X		
Exige que prestem atenção nele	X	X	
Não come bem	X	X	
Sente ciúmes com facilidade	X	X	
Gosta de se exibir, fazer palhaçadas	X	X	
Agarra-se aos adultos ou é muito dependente		X	
Reclama de solidão		X	
Acha que deve ser perfeito		X	
Prefere estar com crianças mais velhas		X	
Desatento ou distrai-se facilmente		X	
TOTAL	06	09	00

Na análise dos dados coletados nos instrumentos, verificou-se que a professora não pontuou nenhum comportamento para a criança, o que contribuiu para a sua classificação **não clínica** em relação aos problemas de comportamento. Em contrapartida, ao responder o instrumento CBCL, a mãe pontuou mais comportamentos em André que o pai (09 e 06). Alguns desses comportamentos foram comuns: exigir que prestem atenção nele, não comer bem, sentir ciúmes com facilidade e gostar de se exibir ou fazer palhaçadas.

A partir do TRF, a professora avaliou o **desempenho acadêmico** do André como **não clínico** (escore 48). Esse instrumento também possibilitou a verificação dos seguintes itens: (a) quanto se esforça nas suas tarefas (43); (b) em que grau se comporta adequadamente (54); (c) quanto ele está aprendendo (59) e, (d) em que grau ele é feliz (59): total da soma dos itens (a, b, c, d) = **55** (classificação **não clínica**).

Avaliação dos comportamentos do André, na família e na escola, e de seus genitores e professora

Também foram avaliadas as HSE e práticas educativas negativas dos genitores (através do RE-HSE-P) e da professora (RE-HSE-PR), variedade de contextos e as HS e os problemas de comportamento do André, segundo a percepção desses cuidadores. Esses dados encontram-se na Tabela 5.

Tabela 5. Habilidades sociais educativas e práticas negativas dos genitores e da professora, variedade de contextos e habilidades sociais e problemas do comportamento do André (RE-HSE-P e RE-HSE-PR).

Análise por itens de conteúdo (perguntas gerais de conteúdo)	Roteiros (HSE-P e HSE-PR)				
		Pai		Mãe	Professora*
Habilidade Social Educativa	03	(clínico)	09	(limítrofe)	15
Habilidade Social da criança	02	(clínico)	30	(não clínico)	20
Contexto	12	(não clínico)	19	(não clínico)	37
Práticas Negativas	04	(não clínico)	02	(não clínico)	01
Problemas de Comportamento (Internalizantes e Externalizantes)	05	(não clínico)	01	(não clínico)	03
Total Positivo	17	(limítrofe)	57	(não clínico)	73
Total Negativo	09	(não clínico)	03	(não clínico)	04
Análise por frequência (perguntas específicas de conteúdo)		Pai		Mãe	Professora*
Habilidade Social Educativa	07	(clínico)	08	(clínico)	11
Habilidade Social da criança	07	(clínico)	14	(não clínico)	08
Contexto	02	(clínico)	02	(clínico)	02
Práticas Negativas	07	(não clínico)	02	(não clínico)	01
Problemas de Comportamento (Internalizantes e Externalizantes)	00	(não clínico)	00	(não clínico)	03
Total Positivo	16	(clínico)	24	(limítrofe)	21
Total Negativo	07	(não clínico)	02	(não clínico)	04

*Instrumento ainda não validado, portanto, foram considerados os escores.

Os resultados da codificação indicaram classificações distintas conforme o repertório dos informantes. Quanto à qualidade da interação (análise por itens, perguntas gerais de conteúdo), o pai foi classificado como clínico em Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE) e a mãe, como limítrofe. Embora o instrumento com a professora ainda não tenha sido validado, há indicativos (a partir dos escores) de que a professora apresenta uma Habilidade Social Educativa bem maior que a dos genitores de André. Quanto às HS, André foi classificado como não clínico pela mãe e professora e como clínico apenas pelo pai. Ambos os genitores e a professora foram considerados não clínicos em variedade de contextos e práticas negativas, ou seja, relataram quase não utilizar práticas educativas negativas na interação com esse aluno. Entretanto, nota-se que ainda que a criança não apresente

problemas de comportamento (não clínico), pai e mãe apresentam déficits em HSE. A mãe e provavelmente a professora de André obtiveram classificação não clínica no Total Positivo e o pai, limítrofe. No Total Negativo, todos os cuidadores foram considerados não clínicos.

Algumas perguntas dos instrumentos RE-HSE-P e HSE-PR, além de investigar a ocorrência do comportamento, também previam a frequência (análise por perguntas específicas, perguntas específicas de conteúdo). Neste caso, obteve-se uma classificação clínica para as HSE dos genitores e possivelmente limítrofe para as da professora. Nessa classificação, o pai e a professora de André o avaliaram como clínico em HS e a mãe, como não clínico. Todos os cuidadores, provavelmente, podem ser classificados como clínicos em variedade de contextos e não clínicos quanto ao uso de práticas negativas de educação. André foi classificado como não clínico em problemas de comportamento tanto pelo pai, como pela mãe e professora. Nessa classificação, os genitores e a professora de André também obtiveram resultados diferentes no Total Positivo: o pai obteve classificação clínica, a mãe limítrofe e a professora, provavelmente, clínica. Total Negativo, todos os cuidadores foram classificados como não clínicos.

Comportamentos das díades no relato oral e na situação de observação

Avaliação segundo a professora

A análise do relato oral da professora em relação às suas habilidades sociais educativas e as habilidades sociais do André é apresentada na Tabela 6. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares da professora: habilidades sociais educativas (HSE-PR) de “comunicação e negociação” e “expressão de sentimento e enfrentamento” e habilidades sociais da criança “disponibilidade social e cooperação” e “expressão de sentimento e

enfrentamento”. Na segunda coluna encontram-se os comportamentos e, na terceira, as frequências com que estes foram relatados.

Tabela 6. Habilidades sociais educativas da professora e habilidades sociais do André, avaliadas através de relato oral da docente.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR	FREQUÊNCIA
Habilidade Social Educativa (HSE-PR): Comunicação e negociação	Elogia	04
	Aconselha	01
	Fala ou conversa	06
	Estabelece regras e combinados	01
	Escreve bilhetes positivos nos cadernos	01
	Sub-Total	13
Habilidade Social Educativa (HSE-PR): Expressão de sentimento e enfrentamento	Sorri	01
	Cola / desenha figuras com mensagens no caderno	01
	Sub-Total	02
TOTAL (HSE-PR)		15
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO ALUNO	FREQUÊNCIA
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade social e cooperação	Conversa	01
	É participativo	01
	É educado	01
	Apresenta assuntos/ traz novidades	01
	Obedece	02
	Concorda	01
	É atencioso	01
	É disciplinado	01
	Faz coisas que o professor gosta	01
	Faz todas as atividades diárias	01
	Sub-Total	11
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de sentimento e enfrentamento	É receptivo	02
	Respeita	01
	É caprichoso	01
	Demonstra contentamento/ que gostou	03
	Sorri	01
Fica perto do professor	01	
	Sub-Total	09
TOTAL (HS)		20

A professora de André apresentou sete comportamentos de HSE, sendo cinco na categoria “comunicação e negociação” (f= 13) e dois na categoria “expressão de sentimento e

enfrentamento” (f= 2). Segundo o relato da professora, André apresentou dezesseis comportamentos de habilidades sociais (HS), sendo dez na categoria “disponibilidade e cooperação” (f= 11) e seis na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” (f=9).

Na Tabela 7 encontram-se as respostas obtidas no RE-HSE-PR relacionadas às variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora. Na primeira coluna encontram-se as variáveis contextuais: concepção de certo e errado; situações acadêmicas; situações de lazer; situações diversas; temas acadêmicos; temas diversos e motivos para estabelecer limites. Na segunda coluna apresentam-se as descrições das variáveis e, na terceira, as frequências com que tais foram pontuadas.

Tabela 7. Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora, avaliadas através de seu relato oral.

VARIÁVEIS CONTEXTUAIS		FREQUÊNCIA
Concepção de certo e errado	Quando acontece algum conflito	01
	Práticas e brincadeiras que acabam em brigas	01
	Para ter controle sobre o comportamento da criança	01
Sub-Total		03
	Correções	01
	Nas atividades em sala de aula	04
	Recreio	01
	Rodas de Leitura	01
	Rodas de conversa	01
	Atividade extraclasse	02
	Tem bom desempenho acadêmico	01
	Dificuldade na atividade	01
Sub-Total		12
Situações de lazer	Brincadeiras	02
	Jogos	01
Sub-Total		03
Situações Diversas	Quando as coisas não dão certo	01
	Em todas as situações	02
	Quando o aluno está com problemas	01
Sub-Total		04
Temas Acadêmicos	Tarefas	01
	Conteúdos; matérias	01
	Dúvidas	01
	Atividades	01
	Leituras	01
	Faltas	01
	Dificuldades nas tarefas e atividades	01
Sub-Total		07
Temas Diversos	Notícias	01
	Família	01
	Brincadeiras	01
	O que a criança fez em casa ou na rua	01
	Assunto de interesse da criança	01
Sub-Total		05
Motivos para estabelecer limites	Para estabelecer direitos e deveres de cada um	01
	Para melhorar a convivência	01
	Para educar	01
Sub-Total		03
TOTAL		37

As variáveis contextuais não pontuadas no instrumento RE-HSE-PR foram excluídas da tabela.

A variedade de contextos da interação professora-criança apresentou um escore alto ($f=37$) o que contribuiu para um bom repertório de HS do André. Merece destaque a frequência de variáveis contextuais referentes às situações acadêmicas ($f=12$) como roda de leitura, de conversa, seguidas de temas acadêmicos ($f=7$) como conteúdo das matérias, tarefas, entre outros e temas diversos ($f=5$).

A análise do relato oral da professora em relação às suas práticas educativas negativas e aos problemas de comportamentos do André é apresentada na Tabela 8. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares da professora: “práticas educativas negativas (não habilidosas ativas)” e da criança “problemas de comportamento internalizantes e externalizantes”. Na segunda coluna descreve-se o comportamento do professor ou do aluno e, na terceira, a frequência com que este foi relatado.

Tabela 8. Práticas educativas negativas da professora e problemas de comportamento do André, avaliados através de relato oral da docente.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR	FREQUÊNCIA
Prática educativa negativa: não habilidosa ativa	Retira privilégios	01
	Sub-Total	01
TOTAL (práticas educativas negativas)		01
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO ALUNO	FREQUÊNCIA
Problema de comportamento: internalizante	Fica triste	01
	Demonstra timidez	01
Sub-Total		02
Problemas de comportamento: externalizante	Desobedece regras	01
	Sub-Total	01
TOTAL (problemas de comportamento)		03

A professora relatou utilizar apenas uma prática negativa (não habilidosa ativa) na sua interação em sala de aula com André: retirar privilégios. Também relatou três problemas de comportamento em seu aluno: ficar triste e demonstrar timidez (internalizantes) e

desobedecer regras (externalizante). Esses dados contribuíram para a classificação não clínica no resultado do instrumento RE-HSE-PR, tanto em relação ao uso de práticas negativas da professora (f= 01) como aos problemas de comportamento do aluno (f= 03).

Avaliação segundo os genitores

A análise do relato oral dos genitores em relação às suas HSE e às HS do André é apresentada na Tabela 9. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares dos genitores e da criança. Na segunda coluna apresentam-se os comportamentos dos adultos e de André, seguidos da frequência com que foram relatados.

Tabela 9. Habilidades Sociais Educativas dos genitores e habilidades sociais do André, avaliadas através de relato oral.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO GENITOR	FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE-P): comunicação e negociação	Estabelece regras	-	01
	Fala/conversa	01	03
Sub-Total		01	04
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressando sentimento e enfrentamento	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	-	04
	Brinca	02	01
Sub-Total		02	05
TOTAL (HSE-P)		03	09
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	PAI	MÃE
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade e cooperação	Conversa com a mãe/pai	01	03
	Fala coisas engraçadas	-	01
	Faz perguntas	-	02
	Obedece a ordens dadas	-	01
	Responde as perguntas	-	01
	Ouve o que os adultos tem a dizer	-	01
	É atencioso	-	02
	Sub-Total	01	11
Habilidades Social Infantil (HS): Expressão de Sentimento e Enfrentamento	Aceita opiniões dos adultos	-	01
	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	-	08
	Brinca	01	01
	Expressa suas próprias opiniões	-	01
	Pensa	-	01
	Tira dúvidas	-	01
	Respeita	-	01
	Demonstra contentamento	-	02
	Agradece	-	01
	Fica com a família	-	01
Retribui afeto recebido	-	01	
Sub-Total		01	19
TOTAL (HS)		02	30

Em relação às HSE (HSE), pode-se verificar que a mãe de André apresentou mais comportamentos na categoria “comunicação e negociação” e “expressão de sentimento e enfrentamento” (f= 09) do que o pai (f= 03). Segundo o relato da mãe, André também apresenta muitas habilidades sociais (f=30), nas duas categorias: “disponibilidade e cooperação” (f=11) e “expressão de sentimento e enfrentamento” (f=19). Já, o pai relatou apenas duas habilidades sociais do filho: conversar com a mãe/pai e brincar. Esta limitação pode ser atribuída, por exemplo, ao efeito de uma possível dificuldade de comunicação do pai ou ainda à falta de fluência verbal.

Na Tabela 10 estão alocadas as respostas obtidas através do RE-HSE-P relacionadas às variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores. Na primeira coluna encontram-se as variáveis contextuais e, na segunda, um detalhamento dessas. Na terceira e quarta colunas encontram-se as frequências com que tais variáveis foram pontuadas.

Tabela 10. Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores, avaliadas através de relato oral.

VARIÁVEIS CONTEXTUAIS		FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Temas Diversos	Sobre qualquer assunto	-	02
	Sobre situações do cotidiano	-	01
	Sobre limites: não brincar na rua	01	01
	Sobre o corpo	-	01
	Sobre como foi o dia	-	01
	Sobre tudo	-	01
Sub-Total		01	07
Em diversos momentos do dia	Durante o dia	-	01
	Em todas as situações	-	01
	Após chegar da escola	-	01
	Quando estão juntos	01	01
	À noite	01	-
Sub-Total		02	04
Concepção de certo e errado	Explicar e ensinar sobre o que é certo e errado	01	02
	Sobre comportamento: práticas e brincadeiras que acabam em brigas	01	-
	Sobre ordens e regras	01	-
Sub-Total		03	02
Problemas pessoais dos pais	Quando estou muito nervoso com o trabalho	01	-
Sub-Total		01	00
Situações Diversas	Sobre rotina	-	01
	Sobre qualquer assunto	-	01
Sub-Total		00	02
Situações de Lazer	Quando brincam	01	01
	Em passeios	01	01
	No computador	01	-
	Jogando vídeo-game ou assistindo TV	01	-
Sub-Total		04	02
Motivos para estabelecer limites	Para educar	-	01
	Para que o filho aprenda que não pode fazer tudo o que quer	-	01
	Para mostrar o direito de outras pessoas	01	-
Sub-Total		01	02
TOTAL		12	19

As variáveis contextuais não pontuadas no instrumento RE-HSE-P foram excluídas da tabela

A variedade de contextos da interação pai-criança (f=12) e mãe-criança (f=19) apresentou altos escores, o que provavelmente contribuiu para um bom repertório de habilidade social do André. Pode-se verificar que a mãe relatou uma variedade de contextos (f=19) maior do que o pai (f=12), com destaque para o comportamento de conversar com André sobre temas diversos. No entanto, o pai relatou mais comportamentos do que a mãe em relação à variável “concepções de certo e errado” e em “situações de lazer”.

A análise do relato oral do pai e da mãe em relação à suas práticas educativas negativas e aos problemas de comportamentos do André é apresentada na Tabela 11. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares dos genitores: “práticas educativas negativas não habilidosas ativas” e da criança: “problemas de comportamento externalizantes e internalizantes”. Na segunda coluna encontra-se a listagem dos comportamentos e, nas seguintes, as frequências com que foram relatados.

Tabela 11. Práticas educativas negativas dos genitores e problemas de comportamento do André, avaliados através de relato oral.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO GENITOR	FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Prática educativa negativa: não habilidosa ativa	Ameaça (retirar privilégios, bater)	01	01
	Grita, briga, fica bravo, xinga	02	01
	Dá sermão, bronca, de forma autoritária	01	-
	TOTAL (práticas educativas negativas)	04	02
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	PAI	MÃE
Problema de Comportamento: Externalizante	Desobedece a ordens e/ou regras dadas	02	-
	É teimoso/insistente	01	-
	Faz birras	01	-
	Reclama	01	-
	Sub-Total	05	00
Problema de Comportamento: Internalizante	Fica triste	-	01
	Sub-Total	00	01
TOTAL (problemas de comportamento)		05	01

O pai relatou utilizar mais práticas educativas negativas (não habilidosas ativas) do que a mãe: ameaçar (retirar privilégios, bater); gritar ou brigar ou ficar bravo ou xingar e dar sermão ou bronca de forma autoritária. A mãe relatou utilizar duas práticas negativas (não habilidosas ativas): ameaçar (retirar privilégios, bater) e gritar, brigar, ficar brava ou xingar. Segundo a mãe, o filho apresenta apenas um problema de comportamento: ficar triste (internalizante). Por outro lado, o pai atribuiu ao filho quatro problemas de comportamento (externalizantes): desobedecer a ordens e ou regras dadas; ser teimoso e insistente e fazer birras e reclamar.

As HSE e as HS infantis na situação de observação entre pai-criança e mãe-criança, através da brincadeira, são apresentadas na Tabela 12. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares dos genitores, seguida dos possíveis comportamentos dos envolvidos. A seguir, apresentam-se as frequências dos comportamentos observados.

Tabela 12. Habilidades sociais educativas e habilidades sociais infantis nas díades pai - André e mãe – André em situação de observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DOS GENITORES	FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE-P): comunicação e negociação	Diz “não” com explicação	-	02
	Elogia	01	02
	Estabelece regras	01	08
	Fala/conversa	16	33
	Faz perguntas	03	03
	Oferece outras sugestões	01	01
	Pede mudança de comportamento	04	02
	Sub-Total	26	51
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressão de sentimento e enfrentamento	Brinca oralmente	01	12
	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	-	01
	Incentiva	-	03
	Olha para a criança	13	18
	Sorri, fica contente	17	32
	Sub-Total	31	66
TOTAL (HSE-P)		57	117
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	FREQUÊNCIA	
		ANDRÉ	ANDRÉ
Habilidade Social Infantil (HS): disponibilidade social e cooperação	Atende a pedidos	01	01
	Conversa com a mãe/pai	15	23
	Fala coisas engraçadas	-	01
	Faz perguntas	03	03
	Muda comportamentos conforme solicitado	04	02
	Obedece a ordens dadas	-	06
	Responde as perguntas	03	03
	Sub-Total	26	39
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de sentimento e enfrentamento	Brinca oralmente	12	14
	Negocia	-	01
	Reivindica seus direitos	02	02
	Retribui afeto recebido	-	01
	Sorri	21	30
	Olha para o pai/mãe	18	21
Tira dúvidas	-	01	
	Sub-Total	53	70
TOTAL (HS)		79	109

Os comportamentos não pontuados no protocolo de observação não foram apresentados.

Em relação à frequência de comportamentos, a mãe (f=117) apresentou maior quantidade de comportamentos que o pai (f=57). Na situação de brincadeira, André também apresentou mais comportamentos quando estava com a mãe (f=109) do que com o pai (f=79).

As HSE de “comunicação e negociação” observados na díade mãe-André foram: dizer “não” com explicação, elogiar, estabelecer regras, falar ou conversar, fazer perguntas, oferecer outras sugestões e pedir mudança de comportamento. Na díade pai-André os comportamentos foram os mesmos, excetuando-se o comportamento de dizer “não” com explicação. Quanto às HSE de “expressão de sentimento e enfrentamento” na díade mãe-André foram observados os seguintes comportamentos: brincar oralmente, agradecer (abraçar, beijar, fazer carinhos), incentivar, olhar para a criança e sorrir ou ficar contente. Na interação pai-criança, nessa categoria, os comportamentos de agradecer e incentivar não foram observados.

Por outro lado, André também apresentou um maior leque de comportamentos de HS de “disponibilidade social e cooperação” ($f=39$) e “expressão de sentimento e enfrentamento” ($f=70$) com sua genitora que com o pai ($f=26$ e $f=53$). Na díade de interação mãe-filho foram observados os seguintes comportamentos de HS de “disponibilidade social e cooperação”: atender pedidos, conversar com a mãe, falar coisas engraçadas, fazer perguntas, mudar comportamentos conforme solicitado, obedecer a ordens dadas e responder as perguntas. Na díade pai-André observou-se a maioria dos comportamentos acima, com exceção dos comportamentos de falar coisas engraçadas e obedecer a ordens dadas. Em relação à categoria de “expressão de sentimento e enfrentamento” na díade mãe-André foi observado os seguintes comportamentos na criança: brincar oralmente, negociar, reivindicar seus direitos, retribuir afeto recebido, sorrir, olhar para a mãe e tirar dúvidas. Nesta mesma categoria, na díade pai-filho, os comportamentos de negociar, retribuir afeto recebido e tirar dúvidas não foram observados.

Na situação de observação entre pai-criança e mãe-criança, através da brincadeira, não foi verificado o uso de práticas educativas negativas. Em relação à análise dos problemas de comportamento do André verificou-se que, apenas na díade mãe-criança foi observada a

presença de um problema de comportamento externalizante da criança: desobedecer a ordens e ou regras dadas.

Analisando os comportamentos do pai e do André verifica-se algumas relações, embora não se possa garantir que uma é a causa da outra. Muitos comportamentos do genitor pareceram gerar respostas por parte do filho: o pai solicitou mudança de comportamento quatro vezes e o filho alterou seu comportamento por quatro vezes; o pai fez três perguntas e André respondeu três vezes; o pai estabeleceu uma regra e o filho atendeu ao pedido. Por outro lado há outros comportamentos em que não se pode afirmar quem iniciou a interação, mas que também apresentam uma frequência próxima: olhar (pai f=13 e filho f=18), sorrir (pai f=17 e filho f=21) e falar/conversar (pai f=16 e filho f=15). Pode-se verificar também que o filho apresentou mais comportamentos de brincadeira (f=12) do tipo “você não lembra de nada, assim eu vou ganhar de novo”, reivindicou seus direitos (f=2) “agora é a minha vez” e fez perguntas (f=3) do tipo “quantos pares o senhor já encontrou?” para o pai.

A mesma análise de relações pode ser feita nos comportamentos emitidos pela mãe e pelo filho: a mãe solicitou mudança de comportamento duas vezes e o filho alterou seu comportamento duas vezes e a mãe fez três perguntas e André respondeu três vezes. Por outro lado, alguns comportamentos apresentaram uma frequência próxima: sorrir (mãe f=32 vezes e filho f=30), brincar oralmente (mãe f=12 e filho f=14), estabelecer regras (mãe f=8 e filho f=6), olhar (mãe f=18 e filho f=21) e falar (mãe f=33 e filho f=23).

Descrição dos dados coletados no relato oral e na situação de observação

A seguir apresentam-se as HSE dos genitores obtidos através do relato oral dos mesmos e da observação interação da situação de brincadeira entre pai e filho e mãe e filho (Tabela 13).

Tabela 13. Habilidades sociais educativas dos genitores do André, avaliadas através de relato oral e da observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO GENITOR	Relato Oral		Situação de observação	
		PAI	MÃE	PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Comunicação e negociação	Diz “não” com explicação				X
	Estabelece regras		X	X	X
	Elogia			X	X
	Fala/conversa	X	X	X	X
	Faz perguntas			X	X
	Oferece outras sugestões			X	X
	Pede mudança de comportamento			X	X
	Sub- Total	01	02	06	07
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressando sentimento e enfrentamento	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)		X		X
	Brinca (oralmente)	X	X	X	X
	Incentiva				X
	Olha para a criança			X	X
	Sorri, fica contente			X	X
	Sub-Total	01	02	03	05
TOTAL (HSE-P)		02	04	09	12

Pode-se verificar que a mãe apresentou mais HSE do que o pai, tanto na categoria de comportamentos de “comunicação e negociação” quanto na de “expressão de sentimento e enfrentamento”, seja no relato oral ou na situação de observação. No entanto, ambos os genitores apresentaram mais comportamentos na situação de observação do que no relato oral.

Pode-se verificar também que, na situação de observação, de uma maneira geral, emergiram mais comportamentos de todos os envolvidos. Em relação ao pai, constatou-se a emergência de comportamentos na situação de observação que não haviam sido apresentados no relato oral, sendo eles: o elogio, fazer perguntas, oferecer outras sugestões, pedir mudança de comportamento, olhar para a criança e o sorrir/ficar contente. No comportamento materno, em situação de brincadeira, também apareceram outros comportamentos: dizer ‘não’ com explicação, elogiar, fazer perguntas, oferecer outras sugestões, pedir mudança de comportamento, incentivar, olhar para a criança e sorrir/ficar contente.

A Tabela 14 apresenta as HS da criança com base nos relatos dos genitores e nas situações de observação da interação em situação de brincadeira do André com seus genitores.

Tabela 14. Habilidades Sociais do André avaliadas através de relato oral dos genitores e observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	Relato Oral		Situação de observação de André	
		PAI	MÃE	Com o PAI	Com a MÃE
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade e cooperação	Atende a pedidos			X	X
	Conversa com a mãe/pai	X	X	X	X
	Fala coisas engraçadas		X		X
	Faz perguntas		X	X	X
	Muda comportamentos conforme solicitado			X	X
	Obedece a ordens dadas		X		X
	Responde as perguntas		X	X	X
	Ouve o que os adultos têm a dizer		X		
É atencioso		X			
	Sub-Total	01	07	05	07
Habilidades Social Infantil (HS): Expressão de Sentimento e Enfrentamento	Aceita opiniões dos adultos		X		
	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)		X		
	Brinca (oralmente)	X	X	X	X
	Expressa suas próprias opiniões		X		
	Negocia		X		X
	Pensa		X		
	Tira dúvidas		X		
	Respeita		X		
	Demonstra contentamento		X		
	Agradece		X		
	Fica com a família		X		
	Reivindica seus direitos			X	X
	Retribui afeto recebido		X		X
	Sorri			X	X
Olha para o pai/mãe			X	X	
Tira dúvidas				X	
	Sub-Total	01	12	04	07
	TOTAL	02	19	09	14

Pode-se verificar que o pai de André relatou muito menos comportamentos de seu filho (f=02) do que ocorreu na situação de interação pai-criança em situação de brincadeira (f=09), tanto em relação a “disponibilidade e cooperação” (f=01 e f=05) quanto na “expressão de sentimento e enfrentamento” (f=01 e f=04). Já a mãe de André relatou mais comportamentos de “expressão de sentimento e enfrentamento” (f=12) do que ocorreu na situação de brincadeira com o André (f=07) e, em relação a “disponibilidade e cooperação”, cinco comportamentos constam das duas situações de avaliação (conversa com a mãe, fala coisas engraçadas, faz perguntas, observa a ordens dadas e responde a perguntas). Outros ocorreram apenas em uma das situações.

Na situação de observação emergiram comportamentos antes não relatados pelos genitores, sendo eles: atender pedidos, mudar comportamentos conforme solicitado, reivindicar seus direitos, sorrir, olhar para os genitores e tirar dúvidas.

No relato oral, os genitores apontaram o uso de práticas educativas negativas (pai: f=04 e mãe: f=02), porém, na situação de observação entre pai-criança e mãe-criança através da brincadeira, não foi verificado o uso delas.

A Tabela 15 apresenta os problemas de comportamentos da criança segundo os relatos dos genitores e os dados obtidos através das situações de observação.

Tabela 15. Problemas de comportamento do André, avaliados através de relato oral dos genitores e da observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	Relato Oral		Situação de observação	
		PAI	MÃE	PAI	MÃE
Problema de Comportamento: Externalizante	Desobedece a ordens e/ou regras dadas	X			X
	É teimoso/insistente	X			
	Faz birras	X			
	Reclama	X			
	Sub- Total	04	00	00	01
Problema de Comportamento: Internalizante	Fica triste		X		
	Sub- Total	00	01	00	00
TOTAL		04	01	00	01

O pai relatou mais problemas de comportamento da criança (f=04) do que foi observado (f=00) em sua interação com a criança. A mãe relatou apenas um problema de comportamento do filho no relato oral, o “fica triste” e, na situação de observação foi observado outro comportamento: desobedece a ordens e/ou regras dadas.

BEATRIZ: FAMÍLIA E ESCOLA

Caracterização do Sistema Familiar

Beatriz, sexo feminino, tinha seis anos e oito meses na época da coleta de dados e cursava o primeiro ano do ensino fundamental de uma escola municipal. Vivia em uma família composta pelo pai (29 anos, operador de injetora de fábrica de eletroeletrônicos), mãe (30 anos, montadora de componentes eletrônicos) e duas crianças (Beatriz e sua irmã de nove anos de idade). Nesta família, a mãe possuía mais escolaridade que o pai, pois já concluiu o ensino médio; o pai possuía ensino médio incompleto. A **renda per capita** familiar era de um salário mínimo.

As condições de moradia eram satisfatórias: moravam em um bairro bem próximo à escola e com infra-estrutura básica como água e esgoto. A casa era de alvenaria, alugada, com sete cômodos, sendo duas salas, uma ampla cozinha, um banheiro, dois quartos e lavanderia. A família contava com móveis básicos, além de aparelhos eletrônicos como TV, DVD, som, computador e vídeo-game. Também possuíam carro e moto.

A família era católica e, segundo o relato da mãe, todos frequentavam a missa todos os domingos. As atividades de lazer eram compartilhadas com todos os membros e ainda avós e tias maternas. As principais **atividades de lazer** realizadas quando estavam em casa consistiam em assistir TV e DVD, utilizar computador e ouvir música. Os membros desta família costumavam visitar parentes e amigos e faziam passeios no lago.

Quando não estava na escola, a criança era cuidada na residência da avó materna (mãe trabalha fora). A família também recebia **apoio familiar** das tias. O principal apoio recebido da avó e das tias era o de cuidar da criança e dar apoio afetivo. Em relação ao apoio **extra-familiar**, a mãe relatou contar apenas com o apoio afetivo dos amigos.

As tarefas de cuidado com a criança eram distribuídas da seguinte maneira: a) **alimentar e dar banho na criança** quando não era realizada pela criança sozinha, era compartilhada entre a mãe, avó e tias; b) às vezes a criança dormia sozinha, em outras, o pai ou a mãe a colocavam para dormir; c) **levar a criança à escola era uma tarefa da mãe ou avó materna; d) ler/contar histórias** era realizada sozinha pela própria criança, sendo algumas vezes realizada pela mãe ou pelo pai.

A **limpeza da casa e lavar/passar roupa** eram atividades realizadas principalmente pela mãe, que recebia muitas vezes a ajuda da avó materna. A tarefa de **cozinhar** era realizada pela mãe, avó materna e tias maternas. A mãe, nesta família, era a única responsável pela atividade de fazer as compras da casa.

Os principais **problemas de saúde** relatados pela mãe como que apresentados pelos membros familiares são os respiratórios (avó materna), gástricos (mãe) e alérgicos (criança).

Os **eventos mais importantes ocorridos** nessa família nos últimos seis meses foram: conflitos e brigas entre os genitores; problemas de saúde da mãe e o uso/abuso de álcool pelo pai da criança.

Avaliação dos comportamentos da Beatriz na família e na escola

Os comportamentos da Beatriz foram avaliados através do TRF, na escola, e pelo CBCL, na família, onde foi classificada como **não clínica** para problemas de comportamento por todos os avaliadores: professora, pai e mãe (ver Tabela 16)

Tabela 16. Resultado da avaliação do comportamento da Beatriz segundo os diferentes avaliadores.

ESCOLA - TRF (T escore)			FAMÍLIA – CBCL (T escore)					
PROFESSORA			PAI			MÃE		
PROBLEMAS			PROBLEMAS			PROBLEMAS		
Internalizantes	Externalizantes	Total	Internalizantes	Externalizantes	Total	Internalizantes	Externalizantes	Total
37 (NC)	43 (NC)	33 (NC)	39 (NC)	47 (NC)	44 (NC)	52 (NC)	47 (NC)	46 (NC)

Classificação: C- Clínico ; L- limítrofe; NC - Não Clínico

Os instrumentos CBCL (na família) e o TRF (na escola) também tornaram possível verificar os comportamentos problemáticos apresentados pela Beatriz, segundo a percepção de cada avaliador, apesar de ela ter sido considerada **não clínica**. A Tabela 17 mostra esses resultados.

Tabela 17. Análise (por itens) dos comportamentos problemáticos apresentados por Beatriz conforme percepção dos genitores (CBCL) e professora (TRF).

COMPORTAMENTOS	CBCL		TRF
	PAI	MÃE	PROFESSORA
Exige que prestem atenção nela	X	X	
Não come bem	X	X	
Sente ciúmes com facilidade	X	X	
Tem medo de certos animais		X	
Acha que deve ser perfeita		X	
Rói unhas	X	X	
É nervosa ou tensa		X	
É muito medrosa ou ansiosa		X	X
Tem dores de estômago ou de barriga	X	X	
Mostra-se pouco à vontade ou facilmente envergonhada		X	X
Fica facilmente emburrada		X	
Gosta de se exibir, fazer palhaçadas	X		
Faz birras ou é esquentada	X	X	
Chupa o dedo	X		
Tem problemas de sono	X	X	
TOTAL	09	13	02

Na análise dos dados coletados nos instrumentos, verificou-se que a professora pontuou apenas dois comportamentos para a criança. Embora a classificação não clínica, seus genitores pontuaram mais comportamentos, e a mãe um pouco mais que o pai (13 e 09, respectivamente). Alguns desses comportamentos foram comuns: exigir prestar atenção nela,

não comer bem, sentir ciúmes com facilidade, roer unhas, ter dores de estômago ou de barriga, fazer birras ou ser esquentada e ter problemas de sono.

A partir do TRF, a professora avaliou o **desempenho acadêmico** da Beatriz como **não clínico** (score 47). Esse instrumento também possibilitou a verificação dos seguintes itens: (a) quanto se esforça nas suas tarefas (57); (b) em que grau se comporta adequadamente (54); (c) quanto ela está aprendendo (57) e; (d) em que grau ela é feliz (56): total da soma dos itens (a, b, c, d) = **57** (classificação **não clínica**).

Avaliação dos comportamentos da Beatriz, na família e na escola, e de seus genitores e professora

Também foram avaliadas as HSE e as práticas negativas dos genitores (através do RE-HSE-P) e da professora (RE-HSE-PR), investigada a variedade de contextos e as HS e problemas de comportamento da Beatriz, segundo a percepção desses cuidadores. Esses dados encontram-se na Tabela 18.

Tabela 18. Habilidades sociais educativas e práticas negativas dos genitores e da professora, variedade de contextos e as habilidades sociais e problemas do comportamento da Beatriz (RE-HSE-P e RE-HSE-PR).

Análise por itens de conteúdo (perguntas gerais de conteúdo)	Roteiros (HSE- P e HSE-PR)				
	Pai		Mãe		Professora*
Habilidade Social Educativa	06	(clínico)	11	(não clínico)	34
Habilidade Social da criança	11	(não clínico)	16	(não clínico)	48
Contexto	08	(clínico)	24	(não clínico)	47
Práticas Negativas	04	(não clínico)	04	(não clínico)	02
Problemas de Comportamento (Internalizantes e Externalizantes)	02	(não clínico)	05	(não clínico)	04
Total Positivo	25	(não clínico)	50	(não clínico)	132
Total Negativo	06	(não clínico)	09	(não clínico)	06
Análise por frequência – perguntas específicas de conteúdo	Pai		Mãe		Professora*
Habilidade Social Educativa	08	(clínico)	10	(clínico)	14
Habilidade Social da criança	08	(clínico)	12	(limítrofe)	12
Contexto	02	(clínico)	03	(clínico)	05
Práticas Negativas	04	(não clínico)	04	(não clínico)	04
Problemas de Comportamento (Internalizantes e Externalizantes)	02	(não clínico)	05	(limítrofe)	04
Total Positivo	18	(clínico)	25	(limítrofe)	31
Total Negativo	06	(não clínico)	09	(não clínico)	08

*Instrumento ainda não validado, portanto, foram considerados os escores.

Os resultados da codificação indicaram classificações distintas conforme o repertório dos informantes. Quanto à qualidade da interação (análise por itens de conteúdo) o pai foi avaliado como clínico em HSE e a mãe não clínica. Apesar do instrumento utilizado ainda não ter sido validado, há indicativos, a partir dos escores, de que a professora apresenta uma HSE maior do que a dos genitores da criança (não clínica). A professora e a mãe foram consideradas não clínicas em variedade de contextos e o pai, clínico. Todos os cuidadores relataram fazer pouco uso de práticas educativas negativas na interação com Beatriz (não clínicos). Tanto o pai, como a mãe e a professora de Beatriz a avaliaram como não-clínica para HS e problemas de comportamento. Os genitores e a professora de Beatriz obtiveram resultados semelhantes no Total Positivo e Negativo. O Total Positivo da mãe foi o dobro do obtido pelo pai e o da professora mais de cinco vezes o obtido pela figura paterna. Em ambos os casos, foi encontrada classificação não clínica para os genitores e, tudo

indica, também para a professora.

Algumas perguntas dos instrumentos RE-HSE-P e RE-HSE-PR além de investigar a ocorrência do comportamento também previam a frequência (análise de perguntas específicas de conteúdo). Neste caso, obteve-se uma classificação clínica para as HSE dos genitores e, provavelmente, não clínica para as da professora. A criança, nessa classificação, tem repertório clínico para HS segundo o pai, limítrofe para a mãe e, provavelmente, também para a sua professora. Os genitores foram considerados clínicos em variedade de contextos e a professora, não clínica. Em relação ao uso de práticas negativas de educação, todos os cuidadores foram classificados como não clínicos. Todos os cuidadores classificaram Beatriz como não clínica em problemas de comportamento. Nessa classificação, os cuidadores da Beatriz obtiveram resultados diferentes no Total Positivo: o pai obteve classificação clínica, a mãe limítrofe e a professora, provavelmente, não clínica; no Total Negativo, todos os cuidadores foram classificados como não clínicos.

Comportamentos das díades no relato oral e na situação de observação

Avaliação segundo a professora

A análise do relato oral da professora em relação às suas HSE e as HS da Beatriz é apresentada na Tabela 19. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares da professora: HSE-PR de “comunicação e negociação” e “expressão de sentimento e enfrentamento” e HS da criança “disponibilidade social e cooperação” e “expressão de sentimento e enfrentamento”. Na segunda coluna encontram-se os comportamentos e, na terceira, as frequências com que estes foram relatados.

Tabela 19. Habilidades sociais educativas da professora e habilidades sociais da Beatriz, avaliadas através de relato oral da docente.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR	FREQUÊNCIA
Habilidade Social Educativa (HSE-PR): Comunicação e negociação	Elogia	03
	Orienta	01
	Faz perguntas	02
	Responde a perguntas	01
	Cumprimenta	01
	Oferece outras sugestões	01
	Dá explicações sobre as consequências do comportamento	01
	Fala ou conversa	06
	Estabelece regras e combinados	01
	Escreve bilhetes positivos nos cadernos	02
	Sub-Total	19
Habilidade Social Educativa (HSE-PR): Expressão de sentimento e enfrentamento	Toca no aluno	02
	Brinca	01
	Incentiva	03
	Cola desenhos no caderno	01
	Fica contente	01
	Agrada	02
	Faz carinho	01
	Abraça	01
	Pisca o olho (expressão facial)	01
	Recompensa ou reforça	01
	Agradece	01
	Sub-Total	15
TOTAL (HSE-P)		34
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO ALUNO	FREQUÊNCIA
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade social e cooperação	Conversa	01
	Aceita opiniões dos adultos	02
	Ouve o que os adultos têm a dizer	02
	É participativa	02
	É educada	01
	É inteligente	01
	É persistente	02
	Fala coisas engraçadas	01
	Oferece apoio	01
	Responde as perguntas	01
	Faz perguntas	01
	Obedece	03
	Introduz novos assuntos	01
	É atenciosa	03
	Relembra os amigos das regras	01
	Atende a pedidos da professora	01
	Tem bom desempenho acadêmico	01
Faz todas as atividades diárias	01	
		26

		Sub-Total
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de sentimento e enfrentamento	É receptiva	01
	Abraça	02
	Beija	02
	É organizada	01
	É alegre	01
	Agradece	02
	Expressa carinho	01
	É amorosa	01
	Respeita	01
	É caprichosa	01
	Cola ou faz desenhos no caderno	01
	Repete o comportamento que a professora elogiou	01
	Retribui carinho	01
	Fica contente ou feliz	01
	Desenha	01
	Sorri	02
	Expressa opinião própria	01
Fica perto da professora	01	
		Sub-Total
		22
TOTAL (HS)		48

De acordo com a Tabela 19, a professora de Beatriz apresentou 21 comportamentos diferentes de HSE, sendo dez na categoria “comunicação e negociação” ($f=19$) e onze na categoria “expressão sentimento e enfrentamento” ($f= 15$). Segundo o relato da professora, Beatriz apresentou 36 comportamentos distintos que demonstram HS. Na categoria “disponibilidade e cooperação” foram pontuados dezoito comportamentos ($f= 26$) e dezoito na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” ($f= 22$).

Na Tabela 20 encontram-se as respostas do RE-HSE-PR relacionadas às variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora. Na primeira coluna encontram-se as variáveis contextuais: concepção de certo e errado; situações acadêmicas; situações de lazer; situações diversas; temas acadêmicos; temas diversos e motivos para estabelecer limites. Na segunda coluna, apresenta-se a frequência com que tais variáveis foram pontuadas.

Tabela 20. Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora, avaliadas através seu de relato oral.

VARIÁVEIS CONTEXTUAIS		FREQUÊNCIA
Concepção de certo e errado	Explicar e ou ensinar o que é certo ou errado sobre ordens e regras	01
	Explicar e ou ensinar o que é certo ou errado sobre comportamento	01
Sub-Total		02
Situações Acadêmicas	Explicação de conteúdos escolares	01
	Quando o aluno tira dúvida sobre o conteúdo	01
	Durante as atividades em sala de aula	03
	Enquanto a professora passa a tarefa	01
	Quando se tem dificuldade na atividade	01
	Nas discussões em sala sobre o conteúdo	02
	No início da aula	01
	No final da aula	01
No recreio	01	
Sub-Total		12
Situações de Lazer	Nas brincadeiras	01
Sub-Total		01
Situações Diversas	Horários de refeições	01
	Quando as coisas não dão certo	01
	Situações cotidianas; dia-a-dia	02
	Em todas as situações; todos os momentos	01
	Quando estão juntas (aluna e professora)	01
	Vários momentos	01
Sub-Total		07
Temas Acadêmicos	Atividades	02
	Dificuldades nas tarefas ou atividades em sala	02
	Material	01
	Correção	01
	Tarefas	02
	Leitura	01
Sub-Total		09
Temas Diversos	Família	01
	Alimentação	02
	Programas de TV	01
	Higiene Pessoal	02
	Comunicados	01
	Passeios	01
	Brincadeiras	02
	Saúde	01
	Como foi o dia	01
Sub-Total		12
Motivos para estabelecer limites	Para educar	01
	Para melhorar a convivência	01
	Para estabelecer os direitos e deveres de cada um	01
	Para que aprenda o que pode e o que não pode fazer	01
Sub-Total		04
TOTAL		47

As variáveis contextuais não pontuadas no instrumento RE-HSE-PR foram excluídas da tabela.

A variedade de contextos da interação professora-criança apresentou um escore alto ($f=47$), merecendo destaque a frequência de variáveis contextuais relativas às situações acadêmicas e temas diversos ($f= 12$) e temas acadêmicos ($f= 09$).

A análise do relato oral da professora em relação à suas práticas educativas negativas e aos problemas de comportamentos da Beatriz é apresentada na Tabela 21. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares da professora: “práticas educativas negativas não habilidosas ativas” e da criança “problemas de comportamento internalizantes e externalizantes”. Na segunda coluna descreve-se o comportamento do professor ou da aluna e, na terceira, a frequência com que este foi relatado.

Tabela 21. Práticas educativas negativas da professora e problemas de comportamento da Beatriz, avaliados através de relato oral da docente.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR	FREQUÊNCIA
Prática educativa negativa: não habilidosa ativa	Chama a atenção	02
	TOTAL (Práticas Educativas negativas)	02
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	FREQUÊNCIA
Problema de comportamento: Internalizante	Fica triste	01
	Demonstra medo	01
	Demonstra timidez	01
	Fica envergonhada	01
TOTAL (Problemas de comportamento)		04

A professora relatou utilizar apenas uma prática negativa (não habilidosa ativa) na sua interação em sala de aula com Beatriz: chamar a atenção. Também relatou quatro problemas de comportamento em sua aluna: ficar triste, demonstrar timidez e ficar envergonhada (internalizantes). Esses dados (baixos escores) contribuíram para a classificação não clínica no resultado do instrumento RE-HSE-PR, tanto em relação ao uso de

práticas negativas da professora (f= 02) quanto aos problemas de comportamento da Beatriz (f= 04).

Avaliação segundo os genitores

A análise do relato oral dos genitores em relação às suas HSE e às HS da Beatriz é apresentada na Tabela 22. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares dos genitores e da criança. Na segunda coluna encontram-se os comportamentos dos adultos e de Beatriz, seguidos da frequência com que foram relatados.

Tabela 22. Habilidades sociais educativas dos genitores e habilidades sociais da Beatriz, avaliados através de relato oral.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DOS GENITORES	PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Comunicação e negociação	Elogia	-	02
	Fala/conversa	02	04
	Conta histórias antes de dormir	01	01
Sub-Total		03	07
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressão de sentimento e enfrentamento	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	02	04
	Brinca	01	-
Sub-Total		03	04
TOTAL (HSE-P)		06	11
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	PAI	MÃE
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade e cooperação	Conversa com a mãe/pai	02	02
	Faz perguntas	-	01
	Obedece a ordens dadas	01	02
	Responde as perguntas	01	01
	Oferece apoio	-	01
	É atenciosa	-	01
Sub-Total		04	08
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de sentimento e enfrentamento	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	03	05
	Brinca (oralmente)	01	-
	Demonstra contentamento	01	01
	Sorri	02	01
	Expressa suas próprias opiniões	-	01
Sub-Total		07	08
TOTAL (HS)		11	16

Em relação às HSE, pode-se verificar que a mãe apresentou comportamentos distintos ($f= 11$), sendo três deles da categoria “comunicação e negociação” ($f=07$) e um da categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” ($f=04$). O pai também apresentou comportamentos diferentes ($f= 06$), dois de cada categoria. Segundo o relato da mãe, Beatriz apresentou comportamentos de HS ($f=16$), tanto na categoria de “disponibilidade e cooperação” ($f=08$) quanto na de “expressão de sentimento e enfrentamento” ($f=08$). De acordo com o relato do pai, Beatriz apresentou também comportamentos de habilidades sociais ($f=11$), três da categoria de “disponibilidade e cooperação” ($f=04$) e quatro de “expressão de sentimento e enfrentamento” ($f=07$).

Na Tabela 23 estão alocadas as respostas obtidas através do RE-HSE-P relacionadas às variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores. Na primeira coluna encontram-se as variáveis contextuais e, na segunda, um detalhamento dessas. Na terceira e quarta colunas encontram-se as frequências com que tais variáveis foram pontuadas.

Tabela 23. Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores, avaliadas através de relato oral.

VARIÁVEIS CONTEXTUAIS		FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Temas Diversos	Sobre como foi o dia	01	02
	Sobre brincadeiras	01	-
	Em situações cotidianas	-	01
	Sobre alimentação	-	02
	Sobre brincadeiras	-	02
	Sobre qualquer assunto	-	01
	Sobre novelas e programas de TV	-	02
Sub-Total		02	10
Em diversos momentos do dia	Quando chega do trabalho	01	01
	Finais de semana	01	-
	Em todas as situações	-	01
Sub-Total		02	02
Concepções de certo e errado	Explicar e ensinar o que é certo ou errado	01	01
Sub-Total		01	01
Problemas Pessoais dos Pais	Quando os pais chegam cansados ou irritados	-	01
	Quando os pais estão tristes	-	01
Sub-Total		00	02
Situações de Lazer	Na presença da TV	01	01
	No computador e internet	-	01
	Quando brincam	-	02
Sub-Total		01	04
Horário das Refeições	Horário de almoço ou jantar	-	01
	Alimentos que ela precisa comer	-	01
Sub-Total		00	02
Relacionamento Sexual e DST's	Namoro	-	01
	Beijo	-	01
Sub-Total		00	02
Motivos para estabelecer limites	Para que a filha aprenda que não pode fazer tudo o que quer	01	-
	Para orientar para a vida	01	-
	Para controlar o que comprar	-	01
	Sub-Total	02	01
TOTAL		08	24

As variáveis contextuais não pontuadas no instrumento RE-HSE-P foram excluídas da tabela.

A pouca variedade de contextos da interação pai-criança (f= 08) foi classificada como clínica e da interação mãe-criança (f=24) como não clínica, ou seja, a mãe relatou uma variedade maior de contextos do que o pai. A mãe também relatou conversar mais com a filha sobre “temas diversos” do que o pai. Nas categorias “problemas pessoais dos pais”, “horários

das refeições” e “relacionamento sexual e DST’s” o pai da criança não relatou nenhum comportamento, apenas a mãe.

A análise do relato oral do pai e da mãe em relação à suas práticas educativas negativas e aos problemas de comportamentos da Beatriz é apresentada na Tabela 24. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares dos genitores: “práticas educativas negativas não habilidosas ativas e passivas” e da criança “problemas de comportamento externalizantes e internalizantes”. Na segunda coluna encontra-se a listagem dos comportamentos e, nas seguintes, as frequências com que foram relatados.

Tabela 24. Práticas educativas negativas dos genitores e problemas de comportamento infantis, avaliados através de relato oral.

CATEGORIA		COMPORTAMENTOS DOS GENITORES	PAI	MÃE
Prática Educativa Negativa: Não habilidosa ativa		Grita, briga, fica bravo, xinga	02	03
		Dá sermão, bronca, de forma autoritária	01	01
Sub-Total			03	04
Prática Educativa Negativa: Não habilidosa passiva		Observa de longe	01	-
	Sub-Total			01
TOTAL (Práticas Educativas Negativas)			04	04
CATEGORIA		COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	PAI	MÃE
Problema de Comportamento: Externalizante		Desobedece a ordens e/ou regras dadas	02	01
		Emburra	-	01
		Grita	-	01
		Responde para pessoas mais velhas (avó)	-	01
Sub-Total			02	04
Problema de Comportamento: Internalizante		Sai da situação (tenta esconder)	-	01
	Sub-Total			00
TOTAL (Problemas de comportamento)			02	05

A mãe e o pai relataram utilizar duas práticas negativas (não habilidosas ativas): gritar, brigar, ficar brava ou xingar e dar sermão ou bronca de forma autoritária. Além destas, o pai destacou uma prática não habilidosa passiva: observar de longe.

Apesar de Beatriz ter sido classificada como não clínica para problemas de comportamento, sua mãe identificou quatro problemas externalizantes na filha: desobedecer a ordens e ou regras, emburrar, gritar e responder para pessoas mais velhas e o pai apenas uma: desobedecer a ordens e ou regras dadas. A genitora também atribuiu um problema de comportamento internalizante: sair da situação ou tentar se esconder.

As HSE e as HS infantis na situação de observação entre pai-criança e mãe-criança, através da brincadeira, são apresentadas na Tabela 25. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares dos genitores, seguida dos possíveis comportamentos dos envolvidos. A seguir, apresentam-se as frequências dos comportamentos observados.

Tabela 25. Habilidades sociais educativas e habilidades sociais infantis nas díades pai - Beatriz e mãe – Beatriz em situação e observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DOS GENITORES	FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Comunicação e negociação	Elogia	-	02
	Estabelece regras	03	10
	Fala/conversa	21	24
	Faz perguntas	02	03
	Oferece outras sugestões	03	02
Sub-Total		29	40
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressão de sentimento e enfrentamento	Brinca oralmente	01	15
	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	-	03
	Incentiva	-	17
	Olha para a criança	28	16
	Sorri, fica contente	10	15
Sub-Total		39	66
TOTAL (HSE-P)		68	106

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	FREQUÊNCIA	
		BEATRIZ	BEATRIZ
Habilidade Social Infantil (HS): disponibilidade social e cooperação	Atende a pedidos	03	02
	Conversa com a mãe/pai	23	26
	Fala coisas engraçadas	04	03
	Obedece a ordens dadas	03	09
	Responde as perguntas	02	03
	Oferece apoio	-	01
Sub- Total		35	45
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de sentimento e enfrentamento	Brinca oralmente	05	10
	Sorri	28	34
	Olha para o pai/mãe	26	21
Sub- Total		59	65
TOTAL (HS)		94	110

Obs. Os comportamentos não pontuados no protocolo de observação não foram apresentados.

Em relação à frequência de comportamentos observados é possível verificar, na díade mãe-Beatriz, uma maior variedade de comportamentos relacionados às categorias de HSE de “comunicação e negociação” ($f= 40$) e “expressão de sentimento e enfrentamento” ($f= 66$) do que na díade pai-Beatriz ($f= 29$ e $f= 39$). As HSE de “comunicação e negociação” observados na interação mãe-filha foram: elogiar, estabelecer regras, falar ou conversar, fazer perguntas e oferecer outras sugestões. Na interação pai-filha os comportamentos foram os

mesmos, excetuando-se o comportamento de elogiar. Quanto às HSE de “expressão de sentimento e enfrentamento” na interação mãe-Beatriz foram observados os seguintes comportamentos: brincar oralmente, agradecer (abraçar, beijar, fazer carinhos); incentivar, olhar para a criança e sorrir ou ficar contente. Na interação pai-criança os comportamentos de agradecer e incentivar não foram observados.

Beatriz apresentou frequência um pouco maior de comportamentos de HS de “disponibilidade social e cooperação” e “expressão de sentimento e enfrentamento” com sua mãe ($f= 110$) do que com seu pai ($f= 94$). Na díade de interação mãe-filha foram observados os seguintes comportamentos de HS de “disponibilidade social e cooperação”: atender pedidos, conversar com o genitor, falar coisas engraçadas, obedecer a ordens dadas; responder as perguntas e oferecer apoio. Na díade pai-filha foi observada a maioria dos comportamentos acima, com exceção do comportamento de oferecer apoio. Em relação à categoria de HS de “expressão de sentimento e enfrentamento” em ambas as interações foram observados os mesmos comportamentos: brincar oralmente, sorrir e olhar para os genitores.

Na situação de observação entre pai-criança e mãe-criança através da brincadeira, não foi verificado o uso de práticas educativas negativas e ou problemas de comportamentos da criança.

Analisando os comportamentos da mãe e da Beatriz, verificou-se algumas relações, uma vez que um dos comportamentos da genitora pareceu gerar resposta por parte da filha: a mãe fez três perguntas e a filha respondeu três vezes. Por outro lado, há outros comportamentos que também apresentaram uma frequência próxima: estabelecimento de regras (mãe 10 vezes e a filha 9); brincar oralmente (mãe 15 vezes e filha 10) e olhar (mãe 16 vezes e filha 21).

A mesma análise de relações pode ser feita nos comportamentos emitidos pelo pai e pela filha durante a interação de brincadeira: o pai estabeleceu regras três vezes e a filha

obedeceu a ordens dadas três vezes, o pai fez duas perguntas e a filha respondeu a duas perguntas. Por outro lado, alguns comportamentos apresentaram uma frequência próxima: falar e conversar (pai 21 vezes e filha 23), olhar (pai 28 vezes e filha 26).

Descrição dos dados coletados no relato oral e na situação de observação

Os dados a respeito das HSE dos genitores de Beatriz, obtidos através do relato oral e da situação de observação, encontram-se na Tabela 26.

Tabela 26. Habilidades sociais educativas dos genitores avaliadas através de relato oral e da observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO GENITOR	Relato Oral		Situação de observação	
		PAI	MÃE	PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Comunicação e negociação	Estabelece regras			X	X
	Elogia		X		X
	Fala/conversa	X	X	X	X
	Faz perguntas			X	X
	Oferece outras sugestões	X		X	
	Conta histórias antes de dormir	X	X		
	Sub- Total	03	03	04	04
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressão de sentimento e enfrentamento	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	X	X		
	Brinca (oralmente)	X		X	X
	Incentiva				X
	Olha para a criança			X	X
	Sorri, fica contente			X	X
	Sub- Total	02	01	03	04
TOTAL (HSE-P)		05	04	07	08

Pode-se verificar que, na situação de observação, de uma maneira geral emergiram mais comportamentos de todos os envolvidos. Em relação ao pai, constatou-se o surgimento de comportamentos diferentes na situação de observação não pontuados no relato oral, como: estabelecimento de regras, fazer perguntas, olhar para a criança e sorrir ou ficar contente. No comportamento materno, em situação de brincadeira, também surgiram

comportamentos diferentes: estabelecimento de regras, fazer perguntas, incentivar, brincar oralmente, olhar para a criança e sorrir/ficar contente. Foi constatada a presença de práticas educativas negativas apenas no relato oral dos genitores.

A Tabela 27 apresenta a comparação das HS da Beatriz analisadas nos relatos dos genitores e nas situações de observação da interação em situação de brincadeira da família.

Tabela 27. Habilidades sociais da Beatriz avaliadas através de relato oral e observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	Relato Oral		Situação de observação	
		PAI	MÃE	PAI	MÃE
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade e cooperação	Atende a pedidos			X	X
	Conversa com a mãe/pai	X	X	X	X
	Faz perguntas		X	X	X
	Oferece apoio		X		X
	Responde as perguntas	X	X	X	X
	Obedece a ordens dadas	X	X	X	X
	É atenciosa		X		
	Fala coisas engraçadas			X	X
	Sub-Total	03	06	06	07
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de sentimento e enfrentamento	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	X	X		
	Brinca (oralmente)	X		X	X
	Demonstra contentamento	X	X		
	Expressa suas próprias opiniões		X		
	Sorri	X	X	X	X
	Olha para o pai/mãe			X	X
	Sub-Total	04	04	03	03
TOTAL (HS)		07	10	09	10

Quanto aos comportamentos de Beatriz foram encontrados escores maiores na situação de observação apenas para a categoria de “disponibilidade e cooperação”. Na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” os genitores apontaram quantidade maior de comportamentos no relato oral. Notou-se, ainda, a presença de apenas dois comportamentos diferentes, sendo eles: atender pedidos e olhar para os genitores. Os comportamentos de conversar com o genitor e obedecer a ordens dadas e responder perguntas (HSE-P de comunicação e negociação) e sorrir (HSE-P de expressão de sentimento e

enfrentamento) foram respostas comuns entre o relato oral de ambos os genitores e a situação de observação.

Na situação de observação entre pai-criança e mãe-criança através da brincadeira, não foi verificado o uso de práticas educativas negativas. Os genitores relataram a presença de problemas de comportamento em Beatriz, oralmente, no entanto, na situação de observação nenhum deles foi pontuado.

SÍNTESE DOS RESULTADOS

CRIANÇAS AVALIADAS SEM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Esta síntese está subdividida em oito seções, sendo que na primeira relata-se a caracterização do sistema familiar de André e Beatriz e, na segunda, descrevem-se a partir de diferentes instrumentos, os problemas de comportamento e desempenho acadêmico das mesmas segundo os genitores e professora. Na quarta seção descrevem-se as HS das crianças na família e na escola, seguida da descrição das HSE dos genitores e da professora. Na sexta seção são apresentadas as variáveis de contexto nas díades da família e da escola e, na sétima, as práticas educativas negativas nos dois ambientes. Para finalizar, analisa-se o total Positivo e Negativo dos comportamentos dos envolvidos, obtidos através do RE-HSE.

Sistema Familiar das crianças

As duas famílias eram nucleares, compostas por quatro e cinco pessoas. Uma mãe havia concluído o ensino médio, um pai o ensino médio incompleto, uma mãe o ensino fundamental e o outro pai o ensino fundamental incompleto. A renda *per capita* familiar nessas famílias era de meio a um salário mínimo e todos os membros frequentavam semanalmente a igreja. As famílias moravam em condições satisfatórias: as residências eram de alvenaria, com infra-estrutura básica como água e esgoto e providas de móveis, aparelhos domésticos e eletrônicos básicos. Ambas as famílias possuíam carro; a de Beatriz também possuía moto.

As tarefas de **alimentação/dar banho, ir dormir, ir à escola e ler/contar estórias** eram realizadas pelas próprias crianças, sendo monitoradas pelas mães. Na família da Beatriz, essas tarefas também eram compartilhadas com a avó (materna) e tias. As tarefas de

limpeza da casa, lavar/passar roupa e cozinhar eram realizadas principalmente pelas mães, sendo que, esporadicamente, eram realizadas em conjunto com as avós maternas; na família da Beatriz, as tias (maternas) às vezes também colaboravam com essa tarefa.

Levar a criança às atividades de lazer era realizada por ambos os genitores que algumas vezes recebiam ajuda dos avós ou tios. Na família do André, ocasionalmente, os vizinhos também passeavam com a criança. As principais **atividades de lazer** realizadas em casa pelas famílias eram: assistir TV e DVD, utilizar computador e ouvir música. Fora de casa, os membros das famílias costumavam visitar e conversar com parentes e amigos.

Segundo os relatos maternos, os principais **problemas de saúde** apresentados pelos membros familiares foram os cardiovasculares (família do André) e os respiratórios, gástricos e alérgicos (família da Beatriz). Quanto aos **eventos importantes ocorridos nos últimos seis meses**, nessas famílias, destacaram-se o uso/abuso de álcool pelos pais das crianças e, às vezes, conflitos e brigas entre os genitores.

Em relação ao **apoio familiar**, as pessoas com quem as mães podiam contar em caso de necessidade eram as avós e as tias das crianças, ou seja, figuras femininas. O principal apoio recebido dessas pessoas era o de cuidar das crianças e dar apoio afetivo. Sobre a **rede de apoio extra-familiar** as mães relataram contar, sempre que necessário, com o apoio afetivo dos amigos.

Avaliação e descrição dos problemas de comportamento do André e Beatriz

Na família

Ao responder o instrumento CBCL, tanto os pais como as mães de André e Beatriz os classificaram como **não clínicos** para problemas de comportamento. As mães

pontuaram mais comportamentos nos filhos do que os pais (André: mãe f=09 e pai f=06; Beatriz: mãe f=13 e pai f=09). Nas duas famílias, alguns comportamentos foram percebidos nos filhos por ambos os genitores.

No instrumento RE-HSE-P André e Beatriz também foram avaliados como não apresentando problemas de comportamento pelos seus genitores (**não clínicos**) tanto em relação à qualidade da interação (perguntas gerais) quanto à frequência (perguntas específicas); apenas a mãe de Beatriz a classificou como **limítrofe** em relação à frequência. Apesar dessa classificação, os genitores atribuíram alguns comportamentos problemáticos em seus filhos. A mãe do André identificou em seu filho um problema internalizante (ficar triste) e seu pai, quatro externalizantes (desobedecer a ordens e ou regras dadas; ser teimoso e insistente e fazer birras e reclamar). A mãe de Beatriz atribuiu mais problemas de comportamento em sua filha se comparada ao pai; identificou quatro problemas externalizantes (desobedecer a ordens e/ou regras, emburrar, gritar e responder para pessoas mais velhas) e um internalizante: sair da situação ou tentar esconder. O pai atribuiu à filha apenas um problema de comportamento externalizante: desobedecer a ordens e/ou regras dadas.

Na situação de observação da brincadeira entre genitores e filhos, verificou-se apenas na díade pai-André a presença de um problema de comportamento externalizante: desobedecer a ordens ou regras dadas.

Na escola

Na análise dos dados coletados a partir das respostas das duas professoras no TRF, verificou-se que as mesmas pontuaram nenhum ou poucos comportamentos

problemáticos para as crianças (André f=00 e Beatriz f=02), o que contribuiu para a classificação **não clínica** em relação aos problemas de comportamento.

No instrumento RE-HSE-PR, foram identificados pelas professoras poucos problemas de comportamento nos seus alunos: dois problemas internalizantes em André (ficar triste e demonstrar timidez) e um externalizante (desobedecer regras) e quatro problemas internalizantes em Beatriz (ficar triste, demonstrar medo, timidez e ficar envergonhada). Esses dados contribuíram para a classificação **não clínica** no resultado do instrumento RE-HSE-PR quanto aos problemas de comportamento de André e Beatriz, tanto em relação à qualidade da interação, quanto em relação à frequência (perguntas específicas).

Desempenho acadêmico das crianças na escola

A partir do TRF, a professora avaliou o desempenho acadêmico do André e da Beatriz como **não clínico**. As crianças também foram classificadas como **não clínicas** em relação ao esforço nas suas tarefas, comportamento adequado, aprendizagem e felicidade.

Descrição das habilidades sociais do André e da Beatriz

Na família

Quando se avaliou a qualidade da interação (análise de itens de conteúdo, perguntas gerais) no RE-HSE-P os genitores da Beatriz e a mãe do André avaliaram seus filhos como apresentando um bom repertório de HS (**não clínicos**); apenas o pai do André o avaliou como **clínico**, pois citou apenas dois comportamentos habilidosos em seu filho: conversar com pai/mãe e brincar. Quanto às HS de André e Beatriz, no relato oral, as mães indicaram maior variabilidade de HS nos filhos (mãe André f=30, mãe Beatriz f=16) do que

os pais (pai André f=02, pai Beatriz f=11). A mãe de André relatou comportamentos relacionados tanto à categoria de “disponibilidade e cooperação” (f=11) quanto à de “expressão de sentimento e enfrentamento” (f=19). A mãe de Beatriz também citou mais comportamentos do que seu esposo, sendo que na categoria de “disponibilidade e cooperação” o pai citou três comportamentos (f=04) e a mãe seis (f=08), e na categoria “expressão de sentimentos e enfrentamento” ambos citaram quatro (pai f=07; mãe f=08). Em relação à frequência (perguntas específicas) as crianças foram classificadas em HS como **clínicas** segundo os pais, **não clínico** (André) e **limítrofe** (Beatriz) segundo a mãe.

As crianças emitiram uma quantidade um pouco maior de comportamentos socialmente habilidosos (HS) com suas mães (André f=109, Beatriz f=110) do que com seus pais (André f=79, Beatriz f=94). Em relação às duas crianças ocorreram mais comportamentos na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” do que na de “disponibilidades social e cooperação”. Na situação de observação também emergiram comportamentos antes não relatados pelos genitores, sendo eles: atender pedidos, mudar comportamentos conforme solicitado, reivindicar seus direitos, sorrir, olhar para os genitores e tirar dúvidas. Os comportamentos de conversar com mãe/pai, fazer e responder a perguntas, obedecer a ordens dadas, fazer brincadeiras orais e sorrir foram comportamentos que apareceram tanto no relato oral como na situação de observação.

Analisando os comportamentos nas interações das brincadeiras nas díades genitores-filhos, verificaram-se algumas relações, embora não se possa garantir que uma é causa da outra. Há uma clara complementaridade/similaridade entre os comportamentos dos genitores e dos filhos, uma vez que muitos comportamentos dos genitores pareceram gerar respostas por parte dos filhos, como por exemplo: o pai solicitou mudança de comportamento quatro vezes e André alterou seu comportamento por quatro vezes; a mãe fez três perguntas e Beatriz respondeu a três perguntas. Por outro lado, há outros comportamentos em que não se

pode afirmar quem iniciou a interação, mas que também apresentaram uma frequência próxima como por exemplo: olhar (pai f=13 e André f=18) e falar/conversar (mãe f=24 e Beatriz f=26).

Na escola

Em relação à qualidade da interação (análise de itens de conteúdo, perguntas gerais) no RE-HSE-PR as professoras do André e da Beatriz avaliaram seus alunos como apresentando um bom repertório de HS (**não clínicos**). Em relação à frequência (perguntas específicas) as crianças foram classificadas em HS pelas professoras de maneira diferente: André como **clínico** e Beatriz como **limítrofe**. Segundo os relatos das professoras, Beatriz apresentou mais comportamentos de HS do que André nas duas categorias (“disponibilidade e cooperação”: Beatriz f=26, André f=11; “expressão de sentimento e enfrentamento”: Beatriz f=22, André f=09).

Descrição das Habilidades Sociais Educativas

Dos genitores

Quanto à qualidade da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas abertas), os pais apresentaram repertório **clínico** em HSE, apresentando de dois a quatro comportamentos: falar/conversar, brincar, contar histórias, agradar e brincar. A mãe de André foi avaliada como **limítrofe**, apresentando os comportamentos de estabelecer regras, falar/conversar, agradar e brincar. A de Beatriz foi considerada **não clínica** e além desses comportamentos apresentou contar histórias antes de dormir, no entanto, apesar do repertório

ter apenas um comportamento a mais, a frequência foi maior (f=9 [mãe André] e f=11 [mãe Beatriz]). Em relação às perguntas do instrumento RE-HSE-P que investigaram a frequência (perguntas específicas) obteve-se uma classificação **clínica** para as HSE dos genitores e provavelmente **limítrofe** para a professora do André e não clínica para a da Beatriz.

Em relação aos comportamentos observados nas situações de brincadeira, foi possível verificar, nas díades mães-crianças, uma maior variedade de comportamentos (mãe André f=117, mãe Beatriz f=106) nas categorias de HSE do que a dos pais-crianças (pai André f=57, pai Beatriz f=68). Pode-se verificar também que, em todos os genitores, a frequência de comportamentos na categoria de “expressão de sentimento e enfrentamento” foi maior do que a de “comunicação e negociação”.

Em relação às HSE dos genitores, tanto na categoria de comportamentos de “comunicação e negociação” quanto na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento”, observou-se uma menor variedade de comportamentos obtidos através do relato oral dos genitores (pai do André f= 03 e mãe f=09; pai da Beatriz f=06 e mãe f=11) do que na situação de brincadeira (pai do André f=57 e mãe f= 117; pai da Beatriz f=68 e mãe f=106). Constatou-se a presença de comportamentos diferentes na situação de observação que não haviam sido apresentados nos relatos orais, sendo eles: o elogio, fazer perguntas, oferecer outras sugestões, pedir mudança de comportamento, olhar para a criança e o sorrir/ficar contente e estabelecimento de regras. Em relação às mães, em situação de brincadeira, também emergiram diferentes comportamentos como: dizer ‘não’ com explicação, elogiar, fazer perguntas, oferecer outras sugestões, pedir mudança de comportamento, incentivar, olhar para a criança e sorrir/ficar contente, estabelecimento de regras e brincar oralmente.

Das professoras

Em relação à qualidade da interação (perguntas gerais) avaliada no instrumento RE-HSE-PR há indicativos, a partir dos escores, de que as professoras apresentavam HSE maiores que as dos genitores (**não clínicas**). Já, em relação às perguntas que investigaram a frequência (perguntas específicas) obteve-se provavelmente uma classificação **limítrofe** para a professora do André e não clínica para a da Beatriz. A professora de André apresentou um repertório mais amplo (f=13) na categoria “comunicação e negociação” do que na de “expressando sentimento e enfrentamento” (f=02). A professora de Beatriz apresentou amplo repertório nas duas categorias (f=19 e f=15).

Descrição das variáveis de contexto nas díades genitores-filhos e professoras-alunos

Na família

Em relação à qualidade da interação (perguntas gerais), a variedade de contextos das interações dos genitores do André e da mãe da Beatriz foi considerada **não clínica**, sendo que eles apresentaram contextos diferentes, como por exemplo: temas diversos, em diversos momentos do dia, concepção de certo e errado, situações de lazer, motivos para estabelecer limites. O pai de Beatriz foi classificado como **clínico**, pois apresentou pouca quantidade de contextos (f= 08) quando comparado aos demais (mãe da Beatriz f=24; pai do André f=12 e mãe do André f=19). Quanto à frequência (perguntas específicas) das variáveis de contexto, todos os genitores foram classificados como **clínicos**.

Na escola

As professoras das crianças, quanto à qualidade da interação (perguntas gerais) e frequência (perguntas específicas), provavelmente foram avaliadas como **não clínicas** para contextos devido aos escores considerados altos, indicando uma grande quantidade de interações, sendo um pouco maior para a professora de Beatriz (f=47) do que a de André (f=38). As variáveis contextuais referentes às situações acadêmicas predominaram para as duas professoras, seguidas dos temas diversos (apenas para a professora de Beatriz) e dos temas acadêmicos para ambas.

Descrição das Práticas Educativas Negativas

Dos genitores

Todos os genitores foram avaliados, em relação à qualidade da interação, como **não clínicos** para as práticas educativas negativas, apresentando dois ou mais dentre estes comportamentos: gritar/ brigar/ ficar bravo/ xingar, ameaçar (retirar privilégios e bater) e dar sermão/bronca de forma autoritária. Apenas o pai de Beatriz relatou utilizar uma prática educativa negativa (não habilidosa passiva): observar de longe. Em relação à frequência (perguntas específicas) quanto ao uso de práticas negativas de educação, todos os cuidadores foram classificados como **não clínicos**. Foi constatada a presença de práticas educativas negativas apenas no relato oral dos genitores, ou seja, na situação de brincadeira estruturada não foi verificada a presença de práticas educativas negativas dos genitores ou problemas de comportamento nas crianças.

Das professoras

Quanto às perguntas do instrumento RE-HSE-PR que investigaram tanto a qualidade da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais) quanto a frequência (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas específicas), as professoras foram avaliadas como **não clínicas**, uma vez que relataram o uso de poucas práticas educativas negativas nas suas interações em sala de aula com essas crianças. A professora de André relatou utilizar apenas a prática negativa (não habilidosa ativa) de retirar privilégios e a de Beatriz chamar a atenção.

Total Positivo e Negativo

Ainda foi possível verificar pelos instrumentos RE-HSE-P e RE-HSE-PR o Total Positivo e o Negativo dos comportamentos de todos os envolvidos. O Total Positivo foi computado somando-se os escores de habilidades sociais educativas (HSE-P ou HSE-PR), o contexto e as habilidades sociais infantis; o Total Negativo foi obtido pela soma dos escores de práticas educativas negativas e problemas de comportamento das crianças.

Quanto às perguntas que investigaram a qualidade da interação (análise a partir de perguntas gerais), os valores do Total Positivo obtidos foram **não clínicos** para todos os adultos, com exceção do pai do André (**limítrofe**). Os valores do Total Negativo obtidos foram **não clínicos** para todos os envolvidos. Deve-se ressaltar que os valores para as professoras são presumidos.

Em relação às perguntas que investigaram a frequência (análise a partir de perguntas específicas), no Total Positivo, o pai e a professora de André obtiveram classificação **clínica** e a mãe **limítrofe**. O pai de Beatriz obteve classificação **clínica**, a mãe **limítrofe** e a professora, provavelmente, **não clínica**. No Total Negativo, todos os cuidadores foram classificados como **não clínicos**.

CRIANÇAS AVALIADAS COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO



“Amor incondicional é amar uma criança sem restrições; quanto ao que esperamos que ela seja e, o mais difícil, quanto ao seu modo de ser.”

(Ross Campbell)

CAIO: ESCOLA E FAMÍLIA

Caracterização do Sistema Familiar

Caio, sexo masculino, tinha sete anos e cinco meses na época da coleta de dados e cursava o segundo ano do ensino fundamental de uma escola municipal. Vivia com seu pai, mãe e seis irmãos, sendo três meninas (cinco, onze e treze anos) e três meninos (três, oito e dez anos). Seus genitores eram casados há 13 anos. Seu pai tinha 30 anos, não havia completado o ensino fundamental e trabalhava como pedreiro. Sua mãe também tinha 30 anos, não concluiu o ensino fundamental e trabalhava fora de casa como cooperativista, reciclando materiais. A renda *per capita* familiar era de dezesseis por cento do salário mínimo vigente na época. Todos os membros da família do Caio eram evangélicos e frequentavam a igreja semanalmente.

Essa família morava em condições precárias: a residência era alugada, de madeira, com seis cômodos pequenos, sendo uma sala (com apenas um sofá e uma estante), uma cozinha, um banheiro e dois quartos e era provida de poucos móveis (na casa não havia uma única mesa). Possuía poucos aparelhos domésticos e eletrônicos básicos, mas tinha água encanada e esgoto.

A principal **atividade de lazer** realizada em casa pela família era assistir TV. Eles costumavam visitar e conversar com parentes e iam semanalmente à igreja. O pai, algumas vezes, ia ao campinho próximo à residência da família soltar pipa ou jogar futebol com o filho.

No período contrário à aula do Ensino Fundamental, a criança frequentava a Educação Compensatória na Rede Municipal, permanecendo fora de casa no período da manhã e da tarde. Quando a criança estava em casa, era cuidada pela mãe e irmãos mais

velhos. Segundo informações maternas eles não recebiam nenhum tipo de apoio familiar ou extra-familiar.

Caio realizava muitas tarefas sozinho tais como: **comer, tomar banho, dormir, ir para a escola e ler/contar histórias**. Na tarefa de elaboração dos **alimentos**, a criança contava com a ajuda, em alguns momentos, da mãe e irmãos mais velhos. A atividade de **levar a criança às atividades de lazer** era realizada pelos os genitores e irmãos.

A **limpeza da casa, cozinhar e lavar/passar roupas** era realizada pela mãe e/ou irmãos. O pai compartilhava a tarefa de **comprar alimentos** com a esposa. Já os principais **problemas de saúde** apresentados pelos membros familiares, conforme relato da mãe, foram os respiratórios (pai, tios e tias), gástricos (mãe, tios e tias) e alérgicos (crianças).

Na família desta criança, os **eventos mais importantes ocorridos nos últimos seis meses** foram problemas financeiros, enfermidade (avós, filhos e mãe), morte na família (avó paterna), uso/abuso de álcool pelo pai da criança e conflitos e brigas entre o casal.

Avaliação dos comportamentos do Caio na família e na escola

Os comportamentos do Caio foram avaliados através do TRF, na escola, e pelo CBCL, na família. A avaliação das respostas de todos os informantes o classificou como **clínico** para **problemas de comportamento internalizantes**. Quanto aos **externalizantes**, a professora o classificou como **limítrofe** e seus genitores como **não clínico**, ou seja, para seus pais essa criança não apresentou esse tipo de problema (ver Tabela 28).

Tabela 28. Resultado da avaliação do comportamento do Caio segundo os diferentes avaliadores.

ESCOLA - TRF (T escore)			FAMÍLIA – CBCL (T escore)					
PROFESSORA			PAI			MÃE		
PROBLEMAS			PROBLEMAS			PROBLEMAS		
Internalizantes	Externalizantes	Total	Internalizantes	Externalizantes	Total	Internalizantes	Externalizantes	Total
75	63	67	67	54	54	72	51	61
(C)	(L)	(C)	(C)	(NC)	(NC)	(C)	(NC)	(L)

Classificação: C- Clínico ; L- limítrofe; NC - Não Clínico

Os instrumentos também tornaram possível verificar quais os comportamentos problemáticos apresentados por Caio segundo a percepção de cada avaliador. A Tabela 29 mostra esses resultados.

Tabela 29. Análise (por itens) dos comportamentos problemáticos apresentados por Caio conforme percepção dos genitores (CBCL) e professora (TRF).

COMPORTAMENTOS	CBCL		TRF
	PAI	MÃE	PROFESSORA
Comporta-se de maneira muito infantil para a sua idade			X
Discute muito			X
Não termina as coisas que começou			X
Poucas coisas lhe dão prazer			X
Não consegue concentra-se, não consegue ficar atento muito tempo			X
Reclama de solidão			X
Fica confuso e desorientado			X
Chora muito		X	X
Sonha acordado ou perde-se me pensamentos			X
Tem dificuldade em seguir instruções			X
É desobediente na escola			X
Perturba os outros alunos			X
Não se dá bem com outros alunos			X
Acha ou reclama que ninguém gosta dele			X
Sente-se sem valor ou inferior			X
Exige que prestem atenção nele	X	X	
Mete-se em muitas brigas		X	X
Prefere estar sozinho a ficar em companhia de outros		X	X
Não come bem	X		
Sente ciúmes com facilidade	X		
Rói unhas	X		
É nervosa ou tensa		X	X
Conforma-se excessivamente com as regras			X
Tem dificuldade de aprendizagem			X
É muito medrosa ou ansiosa		X	X
Fala fora da sua vez			X
Dorme na sala de aula de vez em quando			X
Apático ou desmotivado			X
Os seus trabalhos escolares são fracos			X
Desastrado ou falta coordenação			X
Prefere estar com crianças mais novas			X
Recusa-se a falar			X
Perturba a disciplina da sala de aula			X
Reservado, guarda as coisas para si mesmo			X
Sente-se muito culpado		X	
Sente-se cansado demais sem motivo		X	
Mostra-se pouco à vontade ou facilmente envergonhada		X	X
O seu trabalho é desorganizado			X
Fica facilmente emburrado		X	X
Gosta de se exhibir, fazer palhaçadas	X	X	
Muito acanhado ou tímido		X	X
Comportamento explosivo ou imprevisível			X
Desatento ou distrai-se facilmente		X	X
Tem problemas na fala			X

Fica de olhar parado			X
Sente-se ofendido quando criticado			X
Teimoso, mal humorado ou fácil de irritar			X
Não consegue cumprir as tarefas que lhe são dadas			X
Desconfiado		X	X
Xinga ou fala palavrões			X
Pouco ativo, seus movimentos são lentos ou tem falta de energia			X
Infeliz, triste ou deprimido			X
Tem uma aparência pessoal pouco asseada			X
Isola-se, não se relaciona com os outros			X
Xinga ou fala palavrões		X	X
Faz birras ou é esquentado	X	X	X
Tem problemas de sono	X		
Choramanga	X	X	X
Preocupa-se muito		X	
TOTAL	08	18	50

Embora todos os avaliadores tenham classificado Caio como clínico em relação a problemas de comportamento, o número de comportamentos relatados variou bastante. A professora pontuou uma grande quantidade (50), seguida pela mãe do Caio (18) e pelo pai (09). Alguns desses comportamentos foram pontuados por ambos os genitores: exigir que prestem atenção nele, gostar de se exhibir ou fazer palhaçadas e choramingar. O comportamento de “fazer birras” ou ser “esquentado” foi pontuado pelos três avaliadores.

A professora, através do TRF também avaliou o desempenho acadêmico do Caio e o classificou como **clínico** (score 38). Esse instrumento também possibilitou a verificação da soma para os seguintes itens: quanto se esforça nas suas tarefas (38); em que grau se comporta adequadamente (38); quanto ele está aprendendo (37) e em que grau ele é feliz (37): total da soma dos itens (a, b, c, d) = **38 (classificação clínica)**.

Avaliação dos comportamentos do Caio, na família e na escola, e de seus genitores e professora

Também foram avaliadas as HSE e práticas educativas negativas dos genitores (através do RE- HSE-P) e da professora (RE- HSE-PR), variedade de contextos e as HS e os problemas de comportamento do Caio, segundo a percepção desses cuidadores. Esses dados encontram-se na Tabela 30.

Tabela 30. Habilidades sociais educativas e práticas negativas dos genitores e da professora, variedade de contextos e habilidades sociais e problemas do comportamento do Caio (RE- HSE-P e RE-HSE-PR).

Análise por itens de conteúdo (perguntas gerais de conteúdo)	Roteiros (HSE-P e HSE-PR)				
		Pai	Mãe	Professora*	
Habilidade Social Educativa	05	(clínico)	08	(limítrofe)	29
Habilidade Social da criança	11	(não clínico)	23	(não clínico)	10
Contexto	11	(não clínico)	16	(não clínico)	50
Práticas Negativas	07	(clínico)	07	(clínico)	08
Problemas de Comportamento (Internalizantes e Externalizantes)	10	(clínico)	10	(clínico)	56
Total Positivo	27	(não clínico)	47	(não clínico)	89
Total Negativo	17	(clínico)	17	(clínico)	64
Análise por frequência (perguntas específicas de conteúdo)		Pai	Mãe	Professora*	
Habilidade Social Educativa	06	(clínico)	08	(clínico)	20
Habilidade Social da criança	06	(clínico)	16	(não clínico)	12
Contexto	10	(não clínico)	12	(não clínico)	02
Práticas Negativas	07	(não clínico)	07	(não clínico)	08
Problemas de Comportamento (Internalizantes e Externalizantes)	10	(clínico)	10	(clínico)	10
Total Positivo	22	(não clínico)	36	(não clínico)	34
Total Negativo	17	(clínico)	17	(clínico)	18

*Instrumento ainda não validado, portanto serão considerados os escores.

Os resultados indicaram classificações distintas conforme o repertório dos informantes. Quanto à qualidade da interação (análise por itens de conteúdo), o pai apresentou repertório clínico em HSE e a mãe foi avaliada como limítrofe. Já a professora provavelmente seria avaliada como não clínica, apresentando um bom repertório de HSE. Quanto às HS de Caio, ele foi classificado como não clínico por seus genitores e, provavelmente, também por

sua professora. A variedade de contextos das interações pai-mãe-criança e professora-criança apresentou escores positivos, não clínicos. Ambos os genitores foram considerados clínicos em relação às Práticas Negativas. A professora também relatou utilizar muitas práticas educativas negativas na interação com esse aluno (clínica). Todos os avaliadores classificaram Caio como clínico em problemas de comportamento externalizantes ou internalizantes. A professora atribuiu um escore muito mais alto (56) para os problemas de comportamento da criança quando comparado ao escore atribuído pelos genitores (10). Os genitores e provavelmente a professora de Caio obtiveram classificação não clínica no Total Positivo e clínica no Total Negativo.

Algumas perguntas do instrumento RE-HSE-P além de investigar a ocorrência do comportamento também analisavam sua frequência. Neste caso, obteve-se uma classificação clínica para as HSE dos genitores e não clínica para as da professora. A criança, nessa classificação, tem repertório clínico para HS para o pai; não clínico para a mãe e provavelmente limítrofe para sua professora. Ambos os genitores foram considerados não clínicos em variedade de contextos e a professora, clínica. Em relação ao uso de práticas negativas de educação, todos os cuidadores foram classificados como não clínicos. Tanto os genitores como a professora classificaram Caio como clínico em problemas de comportamento externalizantes ou internalizantes. Nessa classificação, os genitores e as professoras obtiveram resultados semelhantes no Total Positivo ou Negativo. No Total Positivo, os genitores e a professora obtiveram classificação não clínica. No Total Negativo, todos os cuidadores foram classificados como clínicos.

Comportamentos das díades no relato oral e na situação de observação

Avaliação segundo a professora

A análise do relato oral da professora em relação às suas HSE e as HS do Caio é apresentada na Tabela 31. Na primeira coluna, encontram-se as categorias molares da professora: habilidades sociais educativas (HSE-PR) de “comunicação” e “expressão de sentimento e enfrentamento” e habilidades sociais infantis (HS) da criança “de disponibilidade social e cooperação” e de “expressão de sentimento e enfrentamento”. Na segunda coluna, encontram-se os comportamentos e, na terceira, as frequências com que estes comportamentos foram relatados.

Tabela 31. Habilidades sociais educativas da professora e habilidades sociais do Caio, avaliadas através do relato oral da professora.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR	FREQUÊNCIA
Habilidade Social Educativa (HSE-PR): Comunicação e negociação	Elogia	03
	Orienta	03
	Faz perguntas	01
	Escreve bilhetes positivos para os alunos	02
	Chama a família dele às vezes para conversar	01
	Explica sobre as consequências do comportamento	01
	Busca respostas para o problema	01
	Fala ou conversa	06
	Atribui símbolos aos bons comportamentos	01
Sub-Total		19
Habilidade Social Educativa (HSE-PR): Expressão de sentimento e enfrentamento	Pede ajuda	01
	Incentiva	03
	Reforça	01
	Fica contente/ feliz / sorri	01
	Brinca	01
	Agrada (expressa carinho, toca o aluno)	03
Sub-Total		10
TOTAL (HSE-PR)		29
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO ALUNO	FREQUÊNCIA
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade social e cooperação	Ouve o que os adultos têm a dizer	03
	Obedece	02
	Reconhece que errou	01
Sub-Total		06
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de sentimento e enfrentamento	Respeita	02
	Fica feliz	01
	Gosta	01
Sub-Total		04
TOTAL (HS)		10

Pode-se verificar que a professora de Caio apresentou comportamentos de HSE tanto na categoria “comunicação e negociação” (f= 19) quanto na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” (f= 10). De acordo com o relato da professora, Caio apresentou comportamentos de HS, sendo três na categoria “disponibilidade e cooperação” (f= 06) e três na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” (f= 04).

Na Tabela 32 encontram-se as respostas obtidas no RE-HSE-PR relacionadas às variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora. Na primeira coluna encontram-se as variáveis contextuais: concepção de certo e errado; situações acadêmicas; situações de lazer; situações diversas; temas acadêmicos; temas diversos e motivos para estabelecer limites. Na segunda coluna, apresentam-se as descrições das variáveis e, na terceira, as frequências com que tais foram pontuadas.

Tabela 32. Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora, avaliadas através de seu relato oral.

VARIÁVEIS CONTEXTUAIS		FREQUÊNCIA
Concepção de certo e errado	Explica e ou ensina sobre o que é certo ou errado sobre o cotidiano	01
	Explica e ou ensina sobre o que é certo ou errado sobre ordens e regras	01
	Explica e ou ensina sobre o que é certo ou errado sobre o comportamento	01
Sub-Total		03
Situações Acadêmicas	Durante as explicações da matéria; conteúdos escolares	01
	Quando o aluno pergunta ou tira dúvida sobre a matéria	01
	Durante a aula; nas atividades em sala	04
	No intervalo (recreio)	02
	Durante as atividades extraclasse (educação física e informática)	01
	Quando o aluno tem dificuldade na atividade	03
	Quando a professora corrige tarefa ou olha o caderno	01
	Quando o aluno mostra a atividade para a professora	01
	Na aprendizagem	02
Quando não faz tarefa	01	
Sub-Total		17
Situações de Lazer	Nas brincadeiras	01
Sub-Total		01
Situações Diversas	Em todas as situações; todos os momentos possíveis	01
	Quando as coisas não dão certo	01
	No horário das refeições	01
	Na hora da oração (atividade de rotina da aula)	01
	Horário do canto (atividade de rotina da aula)	01
Sub-Total		05
Temas Acadêmicos	Atividades	02
	Tarefas	02
	Intervalo (recreio)	01
	Leituras	01
	Letra	01
	Faltas	01
Sub-Total		08
Temas Diversos	Família	01
	Futebol	01
	Cotidiano; dia-a-dia	01
	Como foi o dia; o que fez	01
	Comunicados (bilhetes aos pais e responsáveis)	01
	Brincadeiras	02
	Problemas	01
	Alimentação	01
	Livros de histórias	01
	Comportamentos	01
	Sub-Total	
Motivos para estabelecer limites	Para educar	01
	Para estabelecer os direitos e deveres de cada um	01
	Para manter a organização	01
	Para que tenham limites	01

	Para ter controle sobre a sala	01
	Sub-Total	05
	TOTAL	50

As variáveis contextuais não pontuadas no instrumento RE-HSE-PR foram excluídas da tabela.

Houve uma grande variedade de contextos da interação professora-criança ($f=50$), sendo que as mais pontuadas foram: situações acadêmicas ($f=17$), temas diversos ($f=11$) e temas acadêmicos ($f=08$).

A análise do relato oral da professora em relação às suas práticas educativas negativas e aos problemas de comportamentos do Caio é apresentada na Tabela 33. Na primeira coluna, encontram-se as categorias molares da professora: “práticas educativas negativas habilidosas ativas e ou passivas” e da criança “problemas de comportamento externalizantes e internalizantes”. Na segunda coluna descreve-se o comportamento do professor ou do aluno e, na terceira, a frequência com que este foi relatado.

Tabela 33. Práticas educativas negativas da professora e problemas de comportamento do Caio, avaliados através de relato oral da docente.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR	FREQUÊNCIA
Prática Educativa Negativa: não habilidosa ativa	Fica brava	04
	Grita	01
	Chama a atenção	01
	Manda para a sala da coordenação/ direção	01
	Coloca de castigo	01
TOTAL (Prática Educativa negativa)		08
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA ALUNA	FREQUÊNCIA
Problema de comportamento: internalizante	Fica quieto	09
	Fica chateado/ triste	02
	Mostra desinteresse	04
	Demonstra medo	03
	É reservado	01
	Fica sem conversar	01
	Não responde	05
	Abaixa a cabeça	02
	É apático	02
	Choramanga	04
	Isola-se	01
	Responde em voz baixa	01
Sub-Total		35
Problemas de comportamento: externalizante	Bagunça	01
	Briga	07
	Xinga	06
	Discute	01
	Perturba os colegas	01
	Fica bravo	01
	Desobedece ou desrespeita regras ou desrespeita regras	04
Sub-Total		21
TOTAL (Problemas de comportamento)		56

A professora relatou utilizar cinco práticas negativas (não habilidosas ativas) na sua interação em sala de aula com Caio: ficar brava, gritar, chamar a atenção, mandar para a sala da coordenação ou direção e colocar de castigo. Também identificou problemas de comportamento em seu aluno, tanto internalizantes como externalizantes ($f= 21$). Esses dados contribuíram para a classificação clínica no resultado do instrumento RE-HSE-PR em relação ao uso de práticas negativas da professora e problemas de comportamento do Caio.

Avaliação segundo os genitores

A análise do relato oral dos genitores em relação às suas HSE e às HS do Caio é apresentada na Tabela 34. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares dos genitores e da criança. Na segunda coluna apresentam-se os comportamentos dos adultos e de Caio, seguidos da frequência com que foram relatados.

Tabela 34. Habilidades sociais educativas dos genitores e habilidades sociais infantis, avaliados através de relato oral dos adultos participantes.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO GENITOR	PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE): Comunicação e negociação	Diz “não” com explicação	-	01
	Fala/conversa	02	01
	Pede mudanças de comportamento	01	-
Sub Total		03	02
Habilidade Social Educativa (HSE): Expressão de sentimento e enfrentamento	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	-	03
	Brinca (oralmente)	-	02
	Compra coisas que o filho quer ou gosta	02	-
	Sorri	-	01
Sub Total		02	06
TOTAL (HSE-P)		05	08
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	PAI	MÃE
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade e Cooperação	Conversa com a mãe/pai	01	01
	Fala coisas engraçadas	-	01
	Aceita hábitos da família (como ir à igreja)	01	-
	Obedece a ordens dadas	-	02
	Responde as perguntas	01	01
	Oferece apoio	-	01
	Ouve o que os adultos tem a dizer	-	01
	É educado	-	01
Sub Total		03	08
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de Sentimento e Enfrentamento	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	04	04
	Expressa suas próprias opiniões	-	01
	Brinca (oralmente)	01	-
	Diz que gosta dos genitores	01	03
	Respeita	02	-
	Demonstra contentamento	-	03
	Tira dúvidas	-	01
	Sorri	-	01
	Aceita opiniões dos adultos	-	01
	Negocia	-	01
Sub Total		08	15
TOTAL (HS)		11	23

Em relação às HSE, pode-se verificar que a mãe de Caio apresentou uma frequência um pouco maior de comportamentos do que o pai. Pode-se destacar o comportamento da mãe ligado à “expressão de sentimento e enfrentamento”, que envolve o agradar o filho, brincar, sorrir/ficar contente em contraposição ao comportamento do pai que, nessas situações, “compra coisas que o filho quer ou gosta”. Quanto às HS do Caio, a mãe relatou maior frequência de comportamentos do que o pai. .

Na Tabela 35 estão alocadas as respostas obtidas através do RE-HSE-P relacionadas às variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores. Na primeira coluna encontram-se as variáveis contextuais e na segunda, um detalhamento dessas. Na terceira e quarta colunas encontram-se as frequências com que tais variáveis foram pontuadas.

Tabela 35. Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores do Caio avaliadas através de relato oral dos mesmos.

VARIÁVEIS CONTEXTUAIS		FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Temas Diversos	Sobre violência	01	01
	Sobre brincadeiras	01	01
	Sobre higiene pessoal	-	01
	Sobre alimentação	-	01
	Sobre livros infantis	-	01
	Sobre limites e obrigações	-	01
	Sobre oferecimento de ajuda à criança	-	01
	Sobre como foi o dia	-	01
Sub-Total		02	08
Em diversos momentos do dia	Em todas as situações	01	-
	Horários das refeições	-	01
Sub-Total		01	01
Concepções de certo e errado	Explicar e ensinar sobre o que é certo ou errado	01	01
	Sobre ordens e regras	01	-
Sub-Total		02	01
Problemas pessoais dos pais	Quando os genitores estão nervosos	-	01
Sub-Total		00	01
Situações Diversas	Sobre religião ou fé	01	-
Sub-Total		01	00
Situações de Lazer	Quando brincam	01	01
Sub-Total		01	01
Momentos de refeições	Alimentos que a criança precisa comer		01
Sub-Total		00	01
Relacionamento sexual e DST's	Relacionamento sexual	01	-
	Namora	01	-
	Paquera	01	-
Sub-Total		03	00
Motivos para estabelecer limites	Para mostrar o direito de outras pessoas	01	01
	Para que o filho aprenda que ele não pode fazer tudo o que quer	-	01
	Porque ele é teimoso	-	01
Sub-Total		01	03
TOTAL		11	16

As variáveis contextuais não pontuadas no instrumento RE-HSE-P foram excluídas da tabela.

A variedade de contextos da interação pai-criança e mãe-criança apresentou escores positivos (classificação não clínica). Pode-se verificar que a mãe relatou uma quantidade de contextos um pouco maior ($f= 16$) do que o pai ($f= 11$). A genitora também demonstrou conversar mais com o filho sobre temas como violência, limites e obrigações, higiene pessoal, alimentação, livros infantis. Apenas o pai relatou a presença de perguntas do filho a respeito de

relacionamento sexual, namoro e paquera. O pai relatou ainda conversar sobre religião ou fé. Alguns temas foram compartilhados entre mãe-pai-criança: violência, brincadeiras, o que é certo ou errado e o direito dos outros. Em todos esses casos, eram os genitores quem, na maioria das vezes, iniciavam as conversas.

A análise do relato oral dos genitores em relação à suas práticas educativas negativas e aos problemas de comportamentos do Caio é apresentada na Tabela 36. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares dos genitores: “práticas educativas negativas não habilidosas ativas” e da criança “problemas de comportamento externalizantes e internalizantes”. Na segunda coluna encontra-se a listagem dos comportamentos e, nas seguintes, as frequências com que foram relatados.

Tabela 36. Práticas educativas negativas dos genitores e problemas de comportamento do Caio, avaliados através de relato oral destes adultos.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DOS GENITORES	PAI	MÃE
Prática educativa negativa: não habilidosa ativa	Ameaça (retirar privilégios, bater)	02	02
	Grita, briga, fica bravo, xinga	02	03
	Bate	-	01
	Dá sermão, bronca, de forma autoritária	03	01
TOTAL (Práticas educativas negativas)		07	07
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	PAI	MÃE
Problema de comportamento Externalizantes	Desobedece a ordens e/ou regras dadas	01	02
	Emburra	01	01
	Faz birras	01	02
	Briga	01	01
	Reclama	-	01
	Xinga	01	01
Sub- Total		05	08
Problema de comportamento Internalizantes	Chora	02	01
	Fica triste	02	01
	Fica quieto	01	-
Sub- Total		05	02
TOTAL (problemas de comportamento)		10	10

A mãe relatou utilizar quatro práticas educativas negativas (não habilidosas ativas): ameaçar (retirar privilégios, bater); gritar, brigar, ficar brava ou xingar; bater ou; dar sermão/bronca, de forma autoritária. O pai também relatou o uso dessas práticas, com exceção do bater. A mãe identificou oito problemas de comportamento em seu filho, sendo seis externalizantes (f= 08): desobedecer a ordens e ou regras dadas; emburrar; fazer birras ; brigar ; reclamar e xingar ; e dois internalizantes (f= 02): chorar e ficar triste . O pai, por sua vez, atribuiu ao filho oito problemas de comportamento, sendo cinco externalizantes (f= 05): desobedecer a ordens e ou regras dadas; fazer birra, xingar, emburrar e brigar; e três internalizantes (f= 05): chorar , ficar triste e ficar quieto .

A análise das HSE e das HS infantis na situação de observação entre pai-criança e mãe-criança, através da brincadeira, é apresentada na Tabela 37. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares, seguida dos possíveis comportamentos dos envolvidos. A seguir, apresentam-se as frequências dos comportamentos observados.

Tabela 37. Habilidades sociais educativas e habilidades sociais infantis nas díades pai-Caio e mãe-Caio, em situação de observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DOS GENITORES	FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE-P): comunicação e negociando	Diz “não” com explicação	-	01
	Estabelece regras	01	01
	Fala/conversa	18	08
	Faz perguntas	02	02
	Pede mudança de comportamento	-	03
Sub -Total		21	15
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressão de sentimento e enfrentamento	Brinca (oralmente)	14	15
	Incentiva	03	-
	Olha para a criança	12	12
	Sorri, fica contente	16	17
Sub -Total		45	44
TOTAL (HSE-P)		66	59
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	FREQUÊNCIA	
		CAIO	CAIO
Habilidade Social Infantil (HS): disponibilidade social e cooperação	Conversa com a mãe/pai	13	10
	Faz perguntas	03	01
	Muda comportamentos conforme solicitado	-	01
	Responde as perguntas	02	02
	Atende a pedidos	01	01
Sub-Total		19	15
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de sentimento e enfrentamento	Brinca (oralmente)	17	14
	Sorri	10	13
	Olha para o pai/mãe	14	13
Sub-Total		41	40
TOTAL (HS)		60	55

Os comportamentos não pontuados no protocolo de observação não foram alocados na tabela.

Quanto à frequência de comportamentos observados é possível verificar que o pai apresentou maior quantidade de comportamentos ($f= 66$) do que a mãe ($f= 59$). Em relação à categoria “comunicação e negociação”, a mãe acrescentou os comportamentos de “dizer não com explicação” e o “pedir mudança de comportamento”. Já, na categoria de “expressão de sentimento e enfrentamento”, o pai apresentou um comportamento a mais do que a mãe, o de “incentivar a criança na brincadeira”.

Na situação de brincadeira, Caio também apresentou mais comportamentos quando estava com o pai ($f= 60$) do que com a mãe ($f= 55$). Na díade pai-Caio, em relação à “disponibilidade social e cooperação”, foram observados na criança os comportamentos de: conversar com os genitores; fazer e responder perguntas e atender a pedidos. Em relação á

díade mãe-criança, Caio também apresentou mudança de comportamento solicitado. Na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento”, a criança apresentou os mesmos comportamentos com ambos os genitores.

Na situação de observação entre pai-criança e mãe-criança, através da brincadeira, não foi verificado o uso de práticas educativas negativas. Em relação à análise dos problemas de comportamento do Caio verificou-se que, apenas na díade mãe-criança foi observada a presença de dois problemas de comportamento externalizantes da criança: desobedecer a ordens e/ou regras dadas e reclamar.

Analisando os comportamentos do pai e do Caio, verificou-se que alguns comportamentos do genitor parecem gerar respostas por parte do filho, como por exemplo: cada genitor fez duas perguntas ao filho e este respondeu duas vezes a cada um deles. Outros comportamentos apresentaram uma frequência próxima: falar/conversar (pai f=18 e filho f=13; mãe f=8 e filho f=10); sorrir (pai f=16 e filho f=10; mãe f=17 e filho f=13); olhar para os genitores (pai f=12 e filho f=14; mãe f=12 e filho f=13).

Descrição dos dados coletados no relato oral e na situação de observação

A seguir apresenta-se na Tabela 38 os dados das HSE dos genitores obtidos através do relato oral e das situações de observação da interação de cada um deles em situação de brincadeira com o Caio.

Tabela 38. Habilidades sociais educativas dos genitores avaliadas através de relato oral e da situação de observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO GENITOR	Relato Oral		Situação de observação	
		PAI	MÃE	Com PAI	Com MÃE
Habilidade Social (HSE-P): Comunicação e negociação	Diz “não” com explicação		X		X
	Dá explicações sobre as consequências do comportamento				X
	Estabelece regras			X	X
	Fala/conversa	X	X	X	X
	Faz perguntas			X	X
	Pede mudança de comportamento	X			X
Sub- Total		02	02	03	06
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressão de sentimento e enfrentamento	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)		X		
	Brinca (oralmente)		X	X	X
	Compra coisas que o filho quer	X			
	Incentiva			X	
	Olha para a criança			X	X
Sorri, fica contente		X	X	X	
Sub-Total		01	03	04	03
TOTAL (HSE-P)		03	05	07	09

Os comportamentos não pontuados no protocolo de observação não foram apresentados. .

Quanto às HSE dos genitores, observou-se uma quantidade maior de comportamentos obtidos por meio da situação de observação do que do relato oral, tanto para o pai quanto para a mãe.

Apenas o comportamento de falar/conversar ocorreu no relato oral de ambos os genitores e nas duas situações de observação: pai-Caio, mãe-Caio. Em relação ao pai constatou-se a emergência de comportamentos diferentes na situação de observação, sendo eles: estabelecer regras; fazer perguntas; brincar oralmente; incentivar; olhar para a criança e sorrir/ficar contente. No comportamento materno, em situação de brincadeira, também apareceram alguns comportamentos diferentes: dar explicação sobre as consequências do comportamento; estabelecer regras; fazer perguntas e olhar para a criança. Nenhum comportamento da mãe apareceu somente no relato oral. Outros dois apareceram nas duas situações: brincar oralmente e sorrir/ficar contente.

A Tabela 39 apresenta os dados das HS do Caio obtidas através do relato oral dos genitores e das situações de observação da interação em situação de brincadeira da família do Caio.

Tabela 39. Habilidades Sociais do Caio, avaliadas através de relato oral e observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	Relato Oral		Situação de observação	
		PAI	MÃE	PAI	MÃE
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade e cooperação	Atende a pedidos			X	X
	Conversa com a mãe/pai	X	X	X	X
	Fala coisas engraçadas		X		
	Faz perguntas			X	X
	Muda comportamentos conforme solicitado				X
	Obedece a ordens dadas		X		
	Responde as perguntas	X	X	X	X
	Aceita hábitos da família (como ir à igreja)	X			
	É educado		X		
Oferece apoio		X			
	Sub-Total	03	06	04	05
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de sentimento e enfrentamento	Aceita opiniões dos adultos		X		
	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	X	X		
	Brinca (oralmente)	X		X	X
	Expressa suas próprias opiniões		X		
	Negocia		X		X
	Diz que gosta dos genitores	X	X		
	Respeita	X			
	Tira dúvidas		X		
	Demonstra contentamento		X		
	Sorri		X	X	X
Olha para os genitores			X	X	
	Sub-Total	04	08	03	04
	TOTAL (HS)	07	14	07	09

No relato oral a mãe indicou o dobro de comportamentos de HS do filho ($f=14$) em relação ao pai ($f=07$). Os comportamentos de falar/conversar e responder a perguntas foram comuns no relato oral dos genitores e no comportamento de Caio nas duas situações de brincadeira em que participou. Na situação de observação emergiram cinco comportamentos não relatados oralmente pelos genitores: atender pedidos, fazer perguntas, brincar oralmente, sorrir e olhar para os genitores. Mudar o comportamento conforme solicitado e negociar foi observado apenas na interação da criança com a mãe.

Comparando os dados de práticas educativas negativas nas duas situações avaliadas, ou seja, no relato oral e na situação de observação, constatou-se a presença de práticas educativas negativas (não habilidosas ativas) apenas no relato oral dos genitores.

A Tabela 40 compara os problemas de comportamentos da criança segundo os relatos dos genitores e os dados das situações de observação.

Tabela 40. Problemas de comportamento do Caio avaliados através de relato oral e da situação de observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	Relato Oral		Situação de observação	
		PAI	MÃE	Com o PAI	Com a MÃE
Problemas de comportamento Externalizantes	Desobedece a ordens e/ou regras dadas	X	X		X
	Emburra	X	X		
	Faz birras	X	X		
	Briga	X	X		
	Reclama		X		X
	Xinga	X	X		
	Sub-Total	05	06	00	02
Problemas de comportamento Internalizantes	Fica triste	X	X		
	Chora	X	X		
	Fica quieto	X			
	Sub-Total	03	02	00	00
	TOTAL	08	08	00	02

Os genitores relataram a presença de oito problemas de comportamento externalizantes e ou internalizantes de Caio, mas apenas um deles foi verificado na interação mãe-Caio: reclamar (externalizante).

DAIANE: ESCOLA E FAMÍLIA

Caracterização do Sistema Familiar

Daiane, sexo feminino, tinha sete anos no momento da coleta de dados e cursava o segundo ano do ensino fundamental de uma escola municipal. Vivia com seus genitores, casados há 13 anos e tinha apenas um irmão de 11 anos de idade. Seu pai tinha 32 anos, havia completado o ensino fundamental e trabalhava como balconista em uma panificadora. Sua mãe tinha 29 anos, concluiu o ensino fundamental e trabalhava como salgadeira em uma fábrica de produtos alimentícios. A **renda per capita** familiar era de meio salário mínimo. Todos os membros da família da Daiane eram evangélicos e frequentavam semanalmente a igreja.

Essa família morava em condições satisfatórias de **moradia**; a residência era alugada, de alvenaria, com cinco cômodos pequenos, sendo uma sala, uma cozinha, um banheiro e dois quartos; era provida de móveis e aparelhos domésticos e eletrônicos básicos.

Segundo o relato materno, quando não estava na escola Daiane ficava exclusivamente na própria residência da família e era cuidada pela mãe, avós e tias. Como **atividades de lazer** em casa eles assistiam TV ou DVD. As atividades praticadas fora de casa pelos membros desta família consistiam em visitar parentes, fazer passeios no lago e bosque da cidade, tomar lanche e ir à igreja. Além dos genitores, os tios e avós também compartilham essas atividades.

A mãe relatou que ela e o marido dispunham de pouco tempo para ficar com os filhos devido à grande jornada de trabalho fora de casa. Em relação ao **apoio familiar**, a família podia contar com o cuidado e o apoio afetivo das avós (materna e paterna) e tias da

criança. Os amigos costumavam proporcionar, esporadicamente, **apoio extra-familiar** afetivo à criança.

As tarefas de **dormir e ler/contar histórias** eram realizadas pela própria criança. Em poucas ocasiões a mãe ajudava nestas atividades. Daiane ia à escola sozinha, pois morava próxima a ela. O pai colaborava com a mãe nas tarefas de alimentação e banho, quando necessário algum apoio adicional, uma vez que a criança era independente nessas tarefas.

A **limpeza da casa** era realizada apenas pela mãe. As tarefas de **cozinhar e lavar/passar roupa** era realizada pela mãe e também pela avó materna. Nesta família, ambos os genitores eram responsáveis pelas compras da casa.

Os principais **problemas de saúde** apresentados pelos membros familiares, segundo o relato da mãe, foram os respiratórios (mãe), gástricos (criança, mãe e pai) e alérgicos (criança e mãe).

Quanto aos **eventos importantes ocorridos nos últimos seis meses** destacou-se os conflitos e brigas entre os genitores.

Avaliação dos comportamentos da Daiane na escola e na família

Em relação aos problemas de comportamento, Daiane foi classificada, através do TRF, como **clínica** pela professora, tanto externalizantes quanto internalizantes. Os genitores de Daiane também forneceram a mesma classificação que a professora, através do CBCL. Esses dados encontram-se na Tabela 41.

Tabela 41. Resultados da avaliação do comportamento da Daiane segundo os diferentes avaliadores.

ESCOLA - TRF (T escore)			FAMÍLIA – CBCL (T escore)					
PROFESSORA			PAI			MÃE		
PROBLEMAS			PROBLEMAS			PROBLEMAS		
Internalizantes	Externalizantes	Total	Internalizantes	Externalizantes	Total	Internalizantes	Externalizantes	Total
69	67	70	66	70	70	69	71	71
(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)	(C)

Classificação: C- Clínico

Os instrumentos utilizados também tornaram possível verificar quais os comportamentos problemáticos apresentados por Daiane segundo a percepção de cada avaliador. Na Tabela 42 encontram-se esses resultados.

Tabela 42. Análise (por itens) dos comportamentos problemáticos apresentados pela Daiane conforme percepção dos genitores (CBCL) e professora (TRF).

SINTOMAS	CBCL		TRF
	PAI	MÃE	PROFESSORA
Comporta-se de maneira muito infantil para sua idade	X	X	X
Murmura ou faz barulhos estranhos na sala de aula			X
Discute muito	X	X	X
Não termina as coisas que começou	X	X	X
Poucas coisas lhe dão prazer			X
Desafiadora, responde aos funcionários da escola			X
Não consegue concentrar-se, não consegue ficar atento muito tempo	X	X	X
Não consegue tirar certos pensamentos da cabeça, obsessões	X	X	X
Não consegue parar sentada, é irrequieta ou hiperativa	X	X	
Agarra-se aos adultos ou é muito dependente	X	X	X
Reclama de solidão		X	
Fica confusa e desorientada	X	X	X
Chora muito	X	X	X
Inquieto			X
Sonha acordada ou perde-se em pensamentos	X	X	X
Exige que prestem atenção nela	X	X	X
Destrói suas próprias coisas	X	X	X
Tem dificuldades em seguir instruções			X
Destrói coisas de sua família ou de outros	X	X	
É desobediente em casa e na escola	X	X	
É desobediente na escola			X
Perturba outros alunos			X
Não come bem	X	X	
Não se dá bem com outras crianças	X	X	
Sente ciúmes com facilidade	X	X	X
Desrespeita as regras em casa, na escola e em outros lugares	X	X	X
Desrespeita as regras da escola			X
Tem medo de certos animais, situações ou lugares (sem incluir a escola)		X	
Acha ou reclama que ninguém gosta dela	X	X	X
Sente-se sem valor ou inferior	X	X	X
Machuca-se com frequência	X	X	
Tem tendência a sofrer acidentes	X	X	
Mete-se em muitas brigas	X	X	
É impulsiva ou age sem pensar	X	X	X
Prefere estar sozinho a ficar em companhia de outros	X		X
Mente ou engana os outros	X		X
Rói as unhas			X
É nervosa ou tensa	X		X
Tem movimentos nervosos ou tiques			X
Conforma-se excessivamente com as regras			X
Tem dificuldade de aprendizagem			X
É muito medrosa ou ansiosa	X	X	X
Fala fora da sua vez			X

Sente-se cansada demais sem motivo	X	X	X
Tem problemas físicos sem causa desconhecida do ponto de vista médico	X	X	
Ataca fisicamente as pessoas		X	
Cutuca o nariz	X	X	X
Apática ou desmotivada			X
Os seus trabalhos escolares são fracos	X	X	X
Desastrada ou tem falta de coordenação	X	X	X
Recusa-se a falar			X
Repete as mesmas ações várias vezes seguidas, compulsões			X
Grita muito	X	X	X
Reservada, guarda as coisas para si mesma	X		X
Mostra-se pouco à vontade ou facilmente envergonhada	X	X	X
O seu trabalho é desorganizado			X
Comporta-se de modo irresponsável			X
Fica facilmente emburrada	X	X	X
Muito acanhado ou tímido	X	X	X
Tem problemas de fala			X
Fica de olhar parado			X
Sente-se ofendido quando criticado			X
Teimosa, mal humorada ou fácil de irritar			X
Desatento ou distrai-se facilmente	X	X	
Faz birras ou é esquentada	X	X	X
Não consegue cumprir as tarefas que lhe são dadas			X
Infeliz, triste ou deprimida			X
Pouco ativa, seu movimentos são lentos ou tem falta de energia	X		
Isola-se, não se relaciona com os outros		X	
TOTAL	41	40	54

Na análise dos dados coletados nos instrumentos verificou-se que todos os envolvidos pontuaram muitos comportamentos para a criança: a professora (f=54), o pai (f=41) e a mãe (f=40). Muitos comportamentos foram pontuados na família e na escola (pelos três cuidadores: pai, mãe e professora) como: comportar-se de maneira muito infantil para sua idade, discutir muito, não terminar as coisas que começou, não conseguir concentrar-se ou ficar atenta muito tempo, não conseguir tirar certos pensamentos da cabeça, obsessões, agarrar-se aos adultos ou ser muito dependente, ficar confusa e desorientada, chorar muito, sonhar acordada ou perder-se em pensamentos, exigir que prestem atenção nela, destruir suas próprias coisas, sentir ciúmes com facilidade, desrespeitar as regras em casa, na escola e em outros lugares, achar ou reclamar que ninguém gosta dela, sentir-se sem valor ou inferior, ser

impulsiva ou agir sem pensar, ser muito medrosa ou ansiosa, sentir-se cansada demais sem motivo, cutucar o nariz, realizar trabalhos escolares fracos, ser desastrada ou ter falta de coordenação, gritar muito, mostrar-se pouco à vontade ou ficar envergonhada facilmente, ficar facilmente emburrada, ser muito acanhada ou tímida e fazer birras ou ser esquentada.

A partir do TRF, a professora avaliou o desempenho acadêmico da Daiane como **clínico** (escore 35). Esse instrumento também possibilitou a verificação dos seguintes ítems: (a) quanto se esforça nas suas tarefas (35); (b) em que grau se comporta adequadamente (35); (c) quanto ela está aprendendo (35) e, (d) em que grau ela é feliz (44): total da soma dos itens (a, b, c d) = **35** (classificação **clínica**).

Avaliação dos comportamentos de Daiane, na família e na escola, e de seus genitores e professora

Também foram avaliadas as HSE e as práticas educativas negativas dos genitores (através do RE- HSE-P) e da professora (RE- HSE-PR), a variedade de contextos e as HS e os problemas de comportamento da Daiane, segundo a percepção desses cuidadores. Esses dados encontram-se na Tabela 43.

Tabela 43. Avaliação das Habilidades sociais educativas e práticas negativas dos genitores e da professora, a variedade de contextos e as habilidades sociais e problemas do comportamento da Daiane (RE-HSE-P e RE-HSE-PR).

Análise por itens de conteúdo (perguntas gerais de conteúdo)	Roteiros (HSE-P e HSE-PR)				
		Pai		Mãe	Professora*
Habilidade Social Educativa	07	(clínico)	07	(clínico)	42
Habilidade Social da criança	12	(não clínico)	17	(não clínico)	19
Contexto	11	(não clínico)	07	(clínico)	39
Práticas Negativas	06	(limítrofe)	08	(clínico)	05
Problemas de Comportamento (Internalizantes e Externalizantes)	08	(limítrofe)	12	(clínico)	38
Total Positivo	30	(não clínico)	30	(não clínico)	100
Total Negativo	14	(clínico)	20	(clínico)	45
Análise por frequência (perguntas específicas de conteúdo)		Pai		Mãe	Professora*
Habilidade Social Educativa	05	(clínico)	05	(clínico)	18
Habilidade Social da criança	08	(clínico)	08	(clínico)	06
Contexto	04	(limítrofe)	01	(clínico)	04
Práticas Negativas	06	(não clínico)	08	(não clínico)	03
Problemas de Comportamento (Internalizantes e Externalizantes)	08	(clínico)	05	(limítrofe)	05
Total Positivo	17	(clínico)	14	(clínico)	28
Total Negativo	14	(clínico)	13	(limítrofe)	08

*Instrumento ainda não validado, portanto, serão considerados os escores.

Os resultados da codificação indicaram classificações distintas quanto à qualidade da interação (análise do número de itens e frequência geral) de comportamentos. Os genitores da Daiane foram avaliados como clínicos em HSE. Embora o instrumento com a professora ainda não tenha sido validado, há indicativos (a partir dos escores) de que a professora provavelmente apresenta uma HSE maior (não clínica) que a dos genitores de Daiane. Para os genitores e professora, Daiane foi classificada como não clínica para HS infantis, indicando uma reserva comportamental positiva apesar de ter sido avaliada em problemas de comportamento como limítrofe pelo pai, clínica pela mãe e, possivelmente, também pela professora. O pai e a professora foram considerados não clínicos em variedade

de contextos e a mãe, clínica. Quanto às práticas negativas, o pai foi classificado como limítrofe, a mãe como clínica e a professora, provavelmente, como não clínica. Em relação à qualidade da interação (conteúdo) foi encontrada, para todos os cuidadores, classificação não clínica no Total Positivo e clínica no Total Negativo.

Algumas perguntas do instrumento RE-HSE-P além de investigar a ocorrência do comportamento também previam a frequência (perguntas específicas de conteúdo). Nesta avaliação, obteve-se uma classificação clínica para as HSE dos genitores e, provavelmente, não clínica para as da professora. A criança, nessa avaliação, tem classificação clínica para HS sociais para todos os cuidadores. A variedade de contextos das interações pai-criança e, possivelmente, professora-criança foi classificada como limítrofe e a da interação mãe-criança foi classificada como clínica. Em relação ao uso de práticas negativas de educação, todos os cuidadores foram classificados como não clínicos. Quanto aos problemas de comportamento, o pai de Daiane a classificou como clínica e sua mãe e a professora, analisando-se os escores, possivelmente, como limítrofe. Nessa classificação, no Total Positivo, os genitores obtiveram classificação clínica e a professora, não clínica. No Total Negativo, os cuidadores obtiveram classificações distintas: o pai foi avaliado como clínico, a mãe como limítrofe e a professora, provavelmente, como não clínica.

Comportamentos das díades no relato oral e na situação de observação

Avaliação da professora

A análise do relato oral da professora em relação às suas HE e às HS da Daiane é apresentada na Tabela 44. Na primeira coluna, encontram-se as categorias molares da professora: habilidades sociais educativas (HSE-PR) de “comunicação” e “expressão de

sentimento e enfrentamento” e habilidades sociais infantis (HS) da criança “de disponibilidade social e cooperação” e de “expressão de sentimento e enfrentamento”. Na segunda coluna, encontram-se os comportamentos e, na terceira, as frequências com que estes foram relatados.

Tabela 44. Habilidades sociais educativas da professora e habilidades sociais da Daiane avaliadas através de relato oral da docente.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA PROFESSORA	FREQUÊNCIA
Habilidades Sociais Educativas (HSE-PR): Comunicando-se	Elogia	05
	Aconselha	01
	Orienta	01
	Corrige a si própria	01
	Faz perguntas	01
	Escreve bilhetes positivos para os alunos	02
	Pede mudança de comportamento	02
	Ajuda o aluno quando não entende	01
	Explica sobre as consequências do comportamento	01
	Fala ou conversa	09
	Reconhece o esforço da aluna	01
	Atribui símbolos aos bons comportamentos	01
	Responde a perguntas	01
	Sub-Total	27
Habilidades Sociais Educativas (HSE-PR): Expressando sentimento e enfrentamento	Cumprimenta	01
	Incentiva	04
	Desenha no caderno	01
	Fica contente/ feliz / sorri	03
	Brinca	01
	Agrada (expressa carinho, toca o aluno)	05
	Sub-Total	15
	TOTAL (HSE-PR)	42
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA ALUNA	FREQUÊNCIA
Habilidades Sociais Infantis (HS): Disponibilidade social e cooperação	Ouve o que os adultos têm a dizer	02
	É atenciosa	03
	Responde as perguntas	01
	É esforçada	01
	Atende a pedidos	02
	Obedece	01
	Aceita opiniões, concorda	01
	Sub-Total	11
Habilidades Sociais Infantis (HS): Expressando sentimento e enfrentamento	Demonstra contentamento/ gosta	03
	Expressa carinho	01
	Retribui afeto	01
	É caprichosa	01
	Sorri	01
	Brinca	01

	Sub-Total	08
TOTAL (HS)		19

A professora de Daiane apresentou comportamentos de HSE (f=42), tanto na categoria “comunicação e negociação” (f=27) quanto na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” (f=15). Segundo o relato da professora, Daiane também apresentou comportamentos de HS na categoria de “disponibilidade e cooperação” (f=11) e na de “expressão de sentimento e enfrentamento” (f=08).

Na Tabela 45 encontram-se as respostas obtidas no RE-HSE-PR relacionadas às variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora. Na primeira coluna encontram-se as variáveis contextuais: concepção de certo e errado; situações acadêmicas; situações de lazer; situações diversas; temas acadêmicos; temas diversos e motivos para estabelecer limites. Na segunda coluna apresentam-se as descrições das variáveis e, na terceira, as frequências com que foram pontuadas.

Tabela 45. Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos da professora avaliadas através de seu relato oral.

VARIÁVEIS CONTEXTUAIS		FREQUÊNCIA
Concepção de certo e errado	Explica e ou ensina sobre o que é certo ou errado sobre o cotidiano	01
	Explica e ou ensina sobre o que é certo ou errado sobre o comportamento	01
	Explica e ou ensina sobre o que é certo ou errado sobre ordens e regras	01
	Sub-Total	03
Situações Acadêmicas	Durante as explicações da matéria ou conteúdo	02
	Durante a aula; nas atividades em sala	02
	Quando a professora verifica resultado da avaliação	01
	No intervalo (recreio)	03
	Nas atividades em grupo	01
	Quando ela tem dificuldades na atividade	01
	Na hora da leitura	02
	Na aprendizagem	01
Sub-Total	13	
Situações de Lazer	Nas brincadeiras	01
Sub-Total	01	
Situações Diversas	Sobre situações do dia-a-dia	02
	Quando a aluna tem algum problema	01
	Quando as coisas não dão certo	01
	Sobre o que acontece na escola	01
	Sub-Total	05
Temas Acadêmicos	Atividades	02
	Aprendizagem	02
	Correção	02
	Tarefas	02
	Recreio	01
	Dificuldades	02
Sub-Total	11	
Temas Diversos	Família	01
	Violência	01
	Programa de TV	01
	Alimentação	01
Sub-Total	04	
Motivos para estabelecer limites	Para educar	01
	Para que aprenda o que pode e o que não pode fazer	01
Sub-Total	02	
TOTAL		39

As variáveis contextuais não pontuadas no instrumento RE-HSE-PR foram excluídas da tabela.

A professora citou uma grande variedade de contextos na sua interação com essa criança (f=39), com destaque para situações acadêmicas (f=13) e temas acadêmicos (f=11).

A análise do relato oral da professora em relação às suas práticas educativas negativas e aos problemas de comportamentos da Daiane é apresentada na Tabela 46. Na primeira coluna, encontram-se as categorias molares da professora: “práticas educativas negativas habilidosas ativas e ou passivas” e da criança “problemas de comportamento externalizantes e internalizantes”. Na segunda coluna descrevem-se os comportamentos do professor ou da aluna e, na terceira, as frequências com que estes foram relatados.

Tabela 46. Práticas educativas negativas da professora e problemas de comportamento da Daiane avaliados através de relato oral da docente.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA PROFESSORA	FREQUÊNCIA
Prática educativa negativa: não habilidosa ativa	Fica brava	01
	Dá bronca	01
	Chama a atenção	01
	Fica irritada	01
	Coloca de castigo	01
TOTAL (práticas educativas negativas)		05
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA ALUNA	FREQUÊNCIA
Problema de comportamento: internalizante	Fica quieta	03
	Fica distraída	01
	Choraminga	01
	Não demonstra	02
	Abaixa a cabeça	01
	Fica chateado/ triste	01
	Mostra desinteresse	01
	Demonstra medo	01
	É tímida	03
	É envergonhada	02
	Não responde	02
	Abaixa a cabeça	01
	É apática	02
	Não faz nada	01
	Sub-Total	
Problema de comportamento: externalizante	Emburra	02
	Faz birras	02
	Fala muito em hora errada	01
	Briga	05
	Xinga	01
	É agitada	01
	Desobedece ou desrespeita as regras	04
Sub-Total		16
TOTAL (problemas de comportamento)		39

A professora relatou utilizar cinco práticas negativas (não habilidosas ativas) na sua interação em sala de aula com Daiane: ficar brava, dar bronca, chamar a atenção, ficar irritada e colocar de castigo. Também relatou muitos problemas de comportamento em sua aluna, internalizantes (f= 23) e externalizantes (f= 16). Esses dados contribuíram para a classificação não clínica no resultado do instrumento RE-HSE-PR em relação ao uso de práticas negativas da professora e clínica quanto aos problemas de comportamento da aluna.

Avaliação dos genitores

A análise do relato oral dos genitores em relação às suas HSE e HS da Daiane é apresentada na Tabela 47. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares dos genitores e da criança. Na segunda coluna apresentam-se os comportamentos dos adultos e da Daiane, seguidos da frequência com que foram relatados.

Tabela 47. Habilidades Sociais Educativas dos genitores e habilidades sociais da Daiane avaliados através de relato oral.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO GENITOR	FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE-P): comunicação e negociação	Estabelece regras	01	-
	Fala/conversa	01	01
	Faz perguntas	01	01
	Pede mudanças de comportamento	01	01
Sub-Total		04	03
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressão de sentimento e enfrentamento	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	03	02
	Brinca	-	01
	Compra coisas que a criança quer ou gosta	-	01
Sub-Total		03	04
TOTAL (HSE-P)		07	07
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade e cooperação	Conversa com a mãe/pai	01	01
	Fala coisas engraçadas	01	01
	Faz perguntas	01	01
	Aceita hábitos da família (como ir à igreja)	-	01
	Oferece apoio	-	01
	Responde a perguntas	01	01
	Aceita opiniões dos adultos	-	01
	Ouve o que os adultos têm a dizer	-	01
Sub-Total		04	08
HS INFANTIL: Expressão de Sentimento e Enfrentamento	Aceita opiniões dos adultos	-	01
	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	01	05
	Brinca	03	-
	Demonstra contentamento	-	02
	E alegre	01	-
	Sorri	01	01
Retribui afeto recebido	02	-	
Sub-Total		08	09
TOTAL (HS)		12	17

Em relação às HSE os genitores de Daiane apresentaram a mesma frequência de comportamentos (f=07). A mãe apresentou comportamentos na categoria de “comunicação e negociação” (f=03) e na de “expressão de sentimento e enfrentamento (f=04). O pai também relatou comportamentos na categoria “comunicação e negociação” (f=04) e apenas um comportamento da categoria “expressando sentimento e enfrentamento” (f=03).

A mãe atribuiu mais comportamentos de HS à filha (f=17) do que o pai (f=12).

Alguns comportamentos de Daiane foram identificados por ambos os genitores: conversar com mãe/pai, falar coisas engraçadas, fazer perguntas, responder a perguntas, agradecer e sorrir.

Na Tabela 48 estão alocadas as respostas obtidas através do RE-HSE-P relacionadas às variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores. Na primeira coluna encontram-se as variáveis contextuais e, na segunda, um detalhamento dessas. Na terceira e quarta colunas encontram-se as frequências com que tais variáveis foram pontuadas.

Tabela 48. Variáveis contextuais contingentes aos comportamentos dos genitores, avaliadas através de relato oral.

VARIÁVEIS CONTEXTUAIS		FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Temas Diversos	Sobre alimentação	01	01
	Sobre como foi o dia	-	01
	Sobre saúde	-	01
	Sobre programas de TV	-	01
	Sobre limites – bagunça	01	-
Sub-Total		02	04
Em diversos momentos do dia	Em todas as situações	-	01
	Quando chega do trabalho	02	01
Sub-Total		02	02
Concepções de certo e errado	Explicar e ensinar o que é certo e o que é errado	01	01
Sub-Total		01	01
Problemas pessoais dos genitores	Quando os genitores chegam cansados e ou irritados	01	-
Sub-Total		01	00
Situações de Lazer	Na presença de TV	01	-
	No computador e internet	01	-
	Quando brincam	02	-
Sub-Total		04	00
Motivos para estabelecer limites	Porque há regras em tudo (sociedade)	01	-
Sub-Total		01	00
TOTAL		11	07

As variáveis contextuais não pontuadas no instrumento RE-HSE-P foram excluídas da tabela

A variedade de contextos da interação pai-criança (f=11) recebeu classificação

não clínica e a interação mãe-criança foi classificada como clínica (f=07). O pai apresentou uma quantidade maior de momentos de interação com sua filha. Segundo o relato do pai os momentos de maior interação com sua filha são nas situações de lazer (f=04). Para a mãe, ela conversa mais com a filha sobre temas diversos (f=04).

A análise do relato oral do pai e da mãe em relação a suas práticas negativas e aos problemas de comportamentos da Daiane é apresentada na Tabela 49. Na primeira coluna, encontram-se as categorias molares dos genitores: “práticas educativas negativas não habilidosas ativas e ou passivas” e da criança “problemas de comportamento externalizantes e internalizantes”. Na segunda coluna encontra-se a listagem dos comportamentos e, nas seguintes, as frequências com que foram relatados.

Tabela 49. Práticas educativas negativas dos genitores e problemas de comportamento da Daiane avaliados através de relato oral.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO GENITOR	FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Prática educativa negativa: não habilidosa ativa	Ameaça (retirar privilégios, bater)	-	01
	Ameaça (verbal e ou não verbal)	-	01
	Grita, briga, fica bravo, xinga	02	02
	Dá sermão, bronca, de forma autoritária	01	02
	Coloca de castigo	-	01
	Bate	02	01
	Sub-Total	05	08
Prática educativa negativa: não habilidosa passiva	Não faz nada	01	-
	Sub-Total	01	00
TOTAL (práticas educativas negativas)		06	08
CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	PAI	MÃE
Problema de Comportamento: Externalizante	Desobedece a ordens e/ou regras dadas	01	01
	É teimoso/insistente	01	01
	Emburra	01	02
	Faz birras	01	01
	Reclama	01	-
	Responde para os mais velhos	01	03
	Sub-Total	06	08
Problema de Comportamento: Internalizante	Chora	01	01
	Fica triste	-	01
	Fica quieta	-	01
	Sente dores (cabeça e ou estômago)	01	01
	Sub-Total	02	04
TOTAL (problemas de comportamento)		08	12

A mãe relatou utilizar seis práticas negativas (não habilidosas ativas): ameaçar (retirar privilégios ou bater); ameaçar (verbal ou não verbal); gritar, brigar, ficar brava ou xingar; dar sermão ou bronca de forma autoritária; colocar de castigo e bater. O pai também relatou o uso de três práticas negativas (não habilidosas ativas) que foram: gritar, brigar, ficar bravo ou xingar; dar sermão ou bronca de forma autoritária e bater e uma prática negativa (não habilidosa passiva) que foi “não fazer nada” .

A mãe identificou nove problemas de comportamento em sua filha, destes, cinco foram externalizantes (f= 08): desobedecer a ordens e ou regras dadas; ser teimosa ou insistente; emburrar; fazer birras e responder para os mais velhos; e quatro internalizantes (f= 04): chorar, ficar triste, ficar quieta e sentir dores de cabeça e ou estômago. Por outro lado, o pai atribuiu à filha oito problemas de comportamento, todos os externalizantes descritos pela mãe e mais o comportamento de reclamar que não foi relatado. Quanto aos problemas de comportamento internalizantes, o pai concordou com a mãe em relação a chorar e sentir dores cabeça e ou estômago. A análise das HSE dos genitores e das HS infantis na situação de observação entre pai-criança e mãe-criança, através da brincadeira, é apresentada na Tabela 50. Na primeira coluna encontram-se as categorias molares, seguida dos possíveis comportamentos dos envolvidos. A seguir, apresentam-se as frequências dos comportamentos observados.

Tabela 50. Habilidades Sociais educativas e habilidades sociais infantis nas díades pai-Daiane e mãe-Daiane em situação de observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DOS GENITORES	FREQUÊNCIA	
		PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Comunicação e negociação	Diz “não” com explicação	02	-
	Elogia	03	-
	Dá explicação sobre o comportamento	01	-
	Estabelece regras	02	-
	Fala/conversa	27	07
	Faz perguntas	03	-
	Oferece outras sugestões	02	-
	Pede mudança de comportamento	03	-
Sub-Total		43	07
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressão de sentimento e enfrentamento	Brinca oralmente	07	-
	Incentiva	04	-
	Olha para a criança	08	03
	Sorri, fica contente	29	05
Sub-Total		48	08
TOTAL (HSE-P)		91	15

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	FREQUÊNCIA	
		DAIANE	DAIANE
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade social e cooperação	Atende a pedidos	01	-
	Conversa com a mãe/pai	16	12
	Fala coisas engraçadas	01	01
	Faz perguntas	02	01
	Obedece a ordens dadas	03	06
	Responde as perguntas	03	03
Sub-Total		26	23
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de sentimento e enfrentamento	Brinca oralmente	19	11
	Sorri	27	11
	Olha para o pai/mãe	15	05
	Tira dúvidas	-	01
Sub-Total		61	28
TOTAL (HS)		87	51

Os comportamentos não pontuados no protocolo de observação foram extraídos da tabela.

Em relação à frequência de comportamentos observados é possível verificar, na interação pai-criança, uma maior quantidade de comportamentos relacionados às categorias de HSE de “comunicação e negociação” (pai f=42 e filha f=26) e de “expressão de

sentimento e enfrentamento” (pai f=48 e filha f=61) do que na díade mãe-criança (mãe f=07 e filha f=23; mãe f=08 e filha f=28).

Na situação de observação entre pai-criança e mãe-criança, através da brincadeira, não foi verificado o uso de práticas educativas negativas. Analisando os comportamentos do pai e da criança verificou-se que alguns comportamentos dos genitores pareceram gerar respostas por parte da criança: o pai fez três perguntas e Daiane respondeu três vezes; o pai solicitou mudança de comportamento três vezes e a filha obedeceu a ordens dadas por três vezes. Por outro lado há outros comportamentos que também apresentaram uma frequência próxima: sorrir (pai f=29 e filha f=27). Já na interação mãe-criança há uma maior dificuldade em identificar essa complementaridade, um exemplo seria o de olhar (mãe f=03 e filha f=05).

Descrição dos dados coletados no relato oral e na situação de observação

Na Tabela 51 encontra-se a junção dos dados das HSE dos genitores obtidas através dos relatos orais e nas observações das interações de brincadeira da família da Daiane.

Tabela 51. Habilidades Sociais Educativas dos genitores avaliadas através de relato oral dos genitores e da situação de observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DO GENITOR	Relato Oral		Situação de observação	
		PAI	MÃE	PAI	MÃE
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Comunicação e negociação	Dá explicações sobre as conseqüências do Comportamento			X	
	Diz “não” com explicação			X	
	Estabelece regras	X		X	
	Elogia			X	
	Fala/conversa	X	X	X	X
	Faz perguntas	X	X	X	
	Oferece outras sugestões			X	
	Pede mudança de comportamento	X	X	X	
	Sub-Total	04	03	08	01
Habilidade Social Educativa (HSE-P): Expressão de sentimento e	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	X	X		
	Brinca (oralmente)		X	X	
	Incentiva			X	
	Compra coisas que a criança quer		X		

enfrentamento	Olha para a criança			X	X
	Sorri, fica contente			X	X
	Sub-Total	02	03	04	02
	TOTAL (HSE-P)	06	06	12	03

Em relação às HSE do pai (HSE-P) observou-se que tanto na categoria de “comunicação e negociação” quanto na de “expressão de sentimento e enfrentamento” o número de comportamentos pontuados no relato oral foi a metade do que na situação de observação. O inverso ocorreu na interação mãe-filha, pois a quantidade de comportamentos observados ($f=03$) foi metade do que a relatada ($f=6$).

Em relação ao pai, constatou-se a emergência de comportamentos diferentes na situação de observação, sendo eles: dar explicações sobre as consequências do comportamento; dizer “não” com explicação; elogiar; oferecer outras sugestões; brincar oralmente; incentivar; incentivar; olhar para a criança e sorrir/ficar contente. O único comportamento que foi comum tanto no relato oral quanto na observação para ambos os genitores foi o de falar/conversar. Na situação de brincadeira entre mãe-filha também apareceram os comportamentos de olhar para a criança e sorrir ou ficar contente, que não haviam sido relatados na entrevista.

A Tabela 52 apresenta as HS da criança analisadas nos relatos dos genitores e nas situações de observação da interação em situação de brincadeira da família da Daiane.

Tabela 52. Habilidades Sociais infantis da Daiane, avaliadas através de relato oral e das situações de observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	Relato Oral		Situação de observação	
		PAI	MÃE	Com o PAI	Com a MÃE
Habilidade Social Infantil (HS): Disponibilidade e cooperação	Atende a pedidos			X	
	Conversa com a mãe/pai	X	X	X	X
	Fala coisas engraçadas	X	X	X	X
	Faz perguntas	X	X	X	X
	Aceita hábitos da família (como ir à igreja)		X		
	Obedece a ordens dadas			X	X
	Oferece apoio		X		
	Responde as perguntas	X	X	X	X
	Ouve o que os adultos têm a dizer		X		
	Sub-Total	04	07	06	05
Habilidade Social Infantil (HS): Expressão de Sentimento e Enfrentamento	Aceita opiniões dos adultos		X		
	Agrada (abraça, beija, faz carinhos)	X	X		
	Brinca (oralmente)	X		X	X
	Demonstra contentamento		X		
	É alegre	X			
	Retribui afeto recebido	X			
	Sorri	X	X	X	X
	Olha para o pai/mãe			X	X
Tira dúvidas				X	
	Sub-Total	05	04	03	04
	TOTAL (HS)	09	11	09	09

Quanto às HS de Daiane, algumas delas ocorreram nos relatos de ambos os genitores e nas situações de observação pai-criança e mãe-criança: falar/conversar com os genitores, falar coisas engraçadas, fazer e responder perguntas e sorrir. Constatou-se a presença de quatro comportamentos diferentes na situação de observação, sendo eles: atender pedidos; obedecer a ordens dadas, olhar para os genitores e tirar dúvidas.

Foi constatada a presença de práticas educativas negativas (não habilidosas ativas) apenas no relato oral dos genitores; na situação de brincadeira estruturada da criança com o pai e com a mãe essas não foram observadas.

A Tabela 53 apresenta os problemas de comportamentos da criança obtidos através dos relatos dos genitores e das situações de observação da interação em situação de brincadeira da família da Daiane.

Tabela 53. Problemas de comportamento da Daiane, avaliados através de relato oral dos genitores e da observação.

CATEGORIA	COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA	Relato Oral		Situação de observação	
		PAI	MÃE	PAI	MÃE
Problema de Comportamento: Externalizante	Desobedece a ordens e ou regras dadas	X	X		
	É teimosa e insistente	X	X		
	Faz birras	X	X		
	Emburra	X	X		
	Responde para os genitores (e mais velhos)	X			
	Reclama	X			
	Sub-Total	06	04	00	00
Problema de Comportamento: Internalizante	Chora	X	X		
	Fica triste		X		X
	Fica quieta		X		
	Sente dores (cabeça e estômago)	X	X		
	Sub-Total	02	04	00	01
	TOTAL	08	08	00	01

Em relação aos problemas de comportamento, no relato oral, os genitores relataram a presença de seis problemas de comportamento externalizantes e quatro internalizantes, no entanto, na situação de observação apenas o comportamento de ficar triste (internalizante) foi verificado na interação mãe-Daiane.

SÍNTESE DOS RESULTADOS

CRIANÇAS AVALIADAS COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Esta síntese está subdividida em oito seções. Na primeira relata-se a caracterização do sistema familiar de Caio e Daiane, na segunda, descrevem-se seus problemas de comportamento segundo seus genitores e professora, a partir de diferentes instrumentos, seguido do desempenho acadêmico. Na quarta seção descrevem-se as HS das crianças na família e na escola, seguida da descrição das HSE dos genitores e da professora. Na sexta seção descrevem-se as variáveis de contexto nas díades da família e da escola e, na sétima, as práticas educativas negativas nos dois ambientes. Para finalizar, analisa-se o total Positivo e Negativo dos comportamentos dos envolvidos, obtidos através do RE-HSE.

Caracterização do Sistema Familiar

As duas famílias eram nucleares, compostas por quatro e nove pessoas. Os genitores das crianças indicadas como clínicas em problemas de comportamento, pelas professoras e pelos genitores, possuíam apenas o ensino fundamental, incompleto (Caio) ou completo (Daiane). A **renda per capita** nessas famílias era de dezesseis (família do Caio) a cinquenta por cento de um salário mínimo. Todos os membros das famílias frequentavam, semanalmente, a igreja evangélica. A família do Caio, com sete filhos, vivia em uma residência com seis cômodos bem pequenos, em condições precárias: residência de madeira, alugada, provida de poucos móveis e poucos aparelhos domésticos e eletrônicos básicos.

Possuía infra-estrutura básica de água e esgoto. A família da Daiane morava em melhores condições: residência pequena de alvenaria, alugada, possuía infra-estrutura básica de água e esgoto e era provida de móveis e aparelhos domésticos e eletrônicos básicos. Nenhuma dessas famílias possuía condução própria.

A principal **atividade de lazer** realizada em casa pelas famílias era assistir TV ou DVD. Fora de casa, os membros das famílias costumavam visitar e conversar com parentes e amigos. **Levar a criança às atividades de lazer** era realizada pelos genitores; a família da Daiane algumas vezes recebia ajuda das avós ou tias e tios. O pai de Caio, algumas vezes, ia ao campinho próximo à residência da família empinar pipas ou jogar futebol com os filhos.

No período contrário à aula do Ensino Fundamental, Caio frequentava a Educação Compensatória na Rede Municipal e quando estava em casa, era cuidado pela mãe e irmãos mais velhos. Segundo o relato da mãe de Daiane, quando não estava na escola, Daiane ficava exclusivamente na própria residência da família e era cuidada pela mãe, avós e tias.

Nessas famílias, as tarefas de **alimentação/dar banho, ir dormir, ir à escola e ler/contar histórias** eram realizadas pelas próprias crianças, sendo monitoradas pelas mães. Apenas na família da Daiane essas tarefas às vezes eram compartilhadas com avós e tias. As tarefas de **limpeza da casa, lavar/passar roupa e cozinhar** eram realizadas principalmente pelas mães. Na família da Daiane, esporadicamente, essas tarefas eram realizadas em conjunto com a avó materna.

Segundo os relatos maternos, os principais **problemas de saúde** apresentados pelos membros familiares foram os respiratórios (pai Caio, mãe Daiane), gástricos (mãe Caio, Daiane e seus genitores) e alérgicos (Caio e seus irmãos, Daiane e sua mãe). Quanto aos **eventos comuns e importantes ocorridos nos últimos seis meses** nessas famílias destacou-se os conflitos e brigas entre os genitores. Na família do Caio ainda foi relatado: problemas financeiros, enfermidades, morte da avó paterna e o uso/abuso de álcool por parte do pai.

Em relação ao **apoio familiar**, apenas a mãe da Daiane podia contar em caso de necessidade com as avós e as tias. Apesar da grande quantidade de filhos, a família do Caio não recebia nenhum tipo de apoio familiar. Sobre a **rede de apoio extra-familiar** apenas a mãe da Daiane relatou contar, sempre que necessário, com o cuidado e apoio afetivo dos amigos.

Avaliação e descrição dos problemas de comportamento do Caio e Daiane

Na família

A mãe de Caio, ao responder o CBCL, o avaliou como **limítrofe** (f=18) e seu pai como **não clínico** (f= 08) em problemas de comportamento. Alguns comportamentos foram pontuados por ambos os genitores: exigir que prestem atenção nele, gostar de se exibir ou fazer palhaçadas e fazer birras ou ser esquentado e choramingar. Já no RE- HSE-P, quanto à qualidade da interação (perguntas gerais) e frequência dos comportamentos (perguntas específicas), tanto o pai quanto a mãe classificaram Caio como **clínico** em problemas de comportamento externalizantes e ou internalizantes. Foram relatados pelos genitores nove comportamentos, sendo 06 externalizantes (desobedecer a ordens e/ou regras dadas, emburrar, ser teimoso/insistente, emburrar, fazer birras, brigar e xingar) e 03 internalizantes (chorar, ficar triste) e, além destes, o pai relatou o reclamar e a mãe o ficar quieto.

Em relação à **Daiane**, no CBCL, seus genitores a avaliaram como **clínica** (mãe f=40 e pai f=41) em problemas de comportamento, sendo que vários comportamentos foram pontuados por ambos os genitores: comporta-se de maneira muito infantil para sua idade, discute muito, não termina as coisas que começou, não consegue concentra-se ou ficar muito tempo atenta, não consegue tirar certos pensamentos da cabeça (obsessões), agarra-se aos adultos ou é muito dependente, não consegue parar sentada, é irrequieta ou hiperativa, fica

confusa e desorientada, chora muito, sonha acordada ou perde-se em pensamentos, exige que prestem atenção nela, destrói suas próprias coisas, destrói coisas de sua família ou de outros, é desobediente em casa e na escola, não come bem, não se dá bem com outras crianças, sente ciúmes com facilidade, desrespeita as regras em casa, na escola e em outros lugares, acha ou reclama que ninguém gosta dela, sente-se sem valor ou inferior, machuca-se com frequência, tem tendência a sofrer acidentes, mete-se em muitas brigas, é impulsiva ou age sem pensar, é muito medrosa ou ansiosa, sente-se cansada demais sem motivo, tem problemas físicos sem causa desconhecida do ponto de vista médico, cutuca o nariz, os seus trabalhos escolares são fracos, é desastrada ou tem falta de coordenação, grita muito, mostra-se pouco à vontade ou facilmente envergonhada, fica facilmente emburrada, é muito acanhada ou tímida, é desatenta ou distrai-se facilmente e faz birras ou é esquentada. A partir de perguntas gerais - RE- HSE-P), a mãe a classificou como **clínica** para problemas de comportamento e o pai como **limítrofe**. Para as perguntas do instrumento RE-HSE-P que investigaram a frequência dos problemas de comportamento, o pai de Daiane a classificou como **clínica** e sua **mãe** como **limítrofe**. Seus genitores identificaram sete comportamentos problemáticos (desobedecer a ordens e/ou regras dadas, ser teimoso/insistente, emburrar, fazer birras, responder para os mais velhos, chorar, e sentir dores de cabeça ou estômago) e, além destes, a mãe também relatou o ficar triste e ficar quieta e o pai o reclamar. O pai de Daiane identificou 41 comportamentos problemáticos na filha e a mãe 40, também classificados como internalizantes e ou externalizantes. Os genitores identificaram seis comportamentos problemáticos seus filhos (desobedecer ordens e/ou regras dadas, emburrar, fazer birras, brigar, xingar, chorar, ficar triste). Muitos comportamentos de Daiane foram pontuados tanto na família como na escola.

Na situação de observação foi verificada apenas nas díades mães-crianças a presença de dois problemas de comportamento externalizantes: desobedecer a ordens e ou

regras dadas e reclamar (mãe-Caio); e de dois problemas de comportamento internalizantes: ficar triste e sair da situação (mãe-Daiane).

Na escola

No instrumento TRF, apesar da professora ter classificado Caio como **clínico** em relação ao **total de problemas** de comportamento (f= 50), ela o avaliou como **clínico** para problemas internalizantes e como **limítrofe** para os externalizantes. A professora o avaliou também, provavelmente, como **clínico** no RE-HSE-PR (perguntas gerais) e **limítrofe** quanto à frequência (perguntas específicas), tendo sido identificados comportamentos problemáticos (f=56) internalizantes (f= 35) e externalizantes (f=21).

A professora da Daiane no instrumento TRF identificou 54 comportamentos problemáticos no total, sendo classificada como **clínica** tanto para os internalizantes quanto externalizantes. No instrumento RE-HSE-PR, provavelmente a professora também a avaliou como **clínica** quanto à qualidade da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais) e **limítrofe** quanto à frequência (perguntas específicas). A professora de Daiane relatou a presença comportamentos problemáticos (f=39), internalizantes (f=23) e externalizantes (f=16).

Conforme o relato da professora, os problemas de comportamento apresentados na escola pelas duas crianças foram: (a) internalizantes (ficar quieto(a), choramingar, mostrar desinteresse, demonstra medo, não responde, abaixa a cabeça, é apático(a), chora; (b) externalizantes (briga, xinga e desobedece ou desrespeita as regras). É importante ressaltar que, no RE-HSE-PR apesar de Daiane apresentar uma variabilidade um pouco maior de comportamentos considerados problemáticos do que o Caio, a frequência com que o Caio os apresenta é superior (Caio f=56, Daiane f=39).

Desempenho acadêmico das crianças

Ao responder o TRF, a professora classificou tanto Caio quanto Daiane como **clínicos** em relação ao desempenho acadêmico. As crianças também foram classificadas como **clínicas** em relação à esforço nas tarefas, comportamento adequado, aprendizagem e grau de felicidade.

Descrição das habilidades sociais do Caio e Daiane

Na família

No instrumento RE-HSE-P quando se avaliou a qualidade da interação, ou seja, análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais, Caio e Daiane foram classificados como **não clínicos** em relação às suas HS por todos os genitores. Quanto às perguntas do instrumento que investigaram a frequência dos comportamentos (perguntas específicas) Daiane foi classificada como **clínica** por ambos genitores e Caio como **clínico** por seu pai e **não clínico** por sua mãe. A mãe de Caio relatou mais comportamentos (f=23) do que o pai (f=11) tanto na categoria “disponibilidade e cooperação” (mãe f=08 e pai f=03) quanto na de “expressão de sentimento e enfrentamento” (mãe f=15 e pai f=08). Foram relatados pela mãe do Caio a presença dos seguintes comportamentos habilidosos em seu filho:

A mãe de Daiane, embora tenha identificado um pouco mais de comportamentos habilidosos em sua filha (f=17) do que seu esposo (f=12), este indicou mais comportamentos na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” do que ela.

Na situação de brincadeira as crianças apresentaram uma variedade semelhante de comportamentos socialmente habilidosos (HS) com ambos os genitores. No entanto, verificou-se uma frequência maior de comportamentos quando estavam jogando com seus

pais, em ambas as categorias (pai-Caio f=60 e mãe-Caio f=55; pai-Daiane f=87 e mãe-Daiane=51). Em relação às duas crianças ocorreram mais comportamentos na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” do que na de “disponibilidade e cooperação”. Na situação de observação também emergiram comportamentos antes não relatados pelos genitores, sendo eles: dizer “não” com explicação, elogiar, oferecer outras sugestões, incentivar e olhar para a criança. Analisando os comportamentos de HSE e HS das crianças verificaram-se uma complementaridade/similaridade, uma vez que alguns comportamentos dos pais ou das mães pareceram gerar respostas por parte das crianças: como por exemplo: os genitores de Caio fizeram duas perguntas ao filho e este respondeu duas vezes a cada genitor; o pai de Daiane fez três perguntas e ela respondeu três vezes. Outros comportamentos apresentaram uma frequência próxima, como por exemplo: sorrir (pai f=16 e Caio f=10; mãe f=17 e Caio f=13; pai f=29 e Beatriz f=27) e olhar para os genitores (pai f=12 e Caio f=14; mãe f=12 e Caio f=13; mãe f= 03 e Daiane f=05).

Na escola

Em relação às HS, quanto à qualidade da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais), a professora de Caio e Daiane, embora provavelmente os tenha classificado como **não clínicos**, identificou maior quantidade de comportamentos habilidosos em Daiane (f=19) do que em Caio (f=10), sendo que esses comportamentos foram distribuídos de forma quase semelhante em ambas as categorias. Em relação à frequência dos comportamentos, Caio provavelmente foi classificado pela professora como **limítrofe e** Daiane como **clínica**.

Descrição das Habilidades Sociais Educativas

Dos genitores

Quanto à qualidade da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais), em relação às HSE, o pai de Caio foi avaliado como **clínico** e apresentou três habilidades sociais (f=05): falar/conversar, pedir mudança de comportamento e comprar coisas que o filho quer ou gosta. Sua mãe foi avaliada como **limítrofe**, porque a frequência com que ocorreram as HSE foi um pouco maior (f=08), embora tenha apresentado cinco habilidades. Em relação à frequência dos comportamentos (perguntas específicas), obteve-se uma classificação **clínica** para as HSE dos genitores de Caio. Os comportamentos apresentados pela mãe foram: dizer “não” com explicação, falar/conversar, agradecer, brincar oralmente, sorrir. Quanto às HSE, tanto quanto à qualidade da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais) como em frequência dos comportamentos (perguntas específicas), os genitores de **Daiane** foram avaliados como **clínicos**, apresentando de cinco a seis habilidades cada um, sendo que as em comum foram: falar/conversar, fazer perguntas, pedir mudanças de comportamento e agradecer o filho.

Na observação da situação de brincadeira nas díades pai-Caio e mãe-Caio foi possível verificar que, no geral, o pai de Caio apresentou mais comportamentos de HSE (f=66) do que sua esposa (f=59) sendo que o mesmo foi observado em relação aos pais de Daiane (pai=91; mãe=15). Desta forma, podemos concluir que os pais dessas crianças apresentaram-se mais habilidosos do que as mães com uma ênfase maior na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento”. É importante destacar que a mãe de Daiane apresentou uma frequência de respostas bem inferior às demais (mãe-Daiane f=15 e pai-Daiane f=91; mãe-Caio f=59 e pai-Caio f=66). De uma forma geral, observou-se uma frequência maior de comportamentos obtidos na situação de brincadeira entre genitores e

filhos (genitores de Caio: pai f=66 e mãe f=59; genitores de Daiane: pai f= 91 e mãe f=15) quando comparados aos comportamentos apresentados no relato oral (genitores de Caio: pai f=05 e mãe f=08; genitores de Daiane: pai e mãe f=07). Constatou-se a emergência de comportamentos diferentes nas situações de observação das interações mães-crianças e pais-crianças, sendo eles: dar explicações sobre as consequências do comportamento, estabelecer regras, fazer perguntas, incentivar, olhar para a criança e sorrir/ficar contente. No entanto, mais uma vez é importante destacar que a mãe de Daiane apresentou menos comportamentos socialmente habilidosos na situação de observação do que no relato oral.

Da professora

Foram encontrados indicativos de que a professora apresentou mais HSE em relação às duas crianças (Caio f=29, Daiane f=42) do que seus genitores, obtendo provavelmente classificação **não clínica**. Ela também apresentou maior quantidade de comportamentos habilidosos na categoria “comunicação e negociação” para ambas as crianças (Caio f=19, Daiane f=27) do que na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” (Caio f=10 e Daiane f=15).

Descrição das variáveis de contexto nas díades genitores-filhos e professora-alunos

Na família

Em relação à qualidade da interação (perguntas gerais), a variedade de contextos das interações dos genitores do Caio e pai da Daiane, obteve classificação **não clínica**, uma vez que apresentou escores positivos. Quanto à frequência dos comportamentos (perguntas

específicas) em relação à variedade de contextos, ambos os genitores de Caio foram considerados **não clínicos**, o pai de Daiane, **limítrofe**, e a mãe **clínica**. Os genitores de Caio apresentaram sete contextos diferentes, sendo que ambos citaram: temas diversos, em diversos momentos do dia, concepções de certo e errado, situações de lazer e motivos para estabelecer limites. Destaca-se que o pai do Caio enfatizou a importância do contexto relacionamento sexual e doenças sexualmente transmissíveis. Em relação à Daiane, o pai enfatizou seis contextos (temas diversos, em diversos momentos do dia, explicar o que é certo e errado, problemas pessoais dos genitores, situações de lazer e motivos para estabelecer limites) e a mãe apenas os três primeiros, sendo classificada, portanto, como **clínica**.

Na escola

A professora das crianças, quanto à qualidade da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais) provavelmente foi classificada como **não clínica** em variedade de contextos; apresentou sete situações de interações com as crianças, sendo estas: concepção de certo e errado, situações acadêmicas, situações de lazer, situações diversas, temas acadêmicos, temas diversos e motivos para estabelecer limites. No entanto, quanto às perguntas que investigaram a frequência (perguntas específicas) com que se apresentavam os diferentes contextos, a professora foi classificada como **clínica** na sua interação com Caio e **limítrofe** com Daiane. No caso das duas crianças, as situações acadêmicas foram as mais pontuadas (Caio f=17, Daiane f=13). Para Caio seguiram-se os temas diversos (f=11) e, para Daiane, os temas acadêmicos (f=11).

Descrição das Práticas Educativas Negativas

Dos genitores

No RE-HSE-P, em relação à qualidade da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais), os genitores de Caio e a mãe de Daiane foram considerados **clínicos** quanto ao uso de Práticas Educativas Negativas; apenas o pai de Daiane foi classificado como **limítrofe**, ou seja, todos os genitores fazem um considerável uso delas nas interações com seus filhos. Em termos de frequência, em relação ao uso de práticas educativas negativas, todos os genitores foram classificados como **não clínicos**. Os genitores de Caio ameaçam o filho, gritam/brigam/ficam bravo/xingam dão sermão/bronca de forma autoritária, e a mãe também bate. Os genitores de Daiane gritam/brigam/ficam bravo/xingam, dão sermão/bronca de forma autoritária, batem e a mãe também ameaça de forma verbal ou não verbal (retirar privilégios ou bater) e coloca de castigo. O pai da Daiane também utiliza uma prática negativa (não habilidosa passiva): não fazer nada. Foi constatada a presença de práticas educativas negativas (não habilidosas ativas) apenas no relato oral dos genitores; na situação de brincadeira estruturada das crianças com seus genitores essas não foram observadas.

Da professora

Em relação às perguntas do instrumento RE-HSE-PR que investigam a qualidade da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais), a professora foi avaliada como **clínica** em práticas negativas com o Caio e **não clínica** com a Daiane. Em relação à **frequência** (perguntas específicas) obteve-se uma classificação, provavelmente, **não clínica** para a professora na interação com ambas as crianças. Com o Caio (f=08) ela fica brava, grita, chama atenção, manda para a sala da coordenação/direção e coloca de castigo.

Com Daiane (f=05) ela fica brava, dá bronca, chama a atenção, fica irritada e coloca de castigo.

Avaliação do Total Positivo e Negativo

Foi possível ainda verificar pelos instrumentos RE-HSE-P e RE-HSE-PR o Total Positivo e o Negativo dos comportamentos de todos os envolvidos. O Total Positivo foi computado somando-se os escores de habilidades sociais educativas (HSE-P ou HSE-PR), o contexto e as habilidades sociais infantis; o Total Negativo foi obtido pela soma dos escores de práticas educativas negativas e problemas de comportamento da criança. Quanto à **qualidade** da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais), os genitores e a professora obtiveram resultados semelhantes no Total Positivo e Negativo: foi encontrada classificação **não clínica** no **Total Positivo** e **clínica** no **Total Negativo** para todos os envolvidos.

Em relação às perguntas do instrumento RE-HSE que investigaram a **frequência** (análise a partir de perguntas específicas), no **Total Positivo**, os genitores e a professora de Caio obtiveram classificação **não clínica**, já em relação aos genitores de Daiane a avaliação foi **clínica** e para a professora **não clínica**. No **Total Negativo**, todos os cuidadores foram classificados como **clínicos** em relação ao Caio e, para a Daiane, o pai foi avaliado como **clínico**, a mãe como **limítrofe** e a professora como **não clínica**.

DISCUSSÃO

Com o apoio da literatura, na primeira parte deste capítulo discute-se a respeito do sistema familiar das quatro famílias participantes e, na segunda, descreve-se a respeito do repertório comportamental, ou seja, a presença ou não de problemas de comportamento, desempenho acadêmico e habilidades sociais das crianças na família e na escola, segundo seus genitores e professora, a partir de diferentes tipos de avaliações. Na terceira seção descreve-se as habilidades sociais educativas e práticas negativas dos genitores e professoras. Para finalizar, discute-se o total Positivo e Negativo dos comportamentos de todos os envolvidos. Durante toda a discussão, procurou-se fazer a inter-relação entre os dados discutidos anteriormente.

O sistema familiar

As quatro crianças participantes tinham entre seis e oito anos de idade na época da coleta de dados e cursavam a 1ª ou 2ª série do ensino fundamental de uma escola municipal. Elas viviam com seus genitores e irmãos (de um a seis). Seus pais tinham idades entre 29 e 35 anos e as mães entre 29 e 38 anos; todos legalmente casados. Os genitores das crianças avaliadas tinham o ensino fundamental completo ou incompleto, com exceção de uma mãe que tinha o ensino médio completo. Vários autores comprovaram que (BARNETT, 1997; FOX; BENSON, 2003; GURALNICK, 1998; HILL *et al.*, 2004 entre outros) comprovaram que pais com menor nível de escolaridade apresentam menor envolvimento nas atividades

acadêmicas dos filhos como contato com professores, participação em reuniões escolares, auxílio nas tarefas e acompanhamento do progresso escolar do filho.

As famílias das crianças caracterizadas como sem problemas de comportamento, participantes desse estudo, possuíam renda familiar equivalentes as classes B2 (cerca de 2,5 a 4 salários mínimos) e as julgadas com problemas de comportamento apresentaram rendas classificadas como C1 e C2 (cerca de 1,5 a 2,0 salários mínimos), de acordo com os critérios médios de renda familiar definidos pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP. A variável renda familiar apresentou forte relação com a classificação "clínica" na escala total de problemas de comportamento, segundo Borsa e Bandeira (2011), principalmente em famílias com renda menor que dois salários mínimos. Outros autores também constataram uma relação significativa entre o nível socioeconômico e a ocorrência de problemas de comportamentos em crianças brasileiras (ANSELMINI et al., 2004; BANDEIRA et al., 2006).

Todos os genitores exerciam atividades remuneradas fora de casa, apenas a mãe do André trabalhava em casa (sem remuneração). As famílias do André, Beatriz e Caio moravam em condições satisfatórias: infra-estrutura básica de água e esgoto, móveis e aparelhos domésticos e eletrônicos básicos. As famílias das crianças avaliadas sem problemas possuíam carro e/ou moto. Apenas na família do Caio foram observadas condições muito precárias de moradia; a casa não possuía, por exemplo, uma única mesa para as refeições, era muito pequena e abrigava nove pessoas. Habitar casa pequena para o número de moradores é descrita como um fator de risco por comprometer o bem estar da família (BROWNE, 2001; RUTTER, 1987; RUTTER; SROUFE, 2000; GALLO; VELTMAN;; WILLIAMS, 2008).

Os membros das quatro famílias frequentavam semanalmente a igreja. As crenças religiosas podem ser consideradas fator de proteção, independentemente da religião, pois,

oferecem à criança a convicção de que sua vida possui um sentido e um senso de enraizamento e de coerência (WERNER, 1998).

As tarefas domésticas de limpar a casa, lavar/passar roupa e cozinhar eram realizadas principalmente pelas mães. Em três das famílias, os pais dividiam a tarefa de comprar alimentos com suas esposas. As tarefas de alimentação/dar banho, ir dormir, ir à escola e ler/contar histórias eram realizadas pelas próprias crianças, sendo monitoradas principalmente pelas mães. Algumas vezes os pais contribuíam com alguma atividade relacionada ao cuidado do filho/a. Em nossa sociedade, os cuidados infantis ainda são atribuídos à mulher (RIDENTI, 1998; ROCHA-COUTINHO, 2003), sendo ainda incipiente a participação masculina em atividades familiares domésticas.

Levar a criança às atividades de lazer era realizado por ambos os genitores, as famílias do André, Beatriz e Daiane algumas vezes recebiam ajuda dos avós ou tios. Na família do André, ocasionalmente, os vizinhos também passeavam com a criança. As famílias de crianças avaliadas sem problemas de comportamento tinham mais atividades de lazer em casa do que as de crianças com problemas: assistir TV e DVD, utilizar computador e ouvir música. A família da Daiane costumava assistir TV e DVD e a do Caio apenas TV. Fora de casa, os membros das famílias costumavam visitar e conversar com parentes e amigos. As famílias costumavam passear no lago artificial da cidade, com exceção da do Caio. No entanto, o pai dele às vezes jogava futebol ou empinava pipa com os filhos, no campinho perto de sua casa.

Segundo os relatos maternos, os principais **problemas de saúde** apresentados pelos membros da família nuclear foram os respiratórios (mãe da Daiane; pai, mãe do Caio), gástricos (Daiane, pai e mãe; mãe do Caio e mãe da Beatriz) e alérgicos (Daiane e mãe; Caio e irmãos; Beatriz). Ackerman et al. (1999) destacam que famílias de crianças com problemas de comportamentos tendem a apresentar maior número de doenças em função de condições de

vida adversas. Nesta pesquisa, parece que as famílias de Caio e Daiane realmente citaram mais problemas na família nuclear do que as famílias de Beatriz e André. Quanto aos **eventos importantes ocorridos nos últimos seis meses** destacaram-se os conflitos/brigas entre os genitores em todas as famílias. Ackerman et al. (1999) também destacam maior índice de problemas nas relações parentais e mais indicadores de instabilidade familiar em famílias com problemas com crianças com problemas de comportamento. Nesta pesquisa, os conflitos foram citados em todas as famílias, apesar da intensidade não ter sido avaliada neste trabalho.

Outro evento importante ocorrido nos últimos seis meses relatado por todas as mães, com exceção da de Daiane, é o uso/abuso de álcool pelos pais das crianças. Este é outro fator de risco a ser considerado e que parece ter ligação com maior índice de problema de comportamento e desordens afetivas e rendimento escolar, segundo Hill *et al.* (1999). No entanto, Vitaro *et al.* (1996) encontraram também filhos de alcoolistas “sociais” sem problemas de comportamento e bom desempenho acadêmico. Este parece ser o caso de André e Beatriz.

Em relação ao **apoio familiar**, as pessoas com quem as mães podiam contar em caso de necessidade eram as avós e as tias das crianças, ou seja, figuras femininas. O principal apoio recebido dessas pessoas era o de cuidar das crianças e dar apoio afetivo, em caso de necessidade. Sobre a **rede de apoio extra-familiar** as mães relataram contar, sempre que necessário, com o apoio afetivo dos amigos. A mãe do Caio relatou, apesar do grande número de filhos, não contar com nenhum apoio familiar ou extra-familiar. Os suportes sociais recebidos e percebidos pelas pessoas são fundamentais para a manutenção da saúde física e mental e para o enfrentamento de situações estressantes (UCHINO; CACIOPPO; KIECOLT-GASER, 1996). Hashima e Amato (1994) encontraram uma relação significativa entre suporte social percebido e renda familiar, isto é, o suporte social diminui a probabilidade de ocorrência de comportamentos disfuncionais (punitivos e/ou não-apoiadores) em famílias de

diferentes níveis sócio-econômicos, sendo particularmente benéfico para genitores provenientes de classes sociais menos favorecidas.

Repertório comportamental das crianças na família e na escola

Em relação às crianças avaliadas pela professora como não apresentando problemas de comportamento através do TRF, André e Beatriz, seus genitores, ao responderem o CBCL, também os classificaram como **não clínicos** para problemas de comportamento. Apesar desta boa classificação, foram identificados alguns problemas de comportamento nas crianças. As mães pontuaram mais comportamentos nos filhos do que os pais e ambos o fizeram mais do que as professoras. Este resultado vai de encontro ao de vários estudos, em que as mães foram mais severas ao avaliarem seus filhos sem problemas de comportamento do que as professoras (BOLSONI-SILVA et al., 2006; GAGNON; VITARO; TREMBLAY, 1992; SATAKE et al., 2003; TOULIATOS; LINDHOLM, 1981). Além do mais, há indícios de que crianças socialmente habilidosas discriminam os ambientes do lar e da escola, sendo mais contidas e cooperativas no contexto escolar (ACHENBACH et al., 1987). Nas duas famílias, alguns comportamentos foram percebidos nos filhos por ambos os genitores, o que indica uma concordância na maneira como os genitores percebem seus filhos. No RE-HSE, André e Beatriz também foram avaliados como **não clínicos**, tanto em relação à qualidade quanto à frequência. Apenas a mãe de Beatriz a classificou como limítrofe em relação à frequência.

Já em relação às crianças avaliadas como apresentando problemas de comportamento pela professora, Daiane foi avaliada como **clínica** para problemas de comportamento externalizantes e internalizantes, por todos os avaliadores, no CBCL e TRF. No instrumento TRF, apesar de a professora ter classificado Caio como **clínico** em relação ao total de problemas de comportamento, ela o avaliou como **clínico** para problemas

internalizantes e como **limítrofe** para os externalizantes. A mãe de Caio, ao responder o CBCL, o avaliou como **limítrofe** e seu pai como **não clínico** em problemas de comportamento. A professora identificou mais comportamentos problemáticos nas crianças, no entanto, a mãe do Caio ficou em segundo lugar em termos de frequência, seguido de seu esposo e, no caso de Daiane, ocorreu o contrário. Esse dado é explicado por Bolsoni-Silva e Marturano (2006), que contradiz o pressuposto de que crianças com problemas de comportamento apresentam comportamentos problemáticos indiscriminadamente, tanto em casa como na escola, uma vez que a comparação entre avaliações de mães e professoras sugere que essas crianças exibem menos comportamentos problemáticos em casa. Segundo Bolsoni-Silva *et al.* (2006), as crianças consideradas, tanto pelas professoras como pelas mães, com problemas de comportamento, parecem ter dificuldade para enfrentar situações interpessoais na escola, apresentam menos habilidades para expressar sentimentos, direitos e desejos. Sendo assim, essas crianças apresentariam mais dificuldades em lidar com os desafios interpessoais do ambiente escolar, mais complexo e exigente, do que o ambiente de suas casas e, como também tem dificuldade em controlar a expressão das emoções negativas geradas nesse cenário, elas tendem a externalizar essas emoções. Como consequência, seus problemas intensificam-se na escola, o que explica a avaliação aparentemente mais severa da professora em relação à das mães, nesses casos. Outra explicação para a avaliação mais severa das professoras seria que, embora acumulem experiência com um número elevado de crianças da mesma faixa etária, desenvolvendo alta capacidade para identificar comportamentos problemáticos na escola, a necessidade constante de lidar com um grupo grande de crianças poderia levá-las a ter pouca tolerância para comportamentos desviantes dos alunos (BONGERS; KOOT; ENDE; VERNULST, 2004; COLEY *et al.*, 2004; FERREIRA; MARTURANO, 2002; OLIVEIRA *et al.*, 2002).

É importante destacar também que, ao responder o instrumento CBCL, as mães de André, Beatriz e Caio pontuaram mais comportamentos negativos nos filhos do que os pais. Provavelmente isso se deve a maior proximidade entre mães e filhos em nossa sociedade (RIDENTI, 1998; ROCHA-COUTINHO, 2003). Os genitores de Daiane atribuíram uma quantidade similar de comportamentos para sua filha. Nessa família em particular o pai se destacou em relação ao papel que desempenha junto à filha, uma vez que demonstrou maior proximidade, mais diálogos, até mesmo porque sua esposa expressou muita apatia nas duas visitas realizadas na casa.

Quanto à qualidade da interação (RE-HSE), a mãe de Daiane a classificou como **clínica** para problemas de comportamento e o pai como **limítrofe**. Para as perguntas do RE-HSE-P que investigaram a frequência dos problemas de comportamento, o pai de Daiane a classificou como **clínica** e sua **mãe** como **limítrofe**. Nesse instrumento provavelmente a professora também a avaliou como **clínica** quanto à qualidade da interação (análise por itens de conteúdo a partir de perguntas gerais) e **limítrofe** quanto à frequência (perguntas específicas). A professora avaliou Caio provavelmente como **clínico** no RE-HSE-PR (perguntas gerais) e **limítrofe** quanto à frequência (perguntas específicas). Nesse instrumento, tanto o pai quanto a mãe classificaram Caio como **clínico** em problemas de comportamento.

Os genitores das crianças avaliadas relataram a presença de problemas de comportamento externalizantes e ou internalizantes nos seus filhos, nas entrevistas, no entanto, na situação de observação esses comportamentos quase não apareceram ou não foram emitidos. Verificou-se apenas a concordância entre o relato oral e a observação de um problema de comportamento externalizante: desobedecer a ordens ou regras dadas (ocorrido com André, em interação com seu pai), um problema de comportamento internalizante: ficar triste (ocorrido com Daiane, em interação com sua mãe) e o comportamento externalizante de desobedecer e reclamar (ocorrido com Caio, em interação com sua mãe). No entanto, é de se

esperar que em uma situação prazerosa, em que a criança tem a atenção exclusiva de seu genitor, há maior espaço para a ocorrência de outros comportamentos, como os socialmente habilidosos e, no caso dessas crianças, principalmente os de “expressão de sentimento e enfrentamento”, que inclui comportamentos como agradar, brincar, aceitar opinião dos adultos, respeitar, demonstrar contentamento, entre outros.

A partir do TRF, a professora avaliou o **desempenho acadêmico** das crianças julgadas sem problemas de comportamento como **não clínicas** e como **clínicas** as consideradas com problemas. Esse resultado corrobora com diversas pesquisas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003; D’ÁVILA-BACARJI; KAZDIN; WEIZ, 2004; MARINHO, 2003; MARTURANO; ELIAS, 2005; MARTURANO; LOUREIRO, 2003; MARTURANO; TOLLER; ELIAS, 2005; FERREIRA; MARTURANO, 2002; MEDEIROS; LOUREIRO, 2004; MEDEIROS; LOUREIRO; LINHARES; MARTURANO, 2000; NOVAK; PELÁEZ, 2003) que comprovaram a relação entre a ocorrência de comportamentos problemáticos e o desempenho acadêmico dos estudantes, ou seja, apontaram para uma tendência de as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentarem mais comportamentos problemáticos e menor grau de adaptação social, em relação às crianças sem dificuldades de aprendizagem.

Em relação às HS, as crianças com e sem problemas de comportamento foram avaliadas como apresentando um bom repertório (**não clínicos**) em relação à qualidade de interação por seus genitores e professoras, com exceção do pai do André que o avaliou como **clínico**, pois citou apenas dois comportamentos habilidosos do filho. O pai de André demonstrou um pobre conhecimento em termos de qualidade das HS de seu filho, muito diferente do repertório identificado por sua esposa e pela professora. Em relação à frequência, as crianças sem problemas de comportamento foram classificadas em HS como **clínicas** segundo os pais; **não clínica** (André) e **limítrofe** (Beatriz), segundo a mãe; e **clínica** (André) e **limítrofe** (Beatriz), segundo as professoras. Quanto às crianças com problemas de

comportamento, Daiane foi classificada como **clínica** pelos genitores e pela professora e Caio como **clínico** por seu pai, **não clínico** por sua mãe e **limítrofe** pela professora. Pode-se constatar que não houve uma distinção clara entre os dois grupos em relação às HS infantis, fenômeno destacado por Kanfer e Saslow (1976) a respeito da existência de reservas comportamentais nas habilidades sociais em crianças diagnosticadas com problemas de comportamento. Embora a predominância da classificação **não clínica** em relação à qualidade das HS para as quatro crianças, dependendo do tipo de avaliação realizada o diagnóstico se altera, indicando a complexidade dessa temática. Parece claro, no entanto, que, no geral, apesar de os pais e professoras conseguirem identificar as HS nas crianças, a frequência ainda é pequena e precisa ser estimulada. Há necessidade de programas interventivos tanto os especificamente voltados para os genitores quanto aos professores, com o objetivo de desenvolver suas HSE, visando à diminuição de comportamentos problemáticos nas crianças e a promoção de suas habilidades sociais (BANDEIRA; ROCHA; SOUZA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006; BOLSONI; MARTURANO, 2002). Infelizmente, intervenções com esses objetivos são praticamente inexistentes no Brasil, embora as experiências isoladas relatadas geralmente sejam muito positivas (BOLSONI-SILVA; BORELLI, 2012; BOLSONI-SILVA; BRANDÃO; STOQUE; PINOLA; 2008; BOLSONI-SILVA; VILLAS-BOAS; ROMERA; SILVEIRA, 2010).

As mães identificaram uma maior frequência de HS nos filhos do que os pais. A esse respeito, Pamplin e Del Prette (2006) apontaram que as mães apresentam melhores indicadores de comunicação e participação do que os pais e que estes indicadores estiveram correlacionados positivamente com os escores de HS dos filhos. Já a professora de Beatriz e a da Daiane identificaram uma maior variedade de comportamentos do que os genitores; a de André identificou menos HS do que a mãe dele, mas mais do que o pai e a do Caio identificou menos do que os genitores dele.

Na situação de observação ocorreu maior emissão de comportamentos habilidosos socialmente nas díades mãe-crianças sem problemas de comportamento e o contrário ocorreu nas díades de crianças com problemas de comportamento, havendo maior frequência de HS nas díades pais-crianças, mas deve-se ressaltar que se trata de uma amostra muito pequena. Em relação às quatro crianças ocorreram mais comportamentos na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento” do que na de “disponibilidades social e cooperação”, talvez em função da alegria de a criança em estar compartilhando aquela situação específica de brincadeira com os genitores, havendo alta incidência de comportamentos como sorrir, brincar oralmente e olhar para o pai ou a mãe. Na situação de observação também emergiram comportamentos antes não relatados por alguns genitores, sendo que eles variaram entre as crianças, como por exemplo: olhar para pai ou mãe, atender pedidos, mudar comportamentos conforme solicitado e reivindicar direitos.

Analisando os comportamentos socialmente habilidosos nas interações das brincadeiras nas díades genitores-filhos verificaram-se algumas relações. Há uma clara complementaridade/similaridade entre os comportamentos dos genitores e dos filhos, uma vez que muitos comportamentos dos genitores pareceram gerar respostas por parte dos filhos, tanto nas díades das crianças sem problemas de comportamento quanto nas com problemas de comportamento. Por outro lado, há outros comportamentos em que não se pode afirmar quem iniciou a interação, mas que também apresentam uma frequência próxima. Esses dados indicam a riqueza das interações estabelecidas

Habilidades sociais educativas e práticas negativas dos cuidadores

Quanto à qualidade da interação, o pai das quatro crianças apresentaram repertório **clínico** em HSE, nas duas categorias “comunicação e negociação” e “expressão de sentimento

e enfrentamento”. As práticas educativas positivas de “comunicação e expressão de sentimentos” foram associadas ao menor risco de problemas de comportamento infantis, sobretudo as que envolvem comunicação (MOTTA; FALCONE; CLARK; MANHÃES, 2006; SALVO; SILVARES; TONI, 2005). A mãe de André e a de Caio foram avaliadas como **limítrofe**, a de Beatriz foi considerada **não clínica** e a de Daiane como **clínica**. Embora Bolsoni-Silva e Marturano (2006) tenham encontrado que a qualidade de HSE foi mais frequente para os genitores de crianças consideradas habilidosas por seus professores, isso não foi observado nesta pesquisa. As mães das crianças avaliadas sem problemas de comportamento e a mãe do Caio apresentaram, em ambas as categorias de HSE, uma quantidade maior de comportamentos do que os pais (COSTA; TEIXEIRA; GOMES, 2000; TUDGE *et al.*, 2000).

As duas professoras das quatro crianças apresentaram HSE **não clínicas** em relação a cada uma delas. Já em relação à frequência, obteve-se uma classificação **clínica** para as HSE de todos os genitores e provavelmente **limítrofe** para a professora de André e **não clínica** para a de Beatriz, Caio e Daiane. Segundo Del Prette e Del Prette (1999) é importante que o professor apresente um bom repertório de HSE, ou seja, um conjunto de habilidades sociais utilizado na sua prática e relacionado à promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do aluno. As duas professoras apresentaram maior frequência de comportamentos na categoria “comunicação e negociação” do que na categoria “expressão de sentimento e enfrentamento”. A esse respeito Bolsoni-Silva e Marturano (2004) apontam que manter conversação é um mecanismo muito importante para desenvolver a habilidade de interação, sendo considerado um repertório inicial para o desenvolvimento de outras habilidades.

Em relação aos comportamentos observados nas situações de brincadeira, foi possível verificar, nas díades mães-crianças, uma maior frequência de comportamentos nas

categorias de HSE. Nas díades que envolveram as crianças com problemas de comportamento ocorreu o oposto, ou seja, foram os pais que apresentaram uma quantidade maior de HSE. É importante destacar que a mãe de Daiane, nesta situação, apresentou uma frequência de comportamentos bem inferior a de todos os outros genitores. Pode-se verificar também que, em todos os genitores, a frequência de comportamentos na categoria de “expressão de sentimento e enfrentamento” foi maior do que a de “comunicação e negociação”, parecendo também que os genitores encontraram prazer na atividade e, outra explicação alternativa é a possibilidade de que eles procuraram emitir comportamentos socialmente desejados em função de estarem sendo filmados (DESSEN; MURTA, 1997; KREPPNER, 2001). Nos casos de André e Caio, os comportamentos de HSE de ambos os genitores foram mais frequentes na situação de observação do que no relato oral. No caso de Beatriz, os comportamentos do pai também aumentaram, mas os da mãe permaneceram na mesma frequência. No caso de Daiane, a frequência de comportamentos do pai permaneceu a mesma nas duas situações e a da mãe diminuiu na situação de observação. Pode-se verificar que não houve indícios de diferenças em relação às frequências de comportamentos socialmente habilidosos educativos dos genitores, nas duas situações investigadas - relato oral e observação - para crianças com e sem problemas de comportamento. Constatou-se a emergência de comportamentos diferentes nas situações de observação quando comparadas aos relatos orais, como por exemplo: estabelecer regras, elogiar, dar explicações sobre as consequências do comportamento, estabelecer regras, incentivar, olhar para a criança. O método da observação em pesquisas mostra-se relevante especialmente para situações em que dificilmente alguns comportamentos poderiam ser apreendidos ou captados de outra maneira (DESSEN; MURTA, 1997; KREPPNER, 2001).

Em relação às HSE dos genitores observou-se uma maior variedade de comportamentos obtidos na situação de brincadeira do que no relato oral. Bolsoni-Silva et al.

(2011) destacam que a metodologia observacional pode suprir a dificuldade de os pais relatarem suas HSE, ou porque não têm habilidades suficientes para identificá-las ou porque seu comportamento pode ser influenciado pela desejabilidade social, aspecto que também pode ocorrer na situação de observação, embora minimizado ao se tomar alguns cuidados (KREPPNER, 2001). A categoria “comunicação e negociação” apresentou uma frequência um pouco maior de comportamentos do que a de “expressão de sentimento e enfrentamento” para os genitores de André, Beatriz e Caio e o pai de Daiane. É interessante destacar que em relação ao comportamento das crianças, ocorreu o contrário, talvez pelos papéis de genitores e filhos desempenhados. O mesmo só não ocorreu com a mãe de Daiane, que se mostrou apática na situação de brincadeira, emitindo poucos comportamentos.

Bolsoni-Silva e Loureiro (2011) chamam a atenção para a necessidade de se descrever as interações sociais estabelecidas entre pais e filhos, de forma a identificar em que contextos ou situações ocorrem os comportamentos dos pais que geram respostas nos filhos e vice-versa. A partir dessa necessidade, o RE-HSE também avaliou a variedade de contextos da interação dos genitores e que, no caso do André e do Caio, mãe da Beatriz e pai da Daiane foi muito significativa e, portanto, foi classificada como **não clínica**. Em contrapartida, o pai da Beatriz e a mãe da Daiane receberam classificação **clínica**, pois relataram poucos momentos e situações de interações com suas filhas. A variedade de contextos com escores positivos (não clínicos) pode contribuir positivamente para um bom repertório de HS das crianças. Bolsoni-Silva e Marturano (2004) destacaram, na relação entre pais e filhos, a importância de situações de conversas e de orientações sobre o que é certo e errado, visto que ouvir opiniões e sentimentos possibilita oferecer modelos de comportamento socialmente habilidosos para as crianças. Segundo Bolsoni-Silva e Marturano (2007), talvez esta seja uma diferença crucial entre famílias de crianças com e sem problemas de comportamento. Os efeitos de práticas negativas dos pais podem ser minimizados se estas não forem utilizadas

com frequência e se outras HSE estiverem presentes em diferentes situações, tais como expressão de sentimento, expressão de opiniões, reforço positivo e consistência nas práticas parentais expressão de sentimentos positivos, expressão de opiniões, manter conversação, fazer perguntas e serem emitidas em diversas interações sociais, como refeições, lazer (brinquedos, parques, televisão), reuniões familiares, entre outras. Desta forma, as HSE parecem funcionar como fatores de proteção contra o surgimento e manutenção de problemas de comportamento (ALVARENGA; PICCININI, 2001; BOLSONI-SILVA *et al*, 2003; BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2002). As crianças desta pesquisa apresentaram HS não clínicas e todas tiveram pelo menos um dos genitores apresentando uma variedade de contextos positiva. No entanto, é importante destacar que os genitores do André, Caio e Daiane apresentaram HSE clínicas, indicando um repertório inadequado. Como neste estudo são relatados apenas quatro casos, há necessidade de se ampliar a amostra para se compreender melhor esse aspecto. O que fica claro é que, embora três dessas crianças não tiveram modelos de comportamentos socialmente habilidosos em seus genitores, eles provavelmente aprenderam essas habilidades de outras pessoas, seja no próprio contexto familiar ou extra-familiar.

As **professoras** foram classificadas como **não-clínicas** em relação à qualidade de **contextos**, o que demonstra variedade de situações de interações tanto com as crianças avaliadas sem problemas de comportamento quanto com aquelas julgadas com problemas. Esses resultados divergem parcialmente do estudo de Mariano (2011) onde foi verificado que, no grupo de crianças sem problemas de comportamento as professoras interagiram em maior número de situações, em comparação com o clínico. No caso do presente estudo, uma das possíveis justificativas seria a possibilidade de a professora das crianças com problemas de comportamento apresentar, em diferentes situações ou contextos, um bom e consistente repertório de HSE com toda a classe. Verificou-se ainda que as variáveis contextuais mais

pontuadas pelas professoras foram: situações e temas acadêmicos. A variedade de contextos das interações professoras-crianças apresentou um escore maior se comparado aos dos genitores, o que pode contribuir para o surgimento, o aumento ou a manutenção de repertório de HS das crianças. As duas professoras deste estudo também apresentaram repertório positivo de HSE com todas as crianças, o que pode realmente ter servido como modelo de comportamento socialmente habilidoso para André, Beatriz, Caio e Daiane.

Em relação à utilização de **práticas educativas negativas**, todos os genitores relataram utilizá-las na educação de seus filhos, no entanto, a diversidade e a frequência com que as praticam variaram. Os genitores das crianças sem problemas de comportamento foram avaliados como **não clínicos**, tanto em relação à qualidade da interação quanto em relação à frequência, apesar de relatarem utilizar algumas práticas educativas negativas. Vários autores concluíram que as crianças sem problemas de comportamento são pouco punidas porque emitem, estatisticamente, menos comportamentos que os pais desaprovam e, como fator de proteção, elas possuem a comunicação e o afeto como práticas mais frequentes (BOLSONI-SILVA, 2003; BOLSONI-SILVA, DEL PRETTE; OISHI, 2003; BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2007; 2008; PATTERSON et al., 2002). Já os genitores das crianças que apresentam problemas de comportamento, apresentaram diferentes avaliações. Em relação à qualidade de conteúdo, os genitores de Caio e a mãe de Daiane foram avaliados como **clínicos** e o pai dela como **limítrofe**. Em termos de frequência todos os genitores foram avaliados como **não clínicos**. Alguns estudos encontraram resultados semelhantes, ou seja, apontaram que crianças indicadas como habilidosas socialmente também eram punidas pelos genitores, ainda que com menos frequência (ALVARENGA; BOLSONI-SILVA, 2003; BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE, 2002; BOLSONI-SILVA, DEL PRETTE; OISHI, 2003; BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2007, 2008; FERREIRA; MARTURANO, 2002; PATTERSON et al., 2002; PICCININI, 2001; SILVA, 2000). Os resultados também demonstraram que os

genitores das crianças indicadas com problemas de comportamento faziam maior uso das práticas negativas nas interações com seus filhos do que os pais das crianças julgadas sem problemas. Pais de crianças com problemas de comportamento valem-se mais de estratégias agressivas ou punitivas frente aos comportamentos problema dos filhos, ou seja, utilizam com mais frequência Práticas Educativas Negativas Não-Habilidosas Ativas, contribuindo, por sua vez, com o surgimento e com a manutenção dos mesmos (ALVARENGA; PICCININI, 2001; BOLSONI-SILVA, 2003; BOLSONI-SILVA, DEL PRETTE; OISHI, 2003; FERREIRA; MARTURANO, 2002; PATTERSON *et al.*, 2002; SILVA, 2000). Alguns pais relataram gritar ou brigar; ficar bravos ou xingar, ameaçar (retirar privilégios ou bater) e dar sermão ou bronca de forma autoritária. Outras práticas negativas também foram relatadas, embora com menos frequência como: bater (mãe de Caio e genitores de Daiane), ameaçar verbal ou não verbal e colocar de castigo (mãe de Daiane). O pai da Beatriz relatou ainda o uso de uma prática educativa negativa (não habilidosa passiva): “observar de longe” e o de Daiane “não fazer nada”.

Comparando as práticas educativas negativas (não habilidosas ativas) dos genitores das crianças nas duas situações avaliadas, constatou-se a presença das mesmas apenas no relato oral dos genitores. Isto pode ser justificado pelo fato de que este tipo de situação não propicia práticas negativas, que são usadas com mais frequência pelos genitores em outros contextos, quando o filho faz coisas erradas e desobedece, por exemplo.

As duas professoras foram avaliadas como **não clínicas** em relação à frequência de ocorrência de práticas negativas com todas as crianças. Isso também ocorreu em relação à qualidade da interação, com exceção da interação professora-Caio, que foi **clínica**. Esses dados demonstram que as professoras exercem práticas diferenciadas entre os alunos. Mariano (2011) encontrou que as professoras foram mais habilidosas com as crianças não clínicas (sem problemas de comportamento) e mais punitivas com as que apresentavam

problemas de comportamento, ou seja, exercem práticas diferenciadas entre os alunos sem e com problemas. O estudo apontou ainda que as práticas negativas e os comportamentos-problema foram mais frequentes no grupo clínico, embora as professoras possuíssem bons repertórios de HSE. Nesta pesquisa houve diferença no comportamento da professora em relação às duas crianças com problemas de comportamento: Caio e Daiane. Embora a professora tenha um bom repertório de HSE, ela utiliza mais práticas educativas negativas com o Caio. No TRF, Caio foi avaliado pela professora como apresentando problemas de comportamento internalizante (clínico), e limítrofe em externalizante. Já no RE-HSE-PR, a professora identificou uma maior frequência de comportamentos internalizantes do que externalizantes. Porém, há alguns comportamentos externalizantes que podem desestabilizar a professora, como brigar, xingar e desobedecer ou desrespeitar regras, que são os mais frequentemente emitidos por ele. Mariano (2011) destaca que as professoras parecem reforçar, sem querer, os comportamentos inadequados, mesmo que em suas práticas educativas apresentem comportamentos habilidosos, não havendo dessa forma, diminuição dos problemas de comportamento dos alunos. Esse parece ser o caso da relação professora-Caio. Moreira (2006) destaca que as práticas dos professores são essenciais para o sucesso ou fracasso escolar do aluno, que incluem as características pessoais do professor, a qualidade da interação professor aluno e sua atuação em sala de aula, incluindo a flexibilidade no manejo de atividades em sala de aula, atendendo a seus alunos de maneira diferenciada, em função de suas dificuldades.

Os genitores de Caio e Daiane também parecem agir de forma semelhante à professora do Caio, apresentando uma maior incidência de práticas negativas em relação à qualidade, com seus filhos, o que pode levar a não diminuição dos problemas de comportamento das crianças (BOLSONI-SILVA; PAIVA; BARBOSA, 2009).

Outra forma de análise dos dados é a qualidade da interação pai-criança, mãe-criança e professora-criança, obtida através do Total Positivo e Negativo (RE-HSE). No geral, a qualidade da interação entre todos os envolvidos é boa, considerada não clínica, avaliada através do Total Positivo, mas em termos de frequência, esse panorama se altera um pouco, principalmente em relação às díades André-genitores, Beatriz-genitores, Daiane-genitores e André-professora. Em relação ao Total Negativo, as interações dos adultos envolvidos com as crianças sem problemas de comportamentos foram avaliadas como não clínicas, tanto em termos de qualidade como de frequência. O mesmo não ocorreu nas díades que envolviam as crianças com problemas de comportamento. O Total negativo em termos de qualidade e frequência foi considerado clínico praticamente em todas as situações, tanto em qualidade como em frequência, com exceção da díade professora-Daiane (não clínica) e mãe-Daiane (limítrofe). Mais uma vez enfatiza-se a necessidade de programas interventivos que auxiliem famílias e escolas a atuarem como fatores de proteção para as crianças submetidas a riscos como situação socioeconômica adversa, baixo nível de escolaridade dos genitores, casa pequena em relação ao número de moradores, conflitos constantes entre genitores, uso/abuso de álcool, falta de rede de apoio familiar, problemas de saúde familiar decorrentes, entre outros. O fortalecimento das famílias (GOMES; PARREIRA, 2005; PETTENGILL; ANGELO, 2006), uma melhor formação dos professores para trabalhar com crianças que apresentam comportamentos problemáticos (BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE, 2003; LUIZZI; ROSE, 2010) e a melhora na relação escola-família (RIBEIRO; ANDRADE, 2006; SILVEIRA; WAGNER, 2009), com certeza vão atuar como fator de proteção, agindo como um escudo que favorece o desenvolvimento da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o presente trabalho, pode-se concluir que se trata de uma pesquisa que oferece contribuições positivas para a literatura relacionada à coleta de dados em dois ambientes de desenvolvimento infantil – família e escola – envolvendo diferentes agentes: crianças, mães, pais e professoras. É de extrema importância ressaltar a inclusão do pai nesse estudo, pois, o que se observa na literatura quando se trata da sua participação na coleta dos dados, é que esta é realizada quase que exclusivamente com as mães.

Os procedimentos de coleta e análise de dados foram coerentes e consistentes com os objetivos propostos que, aliás, foram alcançados. No entanto, mesmo apresentando, por meio de estudos de caso, informações relevantes em relação aos objetos de estudo, há limitações por não ser adequado tecer generalizações em virtude de a amostra pesquisada ter sido reduzida. Apesar disso, devido à complexidade do tema, esse trabalho traça diretrizes para que novos estudos sejam realizados com o objetivo de caracterizar as práticas educativas de genitores e professores e o repertório comportamental de crianças para que intervenções adequadas sejam realizadas.

Os resultados obtidos denotam a importância do uso combinado de instrumentos (questionários e entrevistas) e da observação para a detecção de indicadores comportamentais. Desta maneira, verificou-se neste estudo que os instrumentos TRF e CBCL permitiram, principalmente, avaliar e verificar a ocorrência ou não de comportamentos problemáticos e as entrevistas RE-HSE-P e RE-HSE-PR contribuíram para a obtenção de dados sobre vários

aspectos como a descrição das habilidades sociais educativas e práticas educativas negativas dos pais e professores, habilidades sociais e problemas de comportamento das crianças. Por outro lado, a observação constituiu-se em um fator de complementaridade dos dados obtidos no relato oral, propiciando a verificação de comportamentos não relatados nas entrevistas. Porém, foi possível apenas no máximo dois encontros com cada um dos participantes, o que se justifica devido à realidade científica brasileira - escassez de tempo e recursos financeiros. Em novos estudos de observação, sugere-se a inclusão de outros momentos de interação familiar, que talvez possibilitem o aparecimento de diferentes comportamentos, como problemas de comportamento infantil e práticas negativas. Outra sugestão são os estudos longitudinais, extremamente necessários e que possibilitam que a família seja acompanhada durante um período maior de tempo. No entanto, sabe-se da dificuldade de se realizar esses estudos em nossa realidade.

Novas pesquisas nesta área, bem como intervenções junto a genitores e professores, podem melhorar as interações sociais e contribuir para o avanço do conhecimento científico. A orientação aos cuidadores de crianças possibilita instrumentá-los com habilidades necessárias para lidar melhor com elas, o que pode proporcionar o aumento das habilidades sociais infantis e reduzir os problemas de comportamento, promovendo assim um melhor desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

ACHENBACH SYSTEM OF EMPIRICALLY BASED ASSESSMENT. **Manual for the assessment data manager program (ADM)**. Burlington, VT, 2006.

ACHENBACH, T.M. **Integrative guide for the 1991 CBCL/4-18, YSR, and TRF profiles**. Burlington, VT: University of Vermont Department of Psychiatry; 1991.

ACHENBACH, T.M.; EDELBROCK, C.S. The child behavior profile: II. Boys aged 12-16 and girls aged 6-11 and 12-16. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 47, n. 2, 1979, p. 223-233.

ACHENBACH, T. M., McCONAUGHY, S. H.; HOWELL, C. T. Child / adolescent behavioral and emotional problems: Implications of cross-informant correlations for situational specificity. **Psychological Bulletin**, v. 101, 1987, p. 213-232.

ACHENBACH, T. M.; RESCORLA, L. A. **Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles**. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth , & Families, 2001.

ALVARENGA, P.; PICCININI, C. Práticas Educativas Maternas e Problemas de Comportamento em pré-escolares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.14, n. 3, 2001, p. 449-460.

ALVES, P. B.; KOLLER, S. H.; SILVA, A. S., REPPOLD, C. T., SANTOS, C. L., BICHINHO, G. S., PRADE, L. T., SILVA, M. R.; TUDGE, J. A construção de uma metodologia observacional para o estudo de crianças em situação de rua: Criando um manual de codificação de atividades cotidianas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 2, 1999, p.289-310.

ALVES, Z. M. M. A pesquisa em psicologia – Análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. Em G. Romanelli & Z. M. M. Alves (Orgs.), **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998, p. 135-157.

ANDRADE, R. P.; COSTA, N. R. A.; ROSETTI-FERREIRA, M. C. Significações de paternidade adotiva: um estudo de caso. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, 2006, p. 241-252.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). Disponível em: www.abep.org, 2010. Dados com base no levantamento Sócio Econômico 2008 – IBOPE.

AVANCI, J. ASSIS, S.; OLIVEIRA, R.; PIRES, T. Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento depressivo. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Apr. 2009.

ATZABA-PORIA, N.; PIKE, A.; DEATER-DECKARD, K. D. Do risk factors for problem behavior act in a cumulative manner? An examination of ethnic minority and majority children through an ecological perspective. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, n. 45. v. 4, 2004, p. 707-718(2004).

BANDEIRA, M. et al. Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 199-208, maio/ago. 2006.

BASIC BEHAVIORAL SCIENCE TASK FORCE OF THE NATIONAL ADVISORY MENTAL HEALTH. Basic behavioral science research for mental health: Family processes and social networks. **American Psychologist**, n. 51, 1996, p. 622-630.

BECHER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC; 1994.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. **Família, socialização e desenvolvimento: as práticas de educação da criança**. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1995.

BICHARA, I.D. **Um estudo etológico da brincadeira de faz-de-conta em crianças de três a sete anos**. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

BOLSONI-SILVA, A. T. **Habilidades sociais educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares**. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

BOLSONI-SILVA, A. T.; DEL PRETTE, A. O que os pais falam sobre suas habilidades sociais e de seus filhos? **Revista Argumento**, v. 7, 2002, p. 71-86.

BOLSONI-SILVA, A.T.; DEL PRETTE, A.; OISHI, J. Habilidades sociais de pais e problemas de comportamento de filhos. **Revista Argumento**, v. 9, 2003, p. 11-29.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S.R. Validação do Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P). **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, abr. 2010.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S.R. Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 48, p. 61-71, jan.-abr. 2011

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R.; MARTURANO, E. M.; Problemas de comportamento e habilidades sociais infantis: modalidades de relatos. **Revista Psicologia**. Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 3, p. 354-361.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R.; MARTURANO, E. M. **Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P)**. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2011.
_____. **Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas para Professores - RE-HSE-PR** (Adaptado de Bolsoni-Silva; Loureiro; Marturano, 2011).

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de Psicologia**, n.7, 2002, p. 227-235.

BOLSONI-SILVA, A.T.; MARTURANO, E. M. Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: algumas relações. Em M. Z. S.Brandão (org.) **Sobre comportamento e cognição: entendendo a psicologia comportamental e cognitiva aos contextos da saúde, das organizações, das relações pais e filhos e das escolas**, Santo André: ARBytes, 2004, p. 251-260.

BOLSONI-SILVA, A. T., MARTURANO, E. M. **A qualidade da interação entre pais e filhos e sua relação com problemas de comportamento de pré-escolares In Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 89-104.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. A qualidade da interação positiva e da consistência parental na sua relação com problemas de comportamento de pré-escolares. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 41, 2007, p. 349-358.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: Comparando pais e mães de pré-escolares. **Aletheia**, v. 27, n. 1, 2008, p. 126-138.

BOLSONI-SILVA, A. T., MARTURANO, E. A.; LOUREIRO, S. R. Estudos de Confiabilidade e Validade do Questionário de Respostas Socialmente Habilidosas Versão para Pais - QRSH-PAIS. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n. 2, 2011, p. 1-9.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. ; MANFRINATO, J. W. S. Mães avaliam comportamentos socialmente “desejados” e “indesejados” de pré-escolares. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 2, 2005, p. 245-252.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. ; PEREIRA, V. A. P.; MANFRINATO, J. W. S. Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares: comparando avaliações de mães e de professoras. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 19, v. 3, 2006, p. 460-469.

BONGERS, I. L. ; KOOT, H. M. ; ENDE, J. V. D. ; VERHULST, F. C. et al. Developmental trajectories of externalizing behaviors in childhood and adolescence. **Child Development**, v. 75, n. 5, set. 2004, p. 1523-1537.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Concordância parental sobre problemas de comportamento infantil através do CBCL. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 18, n.40, 2008, p. 317-330.

BORSA, J. C.; SOUZA, D. S.; BANDEIRA, D. R. Prevalência dos problemas de comportamento em uma amostra de crianças do Rio Grande do Sul. **Psicologia Teoria e Prática**. São Paulo, n. 13, v. 2, ago. 2011.

BRANCO, C. M.; FERREIRA, Eleonora Arnaud Pereira. Descrição do atendimento de uma criança com déficit em habilidades sociais. **Revista Brasileira Terapia Comportamental Cognitiva**. São Paulo, v. 8, n. 1, jun. 2006.

BRIOSO, A.; SARRIÁ, E. Distúrbios de comportamento. Em C. Coll, J. Palacios & A. Marchesi (Orgs.), Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, v. BRUNER, J.S. (1986). Juego, pensamiento y lenguaje. **Perspectivas**, v. 16, n. 1, 1995, p. 79-86.

CABALLO, V. E. **Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento**. São Paulo: Livraria Santos Editora, 1996.

CAMPBELL, S. B. Behavior Problems in preschool children. A review of recent research. **Journal Child Psychology and Psychiatry**, v. 36, n. 1, 1995, p. 113-149.

CARBONNEAU, R.; TREMBLAY, R. E.; VITARO, F.; DOBKIN, P. L.; SAUCIER, J. F.; PIHL, R.O. Paternal alcoholism, paternal absence and the development of problem behaviors in boys from age six to twelve years. **J Stud Alcohol**, 1998; v. 59, p. 387-98.

CASTRO, A. B.; BOLSONI-SILVA, A. T. Habilidades sociais na educação: relação entre concepções e práticas docentes na educação infantil. In: Capellini, V. L. M. F. & Manzoni, R. M. (orgs.). **Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem: diferentes olhares sobre o processo educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008, p. 296-311.

CECCONELLO, A. M.; DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. especial, 2003, p. 45-54.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes; 2006, p.135.

CIA, F.; PAMPLIN, R., C., O.; DEL PRETTE, Z. A. P. Comunicação e participação pais-filhos: Correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v.16, 2006, p. 395-406.

COELHO, M. V.; MURTA, S. G. Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 3, Sept. 2007.

CONGER, R. D.; GE, X.; ELDER, G. H.; LORENZ, F. O.; SIMONS, R. L. Economic stress, coercive family process, and developmental problems of adolescents. **Child Development**, v. 65, 1994, p. 541-561.

CONTE, F. C. Promovendo a relação entre pais e filhos. In: M. Delitti (Org.), **Sobre comportamento e cognição**. Santo André: Arbytes, 1997, p. 165-173.

COSTA, F. T.; TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Responsividade e exigências: Duas escalas para avaliar estilos parentais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, 2000, p. 465-473.

COSTELLO, E. A. et al. Relationships between poverty and psychopathology. **American Medical Association**, v. 290, n. 15, p. 2023-2029, Oct. 2003.

D'AFFONSECA, S. M. **Prevenindo fracasso escolar: Comparando o autoconceito e desempenho acadêmico de filhos de mães que trabalham fora e donas de casa.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

D'AVILA-BACARJI, K. M. G.; MARTURANO, E. M.; ELIAS, L. C. S. Suporte parental: Um estudo sobre crianças com queixas escolares. **Psicologia em Estudo**, n. 10, v. 1, 2005, p. 110-115.

D'AVILA-BACARJI, K. M. G.; MARTURANO, E. M.; ELIAS, L. C. S. Recursos e adversidades no ambiente familiar de crianças com desempenho escolar pobre. **Paidéia-Cadernos de Psicologia e Educação**, v. 15, n. 30, 2005, p. 43-55.

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Aprendendo a observar.** São Paulo: Edicon, 2006.

DELFRATE, C. B.; SANTANA, A. P. O.; MASSI, G. A. A aquisição de linguagem na criança com Autismo: um estudo de caso. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 2, 2009, p. 321-331.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

DEL PRETTE; A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Aprendizagem sócio-emocional na infância e prevenção da violência: Questões conceituais e metodologia da intervenção. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE; Z. A. P. (orgs), **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção.** Campinas, SP: Alínea, 2003, p. 83-127.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais na infância. Teoria e prática.** Petrópolis: Vozes, 2005.

DEL PRETTE; A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Treinamento em Habilidades Sociais: o método vivencial e a participação do professor. In: BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Orgs.). **Estudos sobre Habilidades Sociais e Relações Interpessoais.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 143-159.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P.; TORRES, A.C.; PONTES, A. C. **Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores.** Trabalho apresentado no III Congresso Nacional de Psicologia Escolar. Rio de Janeiro, 1996.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades Sociais e educação: pesquisa e atuação em psicologia escolar e educacional. In: _____. (Org.). **Psicologia escolar e educacional**: saúde e qualidade de vida. Campinas, SP: Alínea, 2001, p. 113-141.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Editora Alínea. Campinas, 2002.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DEL PRETTE, Z. A. P.; FERNANDES PAIVA, M. L.M.; DEL PRETTE, A. Contribuições do referencial das habilidades sociais para uma abordagem sistêmica na compreensão do processo de ensino-aprendizagem. **Interações**, São Paulo, v. 10, n. 20, dez. 2005.

DESSEN, M. A. Questionário de caracterização do sistema familiar. In L. Weber & M. A. Dessen (Orgs.). **Pesquisando a família**: instrumentos para coleta e análise de dados. Curitiba: Juruá, 2009, p.102-114.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.16, n. 3, 2000, p. 221-231.

DESSEN, M. A.; MURTA, S. G. A metodologia observacional na pesquisa em psicologia: Uma visão crítica. **Cadernos de Psicologia**, v.1, 1997, p. 47-60.

DESSEN, M. A.; SZELBRACIKOWSKI, A. C. As crianças pré-escolares com problemas de comportamento exteriorizado e dinâmica familiar. **Interação em Psicologia**, v. 8, 2004, p. 171-180.

DICKSON K.L.; WALKER, H.; FOGEL, A. The Relationship Between Smile Type and Play Type During Parent-Infant Play. **Developmental Psychology**, v. 33, n. 6, 1997, p. 925-933.

ECCLES, J. S.; ROESER, R. W. School and community influences on human development. In M. H. Bornstein & M. E. Lamb (Eds.), **Developmental psychology: an advanced textbook**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 4th ed., 1999, p.451-502.

EDENS, J.; CAVELL, T.; HUGHES, J. The self-systems of aggressive children: A cluster-analytic investigation. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 40, 1999, p. 441-453.

EISENSTEIN, E.; SOUZA, R. P. **Situações de risco à saúde de crianças e adolescentes**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FEITOSA, F. B. **Relação família-escola**: Como pais e professoras avaliam e reagem ao repertório social de crianças com e sem dificuldades de aprendizagem. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, SP, 2003.

FERREIRA, M. C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, 2002, p. 35-44.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, v. 8 (spe), 2003, p. 31-38.

FLEITLICH-BILYK, B.; GOODMAN, R. Prevalence of child and adolescent psychiatric disorders in Southeast Brazil. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 43, n. 6, 2004, p. 727-734.

FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, 2007, p. 503-511.

FREITAS, M. G.; ROCHA, M. M. Atendimento a crianças com desempenho escolar insatisfatório. In C. G. Almeida (Org.). **Intervenções em grupos: Estratégias psicológicas para a melhoria da qualidade de vida**. Campinas, SP: Papirus, 2003, p. 11-21.

FURNISS, T.; BEYER, T.; GUGGNMOS, J. Prevalence of behavioural and emotional problems among six-years-old preschool children. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 41, n. 5, 2006, p. 394-399.

GAGNON, C., VITARO, F., & TREMBLAY, R. E. Parent-teacher agreement on kindergartners' behavior problems: A research note. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 33, 1992, p. 1255-1261

GARMEZY, N. Stress-resistant children: the research for protective factors. In: J. E., Stevenson (Org.). **Aspects of Current Child Psychiatry Research**. Oxford: Pergamon, 1985.

GESELL, A. **Infancy and human growth**. New York: MacMillan Company, 1928.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos e pesquisa**. 3a ed. São Paulo: Atlas; 1995, p. 58

GILES, J. W.; HEYMAN, G. D. Young children's beliefs about the relationship between gender and aggressive behavior. **Child Development**, n. 76, v. 1, 2005, p. 107-121.

GUILLE, L. Men who batter and their children: An integrated review. **Agression and Violent Behavior**, n. 9, v. 2, 2004, p. 129-163.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record; 1997, p.88.

GOLDIAMDOND, I. Toward a constructional approach to social problems: ethical and constitutional issues raised by applied behavioral analysis. **Behavior and social issues**, v. 11, n. 2, 2002, p.108-197. (Texto original publicado em 1974)

GOMIDE, P. I. C. Estilos parentais e comportamento anti-social. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.). **Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção**. Campinas: Editora Alínea, 2003, p. 21-61.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais. Modelo teórico**: Manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GOODE, W.J, HATT, P.K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 5a ed., 1979, p. 422.

HAROKOPIO, K. M. K. Understanding fatherhood in Greece: father's involvement in child care. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16 , 2000, p. 12-22.

HASHIMA, P.Y.; AMATO, P.R. Poverty, social support, and parental behavior. **Child Development**, 65, 1994, p. 394-403.

HILL, N. E.; CASTELLINO, D. R.; LANSFORD, J. E.; NOWLIN, P.; DODGE, K. A.; BATES, J. E.; PETTIT, G. S. Parent academic involvement as related to school behavior, achievement and aspirations: Demographic variations across adolescence. **Child Development**, 75(5), 2004, p. 1491-1509.

HILL, S.Y.; LOCKE, J.; LOWERS, L.; CONNOLLY, J. Psychopathology and achievement in children at high risk for developing alcoholism. **J Am Acad Child Adolesc Psychiatry**, 1999; v. 38, n. 7, p. 883-91.

HINSHAW, S. P. Externalizing behavior problems and academic underachievement in childhood and adolescence: causal relationships and underlying mechanisms. **Psychological Bulletin**, v. 111, n. 2, 1992, p. 127-155.

HOLDEN, G. W., GEFFNER, R.; JOURILES, E. N. **Children exposed to marital violence: theory, research, and applied issues**. Washington: American Psychology Association, 1998.

HOROWITZ, F. D. The concept of risk: A reevaluation. In Friedman, S. L., Sigman, M. D. (Eds.). **The psychological developmental of birthweight children**. Norwood: Ablex, 1992, p. 61-88.

KAISER, A. P.; HESTER, P. P. Prevention of conduct disorder through early intervention: a social communicative perspective. **Behavioral Disorders**, v. 22, n. 3, Mai. 1997, p. 117-130.

KANFER, F. H.; SASLOW, G. Outline for behavioral diagnosis. In E. J. Mash & L. G. Terdal (Orgs.), **Behavior therapy assessment** New York: Springer Publishing Company, 1976, p. 495-506.

KAZDIN, A. E.; WEISZ, J. R. Context and background of evidence-based psychotherapies for children and adolescents. In _____ (orgs.). **Evidence-Based psychotherapies for children and adolescent**. New York: The Guilford Press, 2004, p. 3-20.

KISHIMOTO, T. M. Froebel e a concepção de jogo infantil. **Revista da Faculdade de Educação**. USP, São Paulo, v. 22, n. 1, 1996, p. 145-168.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KREPPNER, K. Sobre a Maneira de Produzir Dados no Estudo da Interação Social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 17, n. 2, Mai-Ago 2001, p. 97-107.

KREPPNER, K. **Aplicando a metodologia de observação em psicologia do desenvolvimento e da família**. DESSEN, M. A. (trad.). Curitiba: Juriá, 2011.

KUMPULAINEN, K.; RÄSÄNEN, E.; HENTTONEN, I.; MOILANEN, I.; PIHA, J., PUURA, K.; TAMMINEN, T. Children's behavioural /emotional problems: A comparison of parents' and teachers' reports for elementary school-aged children. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v. 8, 1999, p.41-47.

LABRELL, F. Paternal play with toddlers: Recreation and creation. **European Journal of Psychology of Education**, v.11. n. 1, 1996, p. 43-54.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAMB, M. E. Fathers and child development: An introductory overview and guide. Em M. E. Lamb (Org.), **The role of the father in child developmental**. New York: John Wiley & Sons, 1997, p. 1-18.

LAVILLE, C.; DIONE, J. **A Construção do Saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 340.

LEME, V. B. R. **Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares e sua relação com as habilidades sociais educativas parentais**. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, 2008.

LINDSEY, E. W.; MINE, J. Parent-child physical and pretense play: Links to children's social competence. **Merrill-Palmer Quarterly**, v. 46, n. 4, 2000, p. 565.

LINHARES, M. B. M.; PARREIRA, V. L. C.; MARTURANO, A. C.; SANT'ANNA, S. C. Caracterização dos motivos da procura de atendimento infantil em um serviço de psicopedagogia clínica. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 2, 1993, p. 148-160.

LISBOA, C. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção**. Tese de doutorado não-publicada, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LISBOA, C.; KOLLER, S. H.; RIBAS, F. F.; BITENCOURT, K.; OLIVEIRA, L.; PORCIÚNCULA, L. P. Estratégias de *coping* de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 2, 2002, p. 345-362.

LÜDKE, M; MEDA, A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARIANO, M. L. **Análise de Práticas Educativas de Professores na Interação com alunos com e sem problemas de Comportamento**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2011, 162 f.

MARINHO, M. Comportamento anti-social infantil: questões teóricas e de pesquisa. In: A. Del Prette; Z. A. P. Del Prette (orgs). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção**. Campinas: Alínea, 2003, p. 61-81.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. Brincadeira e práticas educativas familiares: um estudo com famílias de baixa renda. **Interações**, São Paulo, v. 11, n. 21, jun. 2006.

MARTURANO, E. M. Fatores de risco e proteção no desenvolvimento sócio-emocional de crianças com dificuldades de aprendizagem. Em E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.), **Avanços recentes em Educação Especial**. São Carlos: EDUFSCar, 2004, p. 159-165.

MARTURANO, E. M.; LOUREIRO, S. R. O desenvolvimento socioemocional e as queixas escolares. Em A Del Prette e Z. A. P. Del Prette (Orgs.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem**. Campinas, Alínea, 2003.

MARTURANO, E. M.; PARREIRA, V. L. C.; BENZONI, S. A. G. Crianças com queixa de dificuldade escolar: avaliação das mães através da Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter. **Estudos de Psicologia**, v. 14, 1997, p. 3-15.

MARTURANO, E. M.; TOLLER, G. P. Elias, L. C. S. Gênero, adversidade e problemas socioemocionais associados à queixa escolar. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 22, n. 4, 2005.

MASTEN, A. S.; COASTWORTH, J. D. Competence, resilience and psychopathology. Em D. Cichetti & D. J. Cohen (Orgs.), **Developmental psychopathology**. New York: Wiley, 1995, p. 715-752.

MASTEN, L.; COASTWORTH, J. D. The development of competence in favorable and unfavorable environments. Lessons From Research on Successful Children. **American Psychologist**, v.53, 1998, p. 205-220.

MATOS, M. A. Análise funcional do comportamento. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, 1999, p. 8-18.

MEDEIROS, P. C.; LOUREIRO, S. R. A observação clínica do comportamento de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. In: MARTURANO, E. M. ; LINHARES, M. B. M.; LOUREIRO, S. R. (orgs). **Vulnerabilidade e proteção: indicadores na trajetória de desenvolvimento do escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 107-122.

MEDEIROS, P. C.; LOUREIRO, S. R.; LINHARES, M. B. M.; MARTURANO, E. M. A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v.13, n. 3, 2000, p. 327-336.

MELO, M. H. S. **Um atendimento psicológico preventivo numa clínica-escola de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1999.

MELO, M. H. S.; SILVARES, E. F. M. Grupo cognitivo-comportamental com famílias de crianças com déficits em habilidades sociais e acadêmicas. **Temas em Psicologia**, v. 11, n. 2, 2003.

MELLO, C.O.; SPERB, T. M. Para além dos objetos, sem perdê-los de vista. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 13, n. 1, 1997, p. 153-160.

MELCHIORI, L.E. **Desenvolvimento e comportamento de bebês (de 0 a 2 anos) na rotina, segundo a visão das educadoras de ambiente coletivo**. 1999. 218f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1999.

MELCHIORI, L. E; KUSUMI, P.; RODRIGUES, O. M. P. R.; VALLE, T. G.; CAPELLINI, V. L. M. F.; NEME, C. M. B. Percepção de risco de pessoas envolvidas com intoxicação por chumbo. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, Apr. 2010.

MINETTO, M. F.; CREPALDI, M. A.; BIGRAS, M.; MOREIRA, L. C. Práticas educativas e estresse parental de pais de crianças pequenas com desenvolvimento típico e atípico. **Educar em Revista**, v.43, 2012, p. 117-132.

MOREIRA, G.M. **Recursos e Condições Adversas na história pregressa de escolarização de crianças de 4ª série do Ensino Fundamental**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2006.

MOTTA, D. C.; FALCONE, E. M. O; CLARK, C.; MANHÃES, A. C. Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. **Psicologia em Estudo**, v. 11, 2006, p. 523-532.

NOVAK, G.; PELÁEZ, M. **Child and adolescent development: a behavioral systems approach**. London: SAGE Publications, 2003.

OLIVEIRA, E. A.; MARIN, A. H.; PIRES, F. B.; FRIZZO, G. B.; RAVANELLO, T.; ROSSATO, C. Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, nº 15, 2002, p.1-11.

OLSON, S. L. Early developmental precursors of externalizing behavior in middle childhood and adolescence. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 44, n. 2, 2000, p. 329-335.

ORTEGA, R. (1990). **Jugar y aprender**. Sevilla: Diada Editoras.

PAIANO, M.; ANDRADE, B.B; CAZZONI, E; ARAÚJO, J. J.; WAIDMAN, M.A.P.; MARCON, S.S. Distúrbios de conduta em crianças do ensino fundamental e sua relação com a estrutura familiar. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 17, n. 2, ago. 2007, p. 111-121

PARREIRA, V. L. C.; MARTURANO, E. M. Problemas de comportamento em crianças com dificuldade de aprendizagem escolar, segundo o relato das mães. **Psico**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, 1998, p. 89-108.

PATTERSON, G. R.; DEBARYSHE, B. D.; RAMSEY, E. A developmental perspective on antisocial behavior. **American Psychologist**, v. 44, n. 2, fev. 1989, p. 329-335.

PATTERSON, G. R.; REID, J.; DISHION, T. **Antisocial boys**: comportamento anti-social. Tradução de Aléa Cristina de Lima e Giovana Veloso Munhoz da Rocha. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002, 163p. (Trabalho original publicado em 1992).

PESCE, R. Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, abr. 2009.

PIAGET, J. (1946/1971). **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar.

RAE-GRANT, N.; THOMAS, B. E.; OFFORD, D. R.; BOYLE, M. H. Protective factors, and the prevalence of behavior and emotional disorders in children and adolescents. **Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 28, n. 2, 1989, p. 262-268.

RIBAS Jr, R. C.; BORNSTEIN, M. H. Parenting Knowledge: Similarities and Differences in Brazilian Mothers and Fathers. **Revista Interamericana de Psicología**, v. 39, n. 1, 2005, p. 5-12.

RICHMOND, M. K.; STOCKER, C. M. Longitudinal associations between parents' hostility and siblings' externalizing behavior in the context of marital discord. **Journal of Family Psychology**, v. 22, 2008, p. 231-240.

RIDENTI, S. G. U. A desigualdade de gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos. In: _____. ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Org.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: Ecos/Editora 34, 1998. p. 163-184.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Quando o executivo é uma "dama": a mulher, a carreira e as relações familiares. In: _____. **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. p. 57-77.

ROMARO, R. A.; CAPITÃO, C. G. Caracterização da clientela da clínica-escola de psicologia da Universidade de São Francisco. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 5, n. 1, 2003, p. 111-121.

ROOPNARINE, J.L. et al. Characteristics of Holding, Patterns of Play, and Social Behaviors Between Parents and Infants in New Delhi, India. **Developmental Psychology**, v. 26, n. 4, 1990, p. 667-673.

RUTTER, M. Resilience in the face of adversity. **British Journal of Psychiatry**, 147, 1985, p. 598-611.

SALVO, C. G.; SILVARES, E. F. M.; TONI, P. M. Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. Campinas. **Estudos de Psicologia**, nº 22, 2005, p.187-195.

SALVO, C. G.; MAZZAROTTO, I. H. K.; LOHR, S. S. Promoção de habilidades sociais em pré-escolares. **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo, v. 15, n. 1, abr. 2005.

SALUM E MORAIS, M.L.; CARVALHO, A. M. AFaz-de-conta: tema, papéis e regras na brincadeira de crianças de quatro anos. **Boletim de Psicologia**, XLIV (100/101), 1994, p. 21-30.

SANT'ANNA, R.C. Uma análise de relatos verbais na primeira pessoa no contexto clínico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.10, n. 3, 1994, p. 489-494.

SATAKE, H.; YOSHIDA, K.; YAMASHITA, H.; KINUKAWA, N.; TAKAGISHI, T. Agreement between parents and teachers on behavioral/emotional problems in Japanese school children using the Child Behavior Checklist. **Child Psychiatry and Human Development**, 34, 2003, p.111-126.

SEI, M. B.; SOUZA, C. G. P.; ARRUDA, S. L. S. O sintoma da criança e a dinâmica familiar: orientação de pais na psicoterapia infantil. **Vínculo**, São Paulo, v. 5, n. 2, dez. 2008 .

SIDMAN, M. Functional analysis of emergent verbal classes. In T. Thompson & M. Zeiler (Orgs.), **Analysis and integration of behavioral units** Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1986, p. 213-245.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

SILVA, A. T. B. **Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com habilidades sociais educativas de pais**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São, São Carlos, 2000.

SILVA, N. L. P.; Dessen, M. A. Crianças com síndrome de Down e suas interações familiares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, 2003, p. 503-514.

SILVA, M. A.; BATISTA, C. G. Mediação semiótica: estudo de caso de uma criança cega, com alterações no desenvolvimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, 2007, p. 148-156.

SILVARES, E. F. M.; GONGORA, M.A.N. **Psicologia clínica comportamental. A inserção da entrevista com adultos e crianças**. São Paulo: Edicon, 1998.

STAKE, R.E. **Case studies**. In: Denzin NK, Lincoln YS (eds). **Handbook of qualitative research**. London: Sage; 2000, p. 436.

SZELBRACIKOWSKI, A. ; DESSEN, M. A. Compreendendo a agressão na perspectiva do desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen & A. L. C. Junior (Orgs.), **A ciência do desenvolvimento: tendências atuais e perspectivas futuras** Porto Alegre: ArtMed, 2005, p. 113-131.

TERMINE, N.T.; IZARD, C.E. Infants' responses to their mothers' expressions of joy and sadness. **Developmental Psychology**, v. 24, n. 2, 1988, p.223-229.

TOULIATOS, J.; LINDHOLM, B. W. Congruence of parents' and teachers' ratings of children's behavior problems. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 9, 1981, p. 347-354.

TOWE-GOODMAN, N. R.; TETI, D. M. Power assertive discipline, maternal emotional involvement, and child adjustment. **Journal of Family Psychology**, v.22, 2008, p. 648-651.

TRIVELLATO-FERREIRA, M. C.; MARTURANO, E. M. Recursos da criança, da família e da escola predizem competência na transição da 1ª série. **Interam. Psychol.**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, dez. 2008.

TUDGE, J.; HAYES, S.; DOUCET, F.; ODERO, D.; KULAKOVA, N.; TAMMEVESKI, P.; MELTSAS, M.; LEE, S. Parents' participation in cultural practices with their preschoolers. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 1, 2000, p. 1-10.

UCHINO, B.N.; CACIOPPO, J.T.; KIECOLT-GLASER, J.K. (1996). The relationship between social support and physiological processes: A review with emphasis on underlying mechanisms and implications for health. **Psychological Bulletin**, n. 119, 1996, p. 488- 531.

VENTURA, M. M. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. Revista SOCERJ. Pedagogia Médica, v. 20, nº 5; setembro/outubro, 2007, p. 383-386.

VILLAS BOAS, A. C. V. B. V.; BOLSONI-SILVA, A.T. Habilidades sociais educativas de mães separadas e sua relação com o comportamento de pré-escolares. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 15, n. 3, Dec. 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VILA, E. M. **Treinamento de Habilidades Sociais em grupo com professores de crianças com dificuldade de aprendizagem**: uma análise sobre procedimentos e efeito da intervenção. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, SP, 2005.

VITARO, F; DOBKIN, P.L.; CARBONNEAU, R.; TREMBLAY, R.E. Personal and familial characteristics of resilient sons of male alcoholics. **Addiction**, 1996, v. 91, n. 8, p. 1161-77.

VITOLO, Y. L. C.; FLEITLICH-BILYK, B.; GOODMAN, R. Crenças e atitudes educativas dos pais e problemas de saúde mental em escolares. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 5, Oct. 2005, p. 716-24.

WAGNER, A., PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pais e mães na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n.21, v.2, 2005, p.181-186.

WEBER, L. **Eduque com carinho: para pais e filhos**. Curitiba: Juruá, 2005.

WEBER, L. N. D.; VIEZZER, A. P. ; BRANDENBURG, Olivia Justen. O uso de palmadas e surras como prática educativa. **Estudos de Psicologia** , Natal, v. 9, n. 2, Aug. 2004

WERNER, E. E. Protective factors and individual resilience. In: MEISELS, S. J.; SKONKOFF, P. (Orgs). **Handbook of Early Childhood Intervention**. Nova York: Cambridge University Press, 1998, p. 97-116.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2a ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANOTTO, M. L. B. **Formação de Professores: A contribuição da Análise Comportamental a partir da visão Skinneriana de ensino**. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 1997.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA PROFESSORES**

Eu, _____, RG no _____, professora da _____ (ano/série) da EMEF _____ fui convidada a participar da pesquisa: “Caracterização das práticas parentais e repertório comportamental de escolares de séries iniciais do Ensino Fundamental” com o objetivo de descrever as práticas educativas parentais e repertório comportamental de escolares nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Minha participação nesta pesquisa objetiva assinalar, a partir de uma lista pronta, as características comportamentais de meus alunos na EMEF, visando a seleção dos participantes para a continuidade da pesquisa. Antes de assinar este termo, e de livre vontade, aceitei o convite, tendo sido esclarecida sobre os seguintes aspectos:

1 – Esta pesquisa tem orientação e co-orientação das psicólogas e docentes do Departamento da Pós-Graduação do Curso de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Campus Bauru-SP, Dr^a Ligia Ebner Melchiori e Dr^a Alessandra Turini Bolsoni Silva; e como pesquisadora Bárbara Cristina Rodrigues Fonseca, aluna devidamente matriculada no referente curso;

2 – Eu posso me recusar a participar da pesquisa ou interromper minha participação sem que isto se constitua em qualquer prejuízo para mim.

Tendo lido e sido devidamente esclarecido sobre o objetivo da pesquisa, e por aceitar que os resultados deste estudo possam ser utilizados com finalidades científicas, sem identificar os participantes individualmente, concordo em participar.

Minha assinatura demonstra que concordei livremente em participar desta pesquisa.

Assinatura do Responsável

Data: ___/___/___

Responsável pelo esclarecimento: _____

PESQUISADORA

Certifico que expliquei à participante _____ a natureza, os objetivos, benefícios e possíveis riscos associados à sua participação nesta pesquisa; e que respondi todas as questões que me foram feitas e testemunhei a assinatura nos termos de Consentimento Livre e Esclarecido dos envolvidos.

Assinatura da Pesquisadora Responsável: _____

Data: ___/___/___

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA PAIS**

Eu, _____, RG no _____, fui convidado a participar da pesquisa: “Caracterização das práticas parentais e repertório comportamental de escolares de séries iniciais do Ensino Fundamental” com o objetivo de descrever as práticas educativas parentais e repertório comportamental de escolares nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Antes de assinar este termo, e de livre vontade, aceitei o convite, e autorizo a participação do meu filho/a

_____ tendo sido esclarecido/a sobre os seguintes aspectos:

1 – Esta pesquisa tem orientação e co-orientação das psicólogas e docentes do Departamento da Pós-Graduação do Curso de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Campus Bauru-SP, Dr^a Lígia Ebner Melchiori e Dr^a Alessandra Turini Bolsoni Silva; e como pesquisadora Bárbara Cristina Rodrigues Fonseca, aluna devidamente matriculada no referente curso;

2 – A coleta de dados será realizada através de entrevistas, questionários e observação da interação entre eu e meu filho/a, em encontros com datas previamente agendadas e de comum acordo;

3 – Posso me recusar a participar da pesquisa ou interromper minha participação sem que isto se constitua em qualquer prejuízo para mim ou meu filho/a.

Tendo lido e sido devidamente esclarecido sobre o objetivo da pesquisa, e por aceitar que os resultados deste estudo possam ser utilizados com finalidades científicas, sem identificar os participantes individualmente, concordo em participar.

Minha assinatura demonstra que concordei livremente em participar desta pesquisa.

Assinatura do Responsável

Data: ____/____/____

Responsável pelo esclarecimento: _____

PESQUISADORA

Certifico que expliquei ao participante _____ e ao seu responsável _____ a natureza, os objetivos, benefícios e possíveis riscos associados à sua participação nesta pesquisa; e que respondi todas as questões que me foram feitas e testemunhei a assinatura nos termos de Consentimento Livre e Esclarecido dos envolvidos.

Assinatura da Pesquisadora Responsável: _____

Data: ___/___/___

APÊNDICE C- DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS DA FILMAGEM

A presente pesquisa utilizou as subcategorias do RE-HSE: Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P) e Práticas Educativas Negativas (PR NEG) dos genitores, Habilidades Sociais (HS) e Problemas de Comportamento das crianças e Variáveis de contexto (CONT), as quais foram organizadas conforme três grandes categorias (molares): (a) *Comunicação*; (b) *Expressão de Sentimentos* e (c) *Enfrentamento e Estabelecimento de Limites*.

Comunicação é uma categoria de prática educativa e comportamentos dos filhos correspondente a três perguntas do RE-HSE-P: 1- Você conversa com seu filho?; 2- Você faz perguntas a seu filho?; 3- Você faz perguntas sobre sexualidade a seu filho?; 4- Após cada uma dessas questões o respondente é solicitado a falar sobre a frequência com que apresenta tais comportamentos (frequentemente, algumas vezes e nunca/quase nunca, a partir de instruções previstas no instrumento). Para as pessoas que responderam frequentemente ou algumas vezes foram conduzidas perguntas adicionais acerca da qualidade das interações estabelecidas entre pais e filhos quanto às ocasiões em que ocorriam e o comportamento dos filhos contingentes ao comportamento das mães. As respostas, a partir de análise de conteúdo, foram agrupadas em sete subcategorias (moleculares) previstas pelo instrumento RE-HSE-P validado que são: (a) variáveis de contexto: diversos momentos do dia, sobre temas diversos, diante de comportamentos dos filhos do tipo externalizante (desobedecer, agredir), sobre namoro/sexo/doenças sexualmente transmissíveis; (b) o conteúdo da conversa: concepção de certo e errado; (c) comportamentos dos filhos: habilidoso e problema de comportamento contingente a resposta da mãe.

Expressão de Sentimentos e Enfrentamento é uma categoria de prática educativa e comportamentos dos filhos correspondente a quatro perguntas do RE-HSE-P: 1- Você expressa sentimentos positivos a seu filho?; 2- Você expressa sentimentos negativos a seu filho?; 3- Você expressa suas opiniões a seu filho? 4- Você faz carinhos a seu filho? Após cada uma dessas questões o respondente é solicitado a falar sobre a frequência com que faz tais comportamentos e, na sequência, foram conduzidas perguntas adicionais acerca da qualidade das interações estabelecidas entre pais e filhos quanto às ocasiões em que ocorriam, a forma do comportamento da mãe e o comportamento do filho contingente ao da mãe. As respostas, a partir de análise de conteúdo prevista pelo instrumento RE-HSE-P, foram agrupadas em 12 subcategorias: a) variáveis de contexto: situações diversas, problemas pessoais das mães, descuido com o ambiente, após ter dado bronca para o comportamento do filho, diante de algo bom que a criança tenha feito, em situação de lazer e quando a criança não está se sentindo bem; (b) a forma do comportamento da mãe em duas classificações de HSE-P (comunica-se e expressa sentimentos e enfrentamento) e prática educativa negativa (bater, gritar); (c) comportamentos dos filhos: habilidoso e problema de comportamento (internalizante e externalizante).

Estabelecimento de Limites é uma categoria de prática educativa e comportamentos dos filhos correspondente a quatro perguntas do RE-HSE-P: 1- Porque é importante estabelecer limites e o que faz para estabelecer limites? 2- Seu filho faz coisas que você gosta? 3- Seu filho faz coisas que você não gosta? 4- Acontece de você fazer algo em relação a seu filho e considerar como errado? Após cada uma dessas questões o respondente é solicitado a falar sobre a frequência com que faz tais comportamentos e, na sequência, a responder perguntas adicionais acerca da qualidade das interações estabelecidas quanto às ocasiões em que ocorriam, a forma do comportamento da mãe e o comportamento do filho contingente ao da mãe. As respostas, a partir de análise de conteúdo prevista pelo instrumento

RE-HSE-P, foram agrupadas em 11 subcategorias: (a) variáveis de contexto: diante da obediência do filho, diante da expressão de afeto do filho, diante de problema de comportamento do filho, para ensinar o que é certo e errado, para ter controle do comportamento do filho, para proteger a saúde do filho e em contexto de lazer; (b) a forma do comportamento da mãe em duas classificações de HSE-P (comunica-se e expressa sentimentos e enfrentamento) e prática educativa negativa (bater, gritar, ficar quieta/ não fazer nada); (c) comportamentos dos filhos: habilidoso e problema de comportamento (internalizante e externalizante).

APÊNDICE E – TABELA DE SÍNTESE DE RESULTADOS

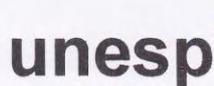
COMPORTAMENTOS DOS GENITORES E PROFESSORAS (RE-HSE-P e RE-HSE-PR)		ANDRÉ			BEATRIZ			CAIO			DAIANE		
		Pai	Mãe	Prof.	Pai	Mãe	Prof.	Pai	Mãe	Prof.	Pai	Mãe	Prof.
Habilidades Sociais Educativas (HSE)	Qualidade	C	L	NC	C	NC	NC	C	L	NC	C	C	NC
	Frequência	C	C	L	C	C	NC	C	C	NC	C	C	NC
Variáveis de contexto	Qualidade	NC	NC	NC	C	NC	NC	NC	NC	NC	NC	C	NC
	Frequência	C	C	C	C	C	C	NC	NC	C	L	L	C
Práticas Educativas Negativas	Qualidade	NC	NC	NC	NC	NC	NC	C	C	C	L	C	NC
	Frequência	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC

COMPORTAMENTOS DAS CRIANÇAS (Segundo os genitores e professoras)		ANDRÉ			BEATRIZ			CAIO			DAIANE		
		Pai	Mãe	Prof.	Pai	Mãe	Prof.	Pai	Mãe	Prof.	Pai	Mãe	Prof.
Problemas de Comportamento	TRF	X	X	NC	X	X	NC	X	X	C	X	X	C
	CBCL	NC	NC	X	NC	NC	X	NC	L	X	C	C	X
		RE-HSE	NC	NC	NC	NC	NC	NC	C	C	C	L	C
Desempenho Acadêmico	TRF	NC	NC	NC	NC	L	NC	C	C	C	C	L	L
	RE-HSE	X	X	NC	X	X	NC	X	X	C	X	X	C
Habilidades Sociais Infantis (HS)	Qual	C	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC	NC
	Freq	C	NC	C	C	L	L	C	NC	L	C	C	C

Total Positivo	Qualidade	L	NC										
	Frequência	C	L	L	C	L	NC	NC	NC	NC	C	C	NC
Total Negativo	Qualidade	NC	NC	NC	NC	NC	NC	C	C	C	C	C	C
	Frequência	NC	NC	NC	NC	NC	NC	C	C	C	C	L	NC

NC= Não Clínico; L=Limítrofe; C=Clínico

ANEXOS

ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, em sua 60ª Reunião Ordinária realizada no dia 17 de dezembro de 2010, no Prédio do STI da Faculdade de Ciências - UNESP, Campus de Bauru, às 09h00, após análise do parecer emitido pelo relator **APROVA** o projeto “Caracterização das práticas parentais e repertório comportamental de escolares de séries iniciais do Ensino Fundamental”, Processo nº 2071/46/01/10, sob responsabilidade da Professora Doutora Ligia Ebner Melchiori.

Bauru (SP), 17 de dezembro de 2010



PROF. DR. ARI FERNANDO MAIA
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Av. Engº Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa - Bauru-SP - CEP: 17.033-360
Fone: (14) 3103-8187 - email: cellari@fc.unesp.br